
REVISTA
DA SEMANA
Nº 46 - 14-11-1963 - Cr$ 5,00 em todo
MIRIAM
ESTÁ
COM TUDO

de paris

a expressão máxima para o verão

"Silhouette Agile"

Organdi

PARAMOUNT

Paris se expressa na linguagem sutil das flôres... na leveza dos tecidos... numa silhueta ágil, que passa pelos olhos como dádiva divina. Assim é a moda parisiense para a primavera e o verão. Vaporosa, irradiante de vida e de côres, na composição de uma elegância única, que só um tecido de fina textura, leve, armado, como o Organdi Permanente Paramount pode compôr. Organdi Permanente Paramount em côres e desenhos modernos, mais um motivo de encanto para o verão brasileiro.



ORGANDI PERMANENTE PARAMOUNT

Um produto da INDÚSTRIA DE TECIDOS PARAMOUNT S. A.

À venda nas boas Casas do Ramo — Exija na ourela a marca Paramount

REVISTA DA SEMANA

Os baianos federais 7/ 9
A corrida eleitoral 10/11
Na eleição da Rainha da Primavera 13/17
Domadas do ar as manadas de cavalos selvagens 27/30
Miriam está com tudo 31/33
O Xá aperta o gatilho 36/37
Os sacos de pancada 45/47
O Brasil presta contas a êstes homens 51/53
Alves Pinheiro perde a fome quando é «furado» 56/57

Por êsse mundo de Deus 4/ 6
Rádio 12
Cinema 18
Teatro 44
A semana em revista 54/55

CAPA: **MIRIAM BRU (Foto Apla)**

● Redator-Chefe: **Joel Silveira**

● Paginação: **Victor Tapajós**

● Desenhos: **Alberto Lima**

● Publicidade: **J. M. Costa Júnior**

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933. — Propriedade da CIA. EDITÔRA AMERICANA.

● Diretor: **Gratuliano Brito**

● Assistente: **Renato de Alencar**

ENDERÊÇO E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES

Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SAO PAULO

Distribuição: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Tel.: 34-1569 Publicidade: M. Gonçalves da Silva — Rua 15 de Novembro, 228, 5º andar, sala 517 — Tel.: 33-4811

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ...	Cr$ 250,00
Seis meses	Cr$ 125,00
Registrada — Um ano	Cr$ 280,00
Seis meses	Cr$ 140,40

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 400,00
Seis meses	Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 60 páginas.

NESTE NÚMERO:

• O BRASIL PRESTA CONTAS A ÊSTES HOMENS

• OS BAIANOS FEDERAIS

• Alves Pinheiro perde a fome quando é "furado"

• O XÁ APERTA O GATILHO

• NÃO TERIA EXISTIDO O MACACO DE DARWIN?

POR ÊSSE MUNDO DE DEUS



"GONE WITH THE WINDSORS"

É o título de um livro recente que vem provocando a Grã-Bretanha. O autor, Iles Brody de nome, não pretendeu fazer escândalo e sim fazer obra de historiador, alarmado com a série de mentiras que circulam sôbre o famoso casal.

— Oh! David, mas se você não é mais rei da Inglaterra, não poderia pelo menos permanecer imperador das Indias?

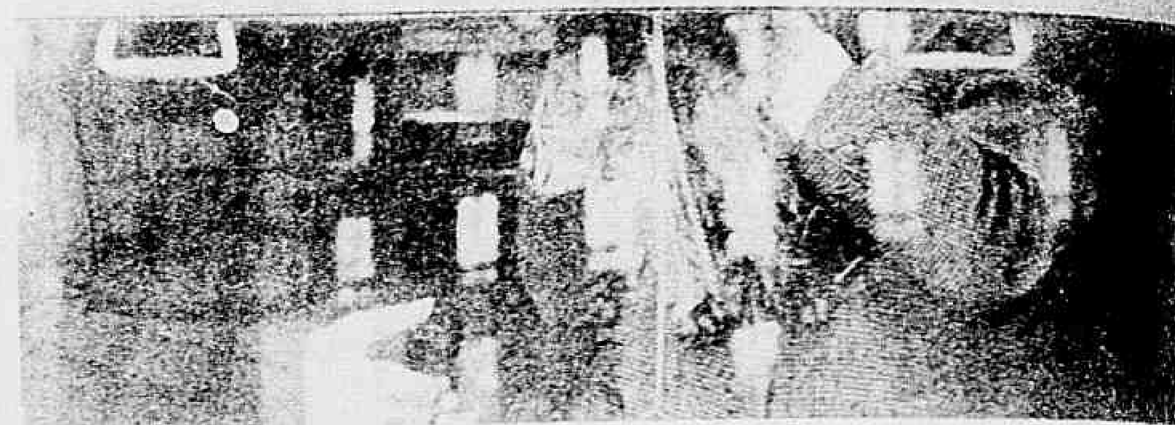
Eis uma das frases que a «tradição» empresta a Wallis Simpson, quando Eduardo VIII lhe anunciou que iria abdicar por amor dela. Frase que Iles Brody não contesta nem ratifica por falta de elementos.

Mas o livro nem sempre é tão indeciso. O autor, por exemplo, diz que o romance entre o rei e a americana (sulista) não merece o título hiperbólico de «o maior amor do século». Como também, a seu ver, dar à duquesa o título de «a mulher mais bem vestida do mundo» é uma séria falsificação histórica. Quanto ao livro de memórias do próprio personagem histórico é para Iles Brody apenas um farto e apetitoso material de pesquisas.

● A DUQUESA — Segundo o americano Cholly Knickerboker (o Jacinto de Thormes do país irmão), a duquesa de Windsor abre a fila entre as dez mais elegantes mulheres do mundo. Wallis Simpson não mede sacrifícios para manter essa liderança. Seu orçamento anual para compra de roupas nunca é inferior a 34.000 libras esterlinas (a libra está valendo 122 dos nossos cruzeiros). O preço de seus vestidos, podemos assegurar, não é de ocasião: entre 130 a 700 libras. Depois de usar um dêsses vestidos em uma «soirée», que faz a duquesa? Não os aposenta no guarda-roupa mas os vende a uma de suas amigas íntimas.

Em Milão leva-se o "Moulin Rouge", de Pierre La Mure, no palco. O ator Giancarlo Sbragia tem que usar um aparelho especial (que não se diria ortopédico) para representar o papel de Toulouse-Lautrec.





Em matéria de jóias a duquesa é modesta: um broche de diamantes, dois às vêzes, e brincos. O fraco de Wallis está nos pés. Informa o historiador que, mesmo no tempo em que ela era espôsa de um homem pobre, já tinha o salutar hábito de encomendar menos de dezoito sapatos de uma só vez. E se faça a justiça de que a duquesa, tendo melhorado de muito sua mesada, com o passar dos anos, continuou a encomendar **apenas** 18 pares de sapato de cada vez. Iamos esquecendo: a duquesa tem outro fraco, os chapéus, de que é recordista mundial: já lhe aconteceu — verdade histórica — ter comprado em um só dia quarenta e cinco de um golpe.

Para aparentar menos idade do que a real, a duquesa não usa apenas o expediente dos modistas: uma massagista a visita tôdas as manhãs, e um cabeleireiro, tôdas as tardes. Graças a êsses cuidados, afirma Iles Brody, Wallis é muito mais bela do que aparece nas fotografias, que a traem bastante, sobretudo no nariz e no queixo, que as câmaras acentuam demais, como pequenos e desagradáveis promontórios. O autor nada nos sabe adiantar sôbre os resultados das visitas freqüentes que a duquesa fêz a um endocrinologista-gerontologista de Park Avenue. A gerontologia, como sabem os leitores, é a ciência que estuda os agravos da velhice sôbre o organismo e procura coibi-los.

Wallis Simpson casou-se primeiramente com o tenente Spencer, de quem se divorciou — o rapaz foi servir em Shangai. Seu segundo marido foi Simpson. Quanto a seu encontro com o rei, há várias versões: Iles Brody mostra um certo entusiasmo pela versão prosaica mas bastante sadia de que Eduardo VIII se rendeu às virtudes culinárias de madame Simpson: **meu trono por dois ovos escalfados**. Aliás, também se conta que Júlio César assaltou a Grã-Bretanha pela segunda vez, gritando: «Nunca vi ostras tão boas em minha vida!»

Enfim, não é só no Brasil que existe História do Brasil.

● O DUQUE — Wallis gosta de chamá-lo **homenzinho** («**the little man**»). O duque teve os seus momentos difíceis na vida: baste lembrar que o seu **História de um Rei** deu um trabalhão medonho. Nada menos do que trinta e sete pessoas o ajudaram a se lembrar dos principais acontecimentos de sua própria vida. Em compensação, seus direitos autorais foram dignos de um rei. Alguns exemplares de luxo, autografados, chegaram a ser vendidos, e não para todo mundo, a cem dólares (três vêzes mais caro do que «A Borboleta Amarela»).

Sòmente um homem no mundo teve a indelicadeza de fazer o duque esperar por mais de uma hora, mas dêsse também a gente não podia imaginar outra coisa: Adolph Hitler. Isso foi uma vez, quando o casal visitou Berchtesgaden, e dêsse capítulo precisamente é que os leitores inglêses de «Gone with the Windsors» menos gostaram. Iles Brody faz sem piedade o recenseamento de tôdas as visitas dos Windsor às autoridades nazistas: além de Hitler, o dr. Ley, Ribbentrop, Otto Abetz, etc. Conta também o autor um fato histórico que, para a nossa nota, é o final: Litvinov, depois de visitar Eduardo VIII, transmitiu sua impressão a um jornalista:

— A impressão que êle me deu foi de um inglês médio que dá uma olhada rápida em um único jornal todos os dias . . .

UM BRASILEIRO EM PARIS

«A grande ambição de «Chatô» continua sendo a de dar a seus compatriotas o sentido da beleza. Uma parte do magnífico arranha-céu de mármores dos «Diários Associados» de São Paulo foi transformada em museu. «Chatô» estava tão impaciente para ver seu sonho virar realidade que fêz inaugurar seu museu antes mesmo que o edifício estivesse terminado. Êle já possui, presentemente, coleções notáveis que comprou sob os conselhos de um «expert» italiano. P. M. Bardi, e da mulher dêste, Lina Bo. (**«Un magnat brésilien prête son musée a Paris» — Reportagem publicada no número de 7 de outubro de «Samedi-Soir»**).



● A sra. Benitez Reixtax, a mulher mais rica da República Dominicana, é casada com um armador milionário de São Domingos. Comanda a frota do marido de um iate munido de radar, de 110 metros de comprimento, mais de três vêzes maior do que o rico iate do duque de Windsor. O ditador Trujillo é grande amigo do casal, e nomeou almirante a sra. Benitez. Ela tem 45 anos, é de origem francesa, já vendeu flores em Montmartre, trabalhou em um teatro de variedades de New York, até que se casou com o engenheiro Benitez. Seu iate, um presentinho de Trujillo, vale menos do que o diamante que ela traz ao pescoço (presente do maridinho). E suas jóias, espalhadas pelos bancos da Europa, valeriam um preço equivalente ao orçamento anual da ditadura de Trujillo.



● Aos 82 anos, o marechal Pietro Badoglio mora em um pequeno cômodo de um asilo para crianças, na propriedade que foi de seu pai, e que continua a chamar-se Grazzano Badoglio.
Sai muito pouco e deixou de jogar «bocce». Quando passa pela praça do pequeno lugar, descobre-se e medita por algum tempo diante de uma lápide em que se inscrevem os nomes dos mortos locais na primeira guerra mundial: o primeiro nome é de Paolo Badoglio, filho do marechal. Recentemente, Badoglio desmentiu um historiador alemão, que revelava ter o marechal tentado obter de Hitler, em 1943, a neutralidade da Itália. Na fotografia, o velho soldado aparece ao lado de clientes de outro asilo de Grazzano: o de velhos. Êles gostam dêle porque êle aperta a mão de todos.

Dois guerreiros ganham o prêmio Nobel:

MARSHALL E CHURCHILL

O comandante aliado da Segunda Guerra Mundial encontrou a mais famosa solução para a paz internacional; e o escritor Winston Churchill viveu um dos papéis centrais da mais terrível hecatombe que já sacudiu o mundo.

A Comissão de Prêmios Nobel do Parlamento norueguês, para 1952, além de causar alguma surprêsa quanto aos laureados, criou um precedente dos mais curiosos: uma acumulada, como nos programas de calouros. Em 1951 não houve nenhum nome neste mundo que merecesse o Prêmio Nobel da Paz; mas, para acertar a escrita, foram dois os beneficiados com a láurea. Um dos distinguidos foi o general George Marshall, ex-secretário de Estado norte-americano, nome ligado às fôrças militares e a duas guerras mundiais, bem como a missões diplomáticas em várias partes do mundo. O outro foi o dr. Albert Schweitzer, cirurgião e missionário já galardoado com um Prêmio de Paz oferecido pela Alemanha. Mas não é dêle que desejamos tratar, e sim dos dois guerreiros que receberam em 1953 os Prêmios Nobel de 1952 — Churchill e Marshall, um, o da Paz; o outro, o da Literatura.



UM GUERREIRO PREMIADO PELA PAZ

Os comentaristas não puderam deixar de surpreender-se com ambas as distinções, embora, analisadas as causas mais profundas, reconheça-se ter havido lógica nesses prêmios a tão grandes figuras do cenário mundial. O general Marshall, que sempre foi um militar e, conseqüentemente, um guerreiro, desempenhou, depois de afastado das lides da caserna, missões de paz, de entendimentos no mundo cada vez mais dividido e em hostilidade. A sessão secreta do Storting (Parlamento norueguês) não conferiu o Prêmio Nobel da Paz ao militar Marshall, e sim ao criador do «Plano Marshall», organizado par auxiliar a obra de recuperação econômico-social do mundo.

O ESCRITOR WINSTON CHURCHILL, PERSONAGEM DE UMA ÉPOCA

O caso de Winston Churchill já teve outro sentido. Foi a própria Suécia que desejou homenagear o famoso político e orador, que, embora não seja um escritor militante, é tão sólida a sua obra literária, que não há discrepância nenhuma na adjudicação do Prêmio Nobel de Literatura ao velho Churchill. A obra de Churchill na literatura não é superior a de muitos nomes, tanto na própria Inglaterra, como em outros países; mas, pelo que parece, tais homenagens não têm apenas o sinal do renome do laureado, e sim umas particularidades que sòmente os componentes das sessões secretas do Parlamento norueguês poderiam esclarecer; mas,



como se trata de coisas esotéricas, o jeito que se tem é aceitar o «veredictum» sem qualquer recurso de explicações. Pelos telegramas que vinham da Suécia até meados de outubro, Churchill estaria sendo citado como candidato ao Prêmio Nobel da Paz, dentre mais uns dez nomes, inclusive o do nosso Raul Fernandes. De momento, porém, foi-se conferido o de Literatura, enquanto o da Paz era adjudicado em dôbro, cabendo um ao general Marshall e o outro ao dr. Schweitzer, um alsaciano dedicado ao missionarismo nas mais inóspitas regiões da Africa. Verifica-se, pois, que, enquanto é fácil um Prêmio Nobel da Literatura, da Física e da Química, vai-se tornando cada vez mais difícil conferir-se o da Paz.

O "KINSEY REPORT" SÔBRE AS MULHERES

EM 1948, o médico americano dr. Alfred Kinsey publicou um trabalho de natureza inédita: uma pesquisa prática sôbre os hábitos sexuais dos homens. Agora, uma editôra americana lança um livro do mesmo autor que ainda vem causando mais espanto do que o primeiro: **Sexual Behavior in the Human Female.**

A reação provocada pelo trabalho do dr. Kinsey vai da admiração (dos leitores que o acham sadio e científico), passa pelo ceticismo (dos que duvidam da eficiência estatística dos métodos usados), chegando à indignação mais furiosa (dos que acham preliminarmente que o livro achincalha a mulher americana).

Aqui transcrevemos, em um estilo tão resumido quanto possível, algumas das principais conclusões do dr. Kinsey, obtidas através de entrevistas (voluntárias) com 5.940 mulheres:

Em média, o despertar do apetite sexual feminino ocorrer muito mais tarde do que qualquer pessoa havia antes previsto. — Tão diferente é o apetite sexual feminino do masculino que é quase um milagre, diz o dr. Kinsey, que «os casais se realizem satisfatòriamente em suas relações sexuais». — Quase metade das mulheres que foram infiéis ao marido (41%) tiveram apenas um amante. — Para quase um têrço (32%) o ato de infidelidade ocorreu poucas vêzes. — A infidelidade feminina é muito mais acidental do que premeditada. — Uma em cinco mulheres foram infiéis pela idade de 35 anos. — Uma em quatro na idade de 40 anos. — Considerando apenas as novas gerações, concluiu-se que duas em cinco mulheres casadas



O dr. Kinsey em Família.

foram infiéis (40%). — A perda de virgindade antes do casamento é de 50% (85% para os homens). — Quase metade das mulheres que perderam a virgindade antes do casamento limitaram suas experiências ao noivo, o mais das vêzes uma ou poucas experiências. — No primeiro ano de casamento, 25% das mulheres deixaram de atingir o climax sexual, abaixando a porcentagem para 14% no décimo ano. — 10% das mulheres entrevistadas nunca atingiram êsse climax. — Entre 40 e 50 anos, as mulheres atingem o climax quase tôdas as vêzes. — O homem se casa principalmente por paixão. — A média das mulheres se casa para ter um lar, um afeto duradouro e filhos. — A necessidade sexual da mulher é incomparàvelmente menor do que os homens querem acreditar. — Apenas 13% das mulheres entrevistadas haviam tido alguma experiência homosexual (em 1948, a porcentagem revelou 37% para os homens). —

O homem médio está mais ou menos constantemente preocupado com o sexo, o que não acontece com as mulheres. — O homem empresta a mulher uma ardência que geralmente ela não possui: Marilyn Monroe é a atriz de maior publicidade porque dá a impressão de total e apaixonada entrega. — O homem atinge o ápice de sua capacidade sexual na puberdade, enquanto a mulher adolescente mal conhece o sentido da necessidade sexual. — Em média, a curva do apetite sexual entre marido e mulher ocorre da seguinte forma: um primeiro curto período do casamento em que o desejo do marido excede o de sua mulher, seguido de outro breve período em que o casal se encontra em harmonia, depois do que o vigor da mulher excede ao do marido. — Segundo o dr. Kinsey, o homem de vinte anos que se acha sexualmente feliz com a moça de 15, só pode aguardar para frente uma frustração insustentável por parte dela.

— Dois terços de todos os casais americanos sofrem sérios conflitos sexuais. — Dr. Kinsey termina seu livro achando que melhores ajustamentos sexuais entre homem e mulher podem ser atingidos se os homens compreenderem que as reações de suas respectivas mulheres representam características típicas do sexo feminino, e se, por sua vez, se as mulheres compreenderem que os interêsses sexuais mostrados por seus maridos representam características típicas do sexo masculino.



Marilyn Monroe entrou no «Kinsey Report».

O PITORESCO ACONTECE

● *Durante acalorado debate no Parlamento norueguês, entre o partido situacionista e o da oposição, a sra. Gurid Almeningen apostrofou seu adversário, sr. Sjur Lindenbraekke, com uma frase que a princípio pareceu a todos incompreensível:*

— Quando eu penso que o sr. foi um menino tão bonzinho há quarenta e quatro anos!

Diante do estupor causado por suas palavras, a sra. Ameningen explicou que tinha sido governanta de seu colega, há mais de quatro dezenas de anos.

● *Um jornal inglês mostra que o engenheiro Eiffel, sete anos antes da construção da famosa tôrre de Paris, chamava-se Bonickhausen e que pediu oficialmente para mudar de nome.*

Tour Bonickhausen? *Seria um nome difícil de pronunciar.*

● *A consumação de vodka nos Estados Unidos aumentou de 60% em relação ao ano passado.*

● *O rei Faruk, na esperança de reconquistar o trono do Egito, antes de mais nada fêz um programa para corrigir-se, em dois capítulos: 1) jogar pôker apenas uma vez por semana; 2) não sair mais à noite, isto é, recebê-las a domicílio.*

AVISO AOS CAMINHÕES

Foram festejados, nos EE. UU., três milionários de caminhão (dirigiram já por nove milhões de quilômetros sem um só acidente). Eis os conselhos que êsse trio formidável transmite às gerações mais novas de motoristas de caminhão: Mãos no volante, olhos na estrada. Nada de grande velocidade: é melhor estar atrasado do que morto. Não ficar muito perto do veículo que nos precede. Conservar a direita: não se ganha muito com uma colisão cara a cara. Atenção nas curvas. Dormir quando se tem sono, parando antes o carro, naturalmente. Antes de partir, as bebidas ideais são café, chá e água, nunca o álcool. Aviso principal: NAO PASSAR A FRENTE SENAO QUANDO ESTIVER ABSOLUTAMENTE CERTO DE TER TEMPO SUFICIENTE PARA ISSO. Nota da redação: essas normas já teriam sido conhecidas dos antigos egípcios, caso êles tivessem caminhões.

VEROSSÍMIL

Em Hollywood, terra da monogamia a muito curto prazo, conta-se que um empresário cinematográfico, ao chegar em casa, encontrou sua mulher nos braços de um conhecido ator. O marido, justiça seja feita, se indignou, mas foi acalmado pelo rival, que lhe disse:

— Meu amigo, vamos com calma. Tratemos disso como sujeitos civilizados. Você ama sua mulher? Pois eu também. Bem, sugiro que a disputemos em uma partida de canastra.

O empresário recompôs-se, profissionalizou-se:

— Está bem:

E enquanto o ator punha as cartas na mesa, acrescentou:

— Mas como jogar sem valer é desinteressante, vamos apostar um dólar.

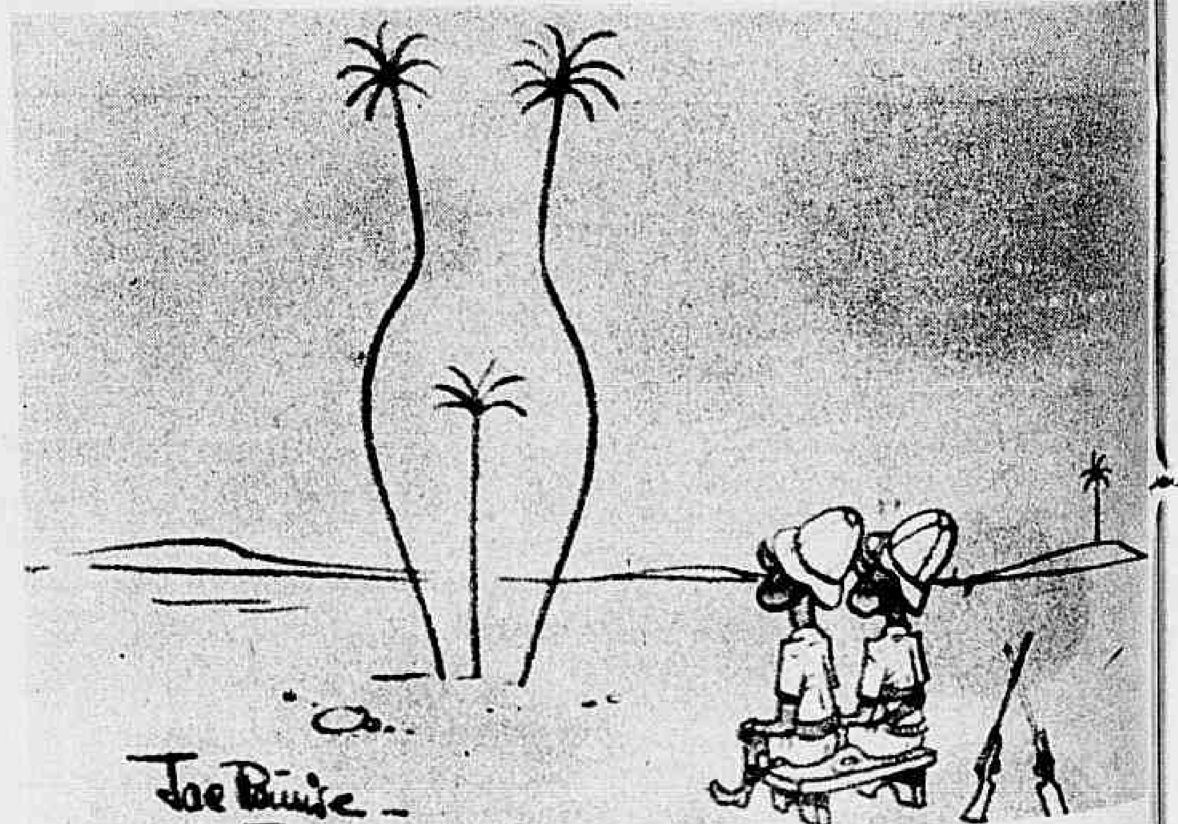
COMO SE FÊZ O SEU AUTOMÓVEL

A França, que abriu recentemente as portas do seu **40º Salon de L'Auto**, reivindica a invenção do automóvel, não apenas do primeiro dêsses veículos a ter sido fabricado, como também das principais peças que o possibilitaram. Eis o menu: a válvula é de Denis Papin (1768); o diferencial é de O. Pecqueur (1828); o acumulador é de G. Planté (1860); a vela, de Etienne Lenoir, que construiu em 1858 o primeiro motor a petróleo, antes de fabricar em 1862 o primeiro carburador; Fernand Forest, inventor do magneto, construiu o primeiro motor vertical de quatro cilindros (1873); Amédée Bollée teve a idéia do chassis (1873); Armand Peugeot o da mudança de velocidade por meio de engrenagem (1890) e Louis Renault a ação direta (1898). Foi também um francês, o marquês de Dion, que construiu sucessivamente o primeiro motor rápido (2.000 rotações por minuto, 1895), o primeiro motor em V (1908).

REVELAÇÕES

Quatro sábios de Rochester, durante um congresso de eletroencefalografia (ciência que consiste em registrar as ondas do cérebro) mostraram que o cheiro do café é o que provoca mais forte reação em nossos centros cerebrais. Em seguida, vêm a valeriana, o lilás, a benzina, a hortelã, o limão. A reação é apenas perceptível com a acetona e o álcool. Outra observação (que explica as asfixias produzidas pelo gás): se o paciente está adormecido, seu cérebro não registra pràticamente os odores, mesmo os mais fortes.

A CARICATURA DA SEMANA



A miragem

ANTÔNIO BALBINO:

a glória não tem partido

Antônio Balbino, ministro da Educação e Cultura e ministro interino da Saúde, conseguiu, na política, uma carreira rápida e impressionante. Em seu Estado, e fora dêle, é homem discutido, exceto quanto aos seus dotes de inteligência e habilidade. As opiniões a seu respeito, todavia, não o preocupam. Dizem dêle que dispõe sempre, sôbre uma matéria de dois pareceres, um a favor e o outro contra. Tem enfrentado situações difíceis e a sua grande arma tem sido não se definir, por isso que se dá bem com todos. A sua grande vocação não se pode dizer que seja o golpe, mas a preparação. Tem preferência e nelas sente-se perfeitamente bem — pelas situações dúbias. Em plena guerra, por exemplo, conseguia ser ao mesmo tempo democrata convicto e diretor de um jornal da colônia alemã na Bahia. Ainda hoje, a sua posição continua na mesma instabilidade, mas vitoriosa e brilhante. Tem um grande sonho na vida que procura realizar a todo custo: ser ministro do Supremo Tribunal. Tôda a sua simpatia pessoal está em ser um homem espirituoso e um «blaguer» permanente. É simples e sem afetação e pode ser visto, sem surprêsa, de ônibus e lotação e também no «chapa branca» ministerial. Figura entre os possíveis candidatos ao govêrno da sua terra.

ENQUANTO ANTÔNIO BALBINO ACUMULA DOIS MINISTÉRIOS, BALEEIRO FLUMINA GETÚLIO; E PARA CADA "GOAL" DO "MEIA" MANECA, O PROFESSOR MARTAGÃO SALVA 10 CRIANÇAS BRASILEIRAS.



PEDRO CALMON

ou o nascido para as alturas

De Pedro Calmon, cujo sucesso não se pode medir pelos livros publicados, queixam-se os baianos pelo estranho amor que êle devota à sua Província: «ela lá e eu aqui... para louvá-la». De todos os oradores acadêmicos do Brasil, nenhum o supera na adjetivação terna e louvaminheira. É mestre no cortêjo, mesmo quando se ocupa de pessoas falecidíssimas, como Tomé de Souza e Catarina Paraguassu. Tem sabido devolver à vida em sorrisos e boas maneiras o que a vida vem lhe ofertando em facilidades e benemerências. Historiador, escritor, jurista, jornalista, orador, acadêmico — mais o fôra se mais o quisera, ou se tempo houvera. Reitor da Universidade do Brasil, ministro interino da Educação, estêve sempre acima das discordâncias, servindo aos Governos e à Pátria estremecida. Subiu muito êste baiano nascido para as alturas e cujo sobrenome muito o aproxima de uma das mais tradicionais e ilustres famílias da Bahia.



Os Baianos Federais

Reportagem de **OTACÍLIO LOPES**

BAIANO pode não ser um estado de espírito ou um comportamento, mas é uma associação de ideais que exprime, regra geral, o denominador comum da oratória, do político e do truque. «Atributos» a que a deformação popular transformou no que se costuma chamar de **baianada.** Houve uma época — quando Ruy era vivo e atuante — em que a Bahia monopolizava todo «stock» de glória federal: era Ruy do Oiapoc ao Chuí, e de Cuiabá à Avenida Central.

Há quem acredite — e os próprios baianos já se perturbam e inquietam com êsse fenômeno — que a Bahia, despojada da imensa glória de Ruy Barbosa, pôs-se a viver, despreocupada, das sobras do formidável prestígio da «Águia» — a viver do que já teve e do que já foi. E há dias atrás, quando se debatia na Câmara o famigerado escândalo do Banco do Brasil, um baiano, o deputado Nestor Duarte, chegou a afirmar que «a Bahia de hoje é roubada até no furto». E' que entre as sensacionais revelações de nomes e pessoas influentes, que então se fazia, como beneficiadas pelas facilidades do nosso maior estabelecimento de crédito, não se citava o nome de um só baiano. Mas o fato é que os baianos continuam a marchar para a glória federal. Na reportagem que se segue selecionamos alguns dêles que, chegados à Côrte armados dos seus especiais atributos, conquistaram, lenta ou vertiginosamente, Glória e Poderes, e alcançaram, subindo pela escada ou pelo elevador, o último andar onde habitam os Eleitos e os Escolhidos.

OS BAIANOS FEDERAIS



OS MANGABEIRAS:

resistem ao tempo e aos inimigos

Os Mangabeiras (João e Otávio), há cêrca de 40 anos, federalizaram-se. João, como o discípulo amado de Ruy; Otávio, como o maior orador político da atualidade brasileira. João socializou-se. É um estudioso, jurista renomado. Presidente do PSB, reclama, para o país, uma solução menos pessoal e mais consentânea à realidade. A advocacia fêz-lhe rico, porém sóbrio. Otávio foi mais alto que o irmão, como político. Proclama-se, a si mesmo, «político profissional», e considera-se honrado por ter sido destinado ao «sacrifício». Conheceu posições das mais altas que a Nação pode oferecer a um cidadão. Ministro do Exterior, líder na Câmara, governador do seu Estado, conheceu, também, por duas vêzes, o exílio, na Europa e nos Estados Unidos. Adversário inconciliável de Getúlio, prega a formação de um movimento de moralização pública, com base na mocidade acadêmica. João já foi candidato à Presidência, embora derrotado. Falam muito dos Mangabeiras. Êles, porém, têm resistido ao tempo e aos seus inimigos.





MANECA:

o futebol é elegante

Maneca, do Vasco. O nome todo é coisa secundária, porque, o que as multidões conhecem e adoram é o Maneca do Vasco. A máquina do «team". O jogador, possivelmente, mais elegante dos nossos gramados. Que não pára. Que é um espetáculo à margem do jôgo, mesmo num quadro de «scratchmen». Maneca é baiano da Barra, garôto dos jogos de praia. Do «juvenil» do «Galícia» para o primeiro «team» do «Bahia» e para o selecionado da Boa Terra, foi um pulo. E depois para o Vasco e para a seleção do Brasil, sendo um ás de categoria posta a prova em competições d'aquém e d'além mar. Rapaz simples, figura, por obra do destino e do futebol, entre os atuais GRANDES da sua Província. Sem favor.



BALEEIRO:

Getúlio deu-lhe (indiretamente) Fama e Glória...

Jornalista de segunda ordem e advogado de clientela reduzida, a estrêla de Aliomar Baleeiro começou a brilhar quando, em memorável concurso para a cadeira de Finanças, da Faculdade de Direito da Bahia, derrotou seu contendor, o hoje ministro da Educação, Antônio Balbino. Professor cuidadoso, foi durante todo o tempo do Estado Novo dos que, com melhor dignidade, souberam resistir à Ditadura. Deputado federal em 45, Baleeiro, desde então, é um oposicionista exemplar. Impiedoso na crítica, corajoso e reto, é atualmente a figura mais em evidência entre os que combatem o Govêrno na Câmara. Dizem dêle que é vaidoso e arrogante. Outros poderão dizer, também, que é atencioso e cortez. Se possui, todavia, em alto grau, as qualidades de combate, falta-lhe as virtudes de agremiador e de simpatia pessoal.





SIMÕES FILHO:

de panfletário a água-de-flor

Simões Filho, depois de vários anos de exílio voluntário, quando era, apenas, o diretor de «A Tarde», voltou ao cartaz político do país com o retôrno de Getúlio ao Catete, de quem sempre fôra adversário feroz. Homem de luta, a sua carreira, como jornalista e como político, é pontilhada de disputas e decisões firmes. É também da sua tradição harmonizar a «blague», as boas maneiras e a excessiva correção dos trajes ao seu comando de «chefe». Foi deputado federal e influenciou, decisivamente, em largo período, a política do seu Estado. Ganhou dinheiro, muito, e o seu jornal é dos mais sólidos órgãos de província do país. Panfletário audacioso na mocidade, Simões, hoje, faz um jornalismo brando e escorreito, num estilo de polainas. Tem o vício do chá e propala que importa diretamente da Índia o produto que consome. Adora o galanteio e é um gôsto vê-lo nas recepções elegantes. A coragem pessoal é um dos seus atributos. Conheceu no sucesso dedicações de amigos extremados, mas os seus inimigos, principalmente na Bahia, são numerosos e não o perdoam. Os íntimos de Simões Filho não escondem que o seu sonho atual seria uma embaixada em Paris ou Londres. Jamais renunciou às barbas e ao cavanhaque, que já foram negros e ameaçadores como a compacta penugem dos antigos carbonários, mas que, hoje, são alvos e maliciosos como as barbas de um humanista «blasé» e irônico.



MARTAGÃO GESTEIRA:

e a paixão pela criança

Martagão Gesteira, quando saiu da sua Província era já um vitorioso. Realizara uma obra de vulto, com notável repercussão. Mais do que cientista, é um realizador apaixonado pelo problema da criança a que consagrou a sua vida de médico e humanitário. Ainda na Bahia, formou um famoso grupo de cientistas e conseguiu interessar tanto o Poder Público como os particulares para o problema da mortalidade infantil. Hoje, à frente do Departamento Nacional da Criança e como professor da Faculdade Nacional de Medicina, ainda não parou. E, como todo baiano, tem o gôsto da política, daí algumas amargas decepções que tem sofrido.

ANÍSIO TEIXEIRA:

a reforma é o seu clima

Anísio Teixeira é um baiano do interior. De Caiteté, onde existiu um famoso colégio de jesuítas, destinou-se ao magistério e ao ensino. Mas teórico que executor, a revolução é o seu clima, a reforma é nêle um estado de espírito permanente. Acredita que é preciso criar condições de base à formação de escolas mais dinâmicas que eduquem e instruam a um só tempo. Magro, raquítico, espanta a todos pela admirável capacidade de trabalho. Dêle, dizem os inimigos, que trabalha a quatro mãos: duas fazendo e duas desfazendo. Mas, é um homem que pensa e que realiza. Auxiliar de Pedro Ernesto, secretário da Educação, na Bahia, encontra-se, agora, à frente do INEP, numa tarefa de âmbito nacional. Autor de numerosos livros, um dêles, «Educação Para a Democracia», conseguiu-lhe notoriedade excepcional como educador. Representante do Brasil na UNESCO é, hoje, um nome extra-fronteiras. Ao tempo da Ditadura, dedicou-se ao comércio e prosperou espantosamente. Um inimigo, então, responsabilizou a mudança de uma suas tantas opiniões ao tempo daquelas atividades comerciais, dêle dizendo que «trocara o câmbio das letras pelas letras de câmbio».

Anísio, todavia, continua a trabalhar e é um apaixonado dos problemas educacionais. Cultura sólida, possui ainda uma qualidade que está entre as suas melhores coisas: é um dos grandes «papos» do Brasil. Conversem com êle.

CAYMI

e a frase feita

Dorival Caymi é um caso raro: conseguiu ser «praça» no mesmo lugar onde fôra — já lá vai algum tempo — um rapaz despreocupado como todos os outros, mas com uma diferença: gosta de compor «modinhas», cantar e tocar violão. Meio descrente da terra e da gente a quem tanto ama, Dorival meteu-se num Ita e o resto é uma história conhecida. As suas canções fizeram um sucesso sem precedentes. Soube explorar e permanecer fiel ao meio e ao ambiente onde viveu e de onde retirou a poesia e a música que lhe deram glória e dinheiro. Caymi, mais até que o próprio ministro da sua terra, é reconhecido e amado pela sua gente. Fizeram dêle praça, e, agora, é já, uma frase feita: «a praça é uma boa praça».





Da noite para o dia começaram a aparecer, em todo o percurso da Av. Presidente Vargas, as primeiras faixas eleitorais. Hoje elas já são dezenas

Explode na Av. Presidente Vargas

A CORRIDA ELEITORAL

Reportagem de ANTÔNIO LEMOS

Fotos de ALBERTO FERREIRA

A Avenida Presidente Vargas começa a fantasiar-se para o «ballet» eleitoral que se aproxima, quando vereadores, deputados e senadores terão que fazer fôrça para não perder a posição e os gordos proventos de suas representações legislativas.

Embora o fenômeno seja o mesmo de eleições anteriores, os cartazes que estão sendo colocados nas fachadas dos velhos pardieiros da grande artéria apresentam algumas características de aspecto novo. Por exemplo, o escritório eleitoral do vereador Aciolly Lins exibe na fachada sua risonha figura, para que todo mundo saiba como é a cara do político e, se não aparecer quem vote em seu nome inspirado em sua atuação legisferante, que lhe renda homenagens pelo rasgado sorriso com que procura captar as simpatias do eleitor que passa. Se a moda pegar, teremos a Av. Presidente Vargas convertida em galeria de fotógrafos, coisa parecida com êsses corredores de atelier da Rua Larga, cheios de retratos de norte a sul e de leste a oeste.

OPORTUNIDADE PARA OS ARTISTAS

Não há dúvida que a política entre nós vai evolucionando de maneira imprevista, e essa fúria pictórica dos senhores políticos disputantes de cadeiras legislativas, se não trouxer a vitória sonhada, há-de contribuir para maiores rendimentos a pobres artistas que andam por aí ao Deus dará. Seria mesmo interessante que os partidos políticos dessem trabalho aos nossos artistas do lápis, contanto que os candidatos conhecidos pessoalmente como feíssimos, aparecessem mais «passáveis» nos cartazes das fechadas, para que, com aquelas caras pavorosas, não afugentassem as eleitoras mais nervosas, especialmente. E partidos não faltam, podendo-se evolucionar para a escolha de candidatos «bonitões», derivando-se a política nacional para um regime de eleições tipo «concurso de beleza», o que muito melhoraria a raça parlamentar.

A batalha está à vista. As legendas dos mais variados partidos já se vêem espalhados pelos velhos sobradinhos e sobradões da Presidente Vargas: PSP, PTB, PDC, UDN, PRP, PSB, PTN, PSD, PR, etc., que tudo vem a dar no mesmo, isto é, entram na luta pela posse de lugares rendosos, com prazo constitucionalmente garantido, mesmo que, a fôlhas tantas, quem era pessedista passe a perrepista, o que venceu com o voto de udenista se converta em petebista, e assim por diante, na santa paz do Senhor.

A COISA POR DENTRO

Mas o repórter não se satisfez com o panorama exterior das fachadas em «primavera» eleitoral, e foi ver por dentro como era que já estava funcionando um dos escritórios para a conquista de votos.

Subimos por uma escada estreita e escura, a gemer sob a pressão de nossos pés, e chegamos a pequena sala onde havia um arquivo, uma mesinha, cadeira e telefone. Só isso. O candidato não estava presente, mas o encarregado nos mostra com solicitude o arquivo de eleitores fichados pelo escritório. Como não nos foi possível ocultar nossa admiração pelo vulto das fichas verdes e fotos com resumos biográficos dos eleitores, scubemos então que se tratava de funcionários públicos que se viram há pouco tempo com os seus vencimentos embargados, pelo fato de não terem títulos eleitorais.

O GOVÊRNO AJUDA A OPOSIÇÃO

Aquêle escritório, então, tratou de regularizar a situação de todos êsses «barnabés», correndo tôdas as despesas por conta do escritório eleitoral. E aí está como o próprio govêrno concorre para que a oposição possa mobilizar votos contra êle. Seguimos em nossa visita de curiosidades por mais alguns dêsses estabelecimentos para a caça aos votinhos do povo. Mais adiante subimos a um primeiro pavimento de edifício tão velho quanto o primeiro e fomos desembocar em outro «escritório» eleitoral. Era tão modesto como o anterior, mas apresentando certa movimentação, pois faziam reformas no cômodo, a fim de que os visitantes não tivessem má impressão. O político daquele pôsto era da teoria que «o hábito faz o monje».

O SUBÚRBIO TAMBÉM SE ENFEITA

Também nos subúrbios já se nota a mesma atividade eleitoral iniciada na Av. Presidente Vargas. Ruas, becos e travessas da zona norte enfeitam-se com os «sinais dos tempos». E não é para menos.

É aí pelos subúrbios que os políticos encontram meio favorável às suas promessas demagógicas, prometendo tudo o que pode servir de chamariz para votos: calçamento, água em abundância, arborização, «play-ground», escolas, abertura de novas ruas e praças,



e dezenas, cartões de visita antecipados de candidaturas teimosas ou de candidatos em «vernissage» eleitoral.

Os primeiros candidatos aparecem esperançosos e confiantes, mas a maioria dêles é composta de velhos nomes da política ou de renitentes aspirantes. — Volta a sorrir o sr. Acioly Lins; e já alcançou o subúrbio o grosso mar eleitoral.

policiamento, barateamento da vida, transporte fácil e a tostão, e até . . . crédito sem juros. Depois que o prometedor toma posse da cadeira legislativa, se esquece de tudo, e os subúrbios continuam esburacados, sem higiene, sem transportes, sem escolas, sem água, e, quanto a Bancos, nem mesmo os dos deploráveis jardins com que ainda contam.

Mas, pelo que observamos, tanto na Av. Presidente Vargas, como em outros bairros centrais e nos subúrbios, grandes somas já estão sendo dispendidas pelos corajosos candidatos a legislativos nacionais. Conversando com alguns cabos eleitorais, a batalha só entrará em pleno vigor lá para janeiro, mas as despesas com a «fantasia» dos «generais partidários» já estão sendo feitas, e com largueza, tanto na montagem dos «escritórios», como em relação a cartazes vistosos, folhetos, prospectos, avulsos, etc., tôda uma literatura «caça-votos» encomendada e a encomendar a casas especializadas em tais propagandas.

Soubemos ainda que um dêsses candidatos já gastou algumas dezenas de contos de réis fornecendo títulos eleitorais gratuitos a todos os que não os possuíam. Entretanto, o mais audaz de todos êsses comandantes das pugnas incruentas é aquêle que já anda em atividade intensa, procurando emprêgo para os que sonham com uma sinecura na classificação da letra O de penacho, com a condição de que o protetor, quando na Câmara, consiga uma leizinha limitando o dia de trabalho a três horas e três pontos facultativos por semana. É possível que êsse legislador tenha dificuldades em arranjar tudo isso; mas que vai ser muito aplaudido, lá isso é certo . . .



Rádio

ROBERTO ROCHA



VÁRIAS

★ Novas modificações nas Emissoras Associadas. Depois de uma curta administração, deixa Péricles do Amaral a Direção de Broadcasting, cedendo o lugar a Olavo de Barros. Leônidas Autuori, que ascenderá à Direção Musical, com a investidura de Péricles (a despeito da certa reação que houve entre os músicos, segundo se comenta nos corredores da G-3), cedeu também o lugar ao Maestro Milton Calazans. E' pena que a Tupi, estação de tanta popularidade, caminhe, assim, de mudança em mudança.

★ Há franca possibilidade de ser aprovado o projeto do deputado Armando Falcão, revogando os decretos que permitem ao Chefe de Polícia fechar, de plano, qualquer estação de rádio que transmita declarações ou conceitos que possam ser considerados injuriosos ao Presidente da República ou a qualquer dos Ministros de Estado. Com o parecer favorável do relator da matéria, na Comissão de Constituição e Justiça da Câmara, sr. João Roma, o projeto do deputado Armando Falcão caminha para a aprovação.

★ Em compensação, o caso da Rádio Globo, mesmo livre da ameaça daqueles decretos, se complica. Segundo se tem noticiado, o débito daquela emissora no Banco do Brasil se eleva a Cr$ .... 34.000.000,00 (trinta e quatro milhões de cruzeiros) e o nosso principal estabelecimento de crédito impõe uma imediata regularização dêsse débito, sendo aventada, até, a possibilidade da decretação da falência da PRE-3. Esperemos que tal perspectiva não se confirme.

VOTO DE CONFIANÇA



● *Para quem vinha acompanhando a "novela" da Rádio Clube, desde a cassação do canal, há 4 meses, a decretação da falência daquela veterana emissora carioca apareceu como um "tiro de misericórdia". Era a liquidação das esperanças de 160 funcionários, que ainda tentavam receber, através da Justiça do Trabalho, os salários atrasados e as indenizações a que tinham direito. Com a falência, apontada a "Última Hora" como maior credora, indicados créditos vultosos do Banco do Brasil, poucas esperanças restariam aos funcionários de receber aquilo a que tinham direito. E havia o pior: com as possibilidades, bastante fortes, de ser concedido o canal à Rádio Mundial, constituída pelo antigo pessoal da A-3, a falência viria impedir a utilização dos estúdios e do transmissor da Rádio Clube, interrompendo as demarches que haviam sido iniciados. Tudo passaria a depender do Síndico a ser nomeado — e das possibilidades legais dessa utilização.*

Quando, porém, se soube o nome do Síndico, tudo ficou mais claro e o horizonte se desanuviou. O Juiz nomeara o sr. Henrique Foreis Domingues, que não é outro senão o popular Almirante, antigo funcionário da A-3, um dos mais antigos radialistas brasileiros — e credor da Rádio Clube em cêrca de 100 mil cruzeiros. A nomeação de Almirante vale por um voto de confiança. A êle, Almirante, que em 25 anos de trabalho honesto e brilhante pelo rádio, obtivera até agora, de recompensa apenas ingratidão e incompreensão. E à classe dos radialistas, que vê, assim, a Justiça prestigiar um de seus mais antigos e mais credenciados elementos.

O CONSTA

● Êste vem de longe. Há muitos meses que se comenta a situação do sr. Vitor Costa, na Rádio Nacional. Ninguém lhe nega mérito, ninguém desconhece que a PRE-8 é o que é, graças à administração brilhante do atual Diretor-Geral, em tôdas as comissões que lhe foram atribuídas. Mas, inexplicàvelmente, tôda gente acha «fabuloso» que êle, tendo concorrido decisivamente para o desenvolvimento de uma emissora que hoje é a maior do país, ganhe, atualmente, proventos elevados. E o «consta» afirma: com essa onda, Vítor Costa não poderá permanecer muito tempo na Rádio Nacional, embora seus vencimentos não dependam do cargo de Diretor-Geral, único do qual êle poderá ser alijado.

O FATO

● **O fato, porém, é que Vítor Costa — embora se mantenha tranqüilamente na Rádio Nacional, ganhando muito, é verdade, mas realizando um trabalho produtivo — acaba de causar sensação, tornando-se co-proprietário da Rádio Mayrink Veiga. Mostrando que não se assusta fàcilmente, mas que sabe «botar as barbas de môlho», pagou Cr$ ...... 15.000.000,00 (quinze milhões de cruzeiros), à vista, ficou devendo mais 20 milhões, para pagamentos parcelados — e passou a deter 50% das ações da Mayrink, ficando os restantes 50% em poder do sr. Antenor Mayrink Veiga. Entre outras coisas, isto quer dizer que o convênio Nacional-Mayrink, será intensificado.**

Álbum de recordações

Agora, que a Rádio Clube do Brasil acabou, de uma vez, chegando até à falência, após sucessivas administrações que não lograram reconduzi-la à posição de prestígio de que já desfrutara, é curioso relembrar tempos antigos, através de um velho álbum de retratos...



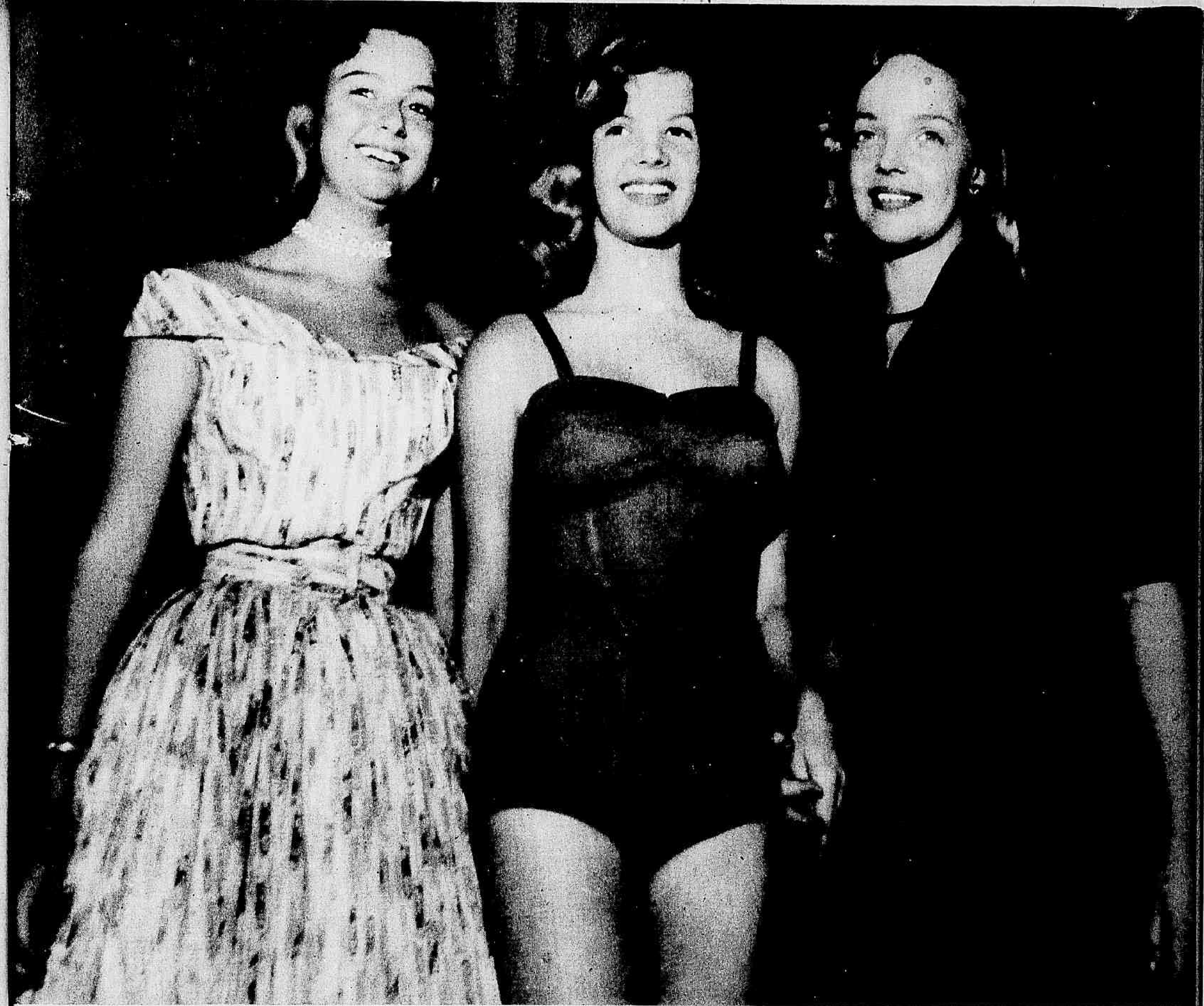
Esta foto, tanto poderia estar num álbum de recordações, como ilustrando uma legenda atualíssima. Porque Carlos Galhardo não envelhece: é, hoje, o mesmo de há dez anos. Bom cantor, como sempre, nunca vê seus discos encalhados nas prateleiras. Deixou a Mayrink Veiga, foi para a Rádio Nacional, está agora na Tupi. Seu público, sempre fiel. Quem desapareceu, pràticamente, foi sua companheira de foto: Marilu.



Aí está o saudoso Vassourinha, criador de «Emília» e de tantos outros sucessos. Muito moço, ainda, Vassourinha deixou êste mundo — levando consigo tantas promessas de sucesso e aqui deixando tantas saudades. Mas, olhem quem está ao seu lado: essa morena de vestido «pois» é, nada menos, do que Ademilde Fonseca, a hoje elegantíssima Rainha do Chorinho.



Vejam se conhecem êstes dois — e não olhem para as saias curtas dos brotinhos. Paris ainda não tinha dado ordens de baixar as bainhas... O de terno creme, é Castro Barbosa. O de branco, Rui de Almeida. Ambos mudaram: Castro Barbosa é humorista, não canta senão na PRK-30 e... no banheiro. Rui é ativo e próspero corretor de terrenos, embora, há 2 anos, tenha marcado sucesso com a valsa «Vamos Brincar de Amor».



INGRID SCHMIDT entre Margareth Schmidt, sua irmã e Rainha da Primavera dos anos de 49 e 50 (à direita), e Elvira da Veiga Wilberg, rainha de 1952, cujo cetro entregou, agora, à representante do Colégio Anglo-Americano. Vitória em família, eis uma grande legenda para uma grande festa.

NA ELEIÇÃO DA "RAINHA DA PRIMAVERA":

O JÚRI PREFERIU AS LOURAS

A escolha da "Rainha da Primavera" foi uma árdua batalha em que as morenas levaram a pior ★ A eleita foi a nº 6 (representante do Colégio Anglo-Americano), mas as preferências do público se inclinavam ardentemente para os predicados (físicos) da nº 9 (do Fluminense) ★ 40 policiais guardaram, de olhos arregalados e coração opresso, as dezessete belezas.

Reportagem de ABREU E ALBUQUERQUE ★ Fotos de ALBERTO FERREIRA

A primavera de 1953 já tem sua rainha. E' ela Ingrid Schmidt, um brotinho de 15 anos, menina-moça, de sorriso meigo, cabelos loiros. Num pleito bastante concorrido e que teve lugar no auditório da Associação Brasileira de Imprensa, desfilaram perante o júri (que podia julgar) e o público (que não podia) 17 beldades representando diversos clubes e associações. A iniciativa, que já é tradicional, obedece ao patrocínio do «Jornal dos Sports» e se desenvolve através de fases nas quais atributos, além de «físico», de simpatia e graça também influem; uma vez que se exige tenha a candidata um coeficiente de eficiência técnica-desportiva, pelo menos em seu grau mínimo.

Um júri constituído de pintores, escultores e jornalistas teve a deliciosa, porém, difícil, tarefa de decidir quem seria, entre tantas, a mais bela de 53. Osvaldo Teixeira, Alfredo Galvão, Armando Viana, Augusto Rodrigues, Humberto Cozzo, Leão Velloso e Margareth Spencer, sentados na primeira fila de cadeira, junto ao palco, foram os juízes. Por ordem de apresentação, assim desfilaram as candidatas: Aceryse Magalhães Carneiro, rep. do Conselho Nacional de Teatro; Cleuza Cit, rep. Instituto Coração de Jesus; Daisy Mary Lamberg, rep. do Clube de Regatas Flamengo; Déa Mas da Silva, Colégio Piedade; Ieda Machado Nunes, Ginásio Souza Lima; Ingrid (rainha) Schmidt, rep. do Colégio Anglo-Ameri-



SUA MAJESTADE, A RAINHA! Ingrid Schmidt: 15 anos, loura bonita e simpática, é em verdade uma genuína representante da primavera. Seu sorriso é cálido e inocente. Seus longos cabelos, de tonalidade dos trigais em flor, emprestam à Rainha da Primavera de 1953 os títulos para reinar.

O JÚRI PREFERIU AS LOURAS



SEJA VOCÊ O JUIZ, LEITOR! A quem escolheria? Sim, sabemos ser a tarefa difícil e o mesmo acharam os que integraram o júri encarregado de escolher a Rainha da Primavera de 1953.





O FLAMENGO ESTÊVE PRESENTE. Daisy Mary Lamberg: olhos azuis e porte airoso. Lábios finos e sorriso meigo. Foi uma das mais fortes concorrentes, porém situou-se na quarta colocação. Que júri!

cano; Iracema di Beneditto Kemp, Colégio Marcílio Dias; Léa Fucks, Bangu A.C.; Maria Helena Ferreira Pinto, rep. do Fluminense e a preferida do público; Maria Inez de Souza Gomes, Faculdade de Ciência e Letras da U.D.F.; Mariza Rodrigues Costa, rep. do Muriaé T.C., de Minas Gerais e uma forte concorrente; Marlene Dietrich, E.C. Pinheiros, São Paulo; Myrene Furtado de Campos, Botafogo F.R.; Neide Leal de Araújo, Carioca E.C.; Raquel Koen, Ginásio Laranjeiras; Vera Viana Serrão, E.N. Educação Física e Iolanda Margarida Emerick, do E.C. Icaraí.

Cêrca de 40 soldados da Polícia Militar do Distrito Federal, em seus novos uniformes, constituíram a guarda de honra dos brotinhos contra o enxame de fotógrafos e o explosivo entusiasmo dos marmanjões... Embora muito trabalho tenha tido o júri, tal a dificuldade, na escolha, o público que literalmente tomou conta das dependências do auditório do

SHANGRI-LÁ? Não. Apenas o salão de espera onde as candidatas aguardavam a vez de subir ao palco para o desfile em que seria escolhida a rainha entre as rainhas. Diante de tanta beleza o júri ficou indeciso.

A semana astrológica

Indicações do seu horóscopo entre os dias 14 e 20 de novembro de 1953 — (Hemisfério Sul)

SE O LEITOR NASCEU SOB O SIGNO DO:

★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — O novo período será ameno e lhe dará alguma chance junto ao outro sexo. As questões sentimentais serão desenvolvidas num terreno de amplo e harmonioso entendimento.

★ TOURO (21/10 — 20/11) — O clima benéfico das duas últimas semanas continuará sem solução. Oportunidades lhe serão oferecidas para uma substancial melhoria de posição e até mesmo de situação. Projete-se um pouco mais.

★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Tôdas as portas estarão fechadas para o leitor, no curso dos próximos sete dias, em matéria de negócios. Suas possibilidades de êxito serão mínimas, principalmente nos dias 14 e 20, justamente nos extremos do novo período.

★ CANCER (23/12 — 20/1) — A semana terá início desfavorável, no seu caso. O clima astral, porém, melhorará e os acontecimentos tomarão um curso favorável aos seus interêsses.

★ LEAO (21/1 — 20/2) — Os leoninos, e é êste o seu caso, não conseguirão vantagens nos prélios em que se empenharem nos próximos sete dias. Em jôgo, de qualquer espécie, levarão a pior.

★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — Não corra o risco de uma viagem aérea nos dias 16 e 18. Há, no seu caso, um concurso de circunstâncias as mais desfavoráveis, em tal sentido. Os assuntos profissionais estarão bem pôsto.

★ LIBRA (23/3 — 20/4) — Encha-se de otimismo e aproveite o ambiente favorável que os astros vão lhe dar. Os negócios profissionais, os casos sentimentais, a vida doméstica e as relações sociais estarão muito bem astralizados. Passará o leitor, um período de chance admirável.

★ ESCORPIAO (21/4 — 20/5) — Não se recomendarão suas iniciativas no próximo período. Os empreendimentos carecerão de importância e não chegarão aos fins colimados. O melhor, no caso, é ficar no terreno, olhando o tempo, deixando-o passar.

★ SAGITARIO (21/5 — 23/6) — O novo período será favorável à exploração, em conjunto, de novos negócios. As sociedades comerciais, organizadas na vigência da próxima semana, serão muito bem sucedidas. Terão um rápido desenvolvimento e atingirão, com segurança, os objetivos.

★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — O momento, representado pelos próximos sete dias, será muito mais propício às suas atividades, aos seus negócios e aos seus interêsses. Exponha seus planos e encontrará quem o financie.

★ AQUARIO (23/7 — 21/8) — O leitor terá, agora, um período bonançoso, período no qual poderá ter resolvidas tôdas as suas diferenças, tanto na vida profissional como na vida íntima. O motivo dessa favorabilidade está nos bons aspectos em formação entre a Lua e o seu astro.

★ PEIXES (22/8 — 20/9) — Os influxos favoráveis da semana finda não continuarão na semana entrante. Sua chance diminuirá, conseqüentemente. Recomenda-se prudência em tudo o que fizer ou tentar fazer. O terreno é escorregadio.

OS NOMES DA SEMANA

Novembro	14	—	Jerônimo	—	Edla
"	15	—	Otávio	—	Eugênia
"	16	—	Edmundo	—	Inez
"	17	—	Gregório	—	Vitória
"	18	—	Máximo	—	Isabel
"	19	—	Marino	—	Marina
"	20	—	Hipólito	—	Eulair

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

Novembro	14	—	21° 49' 49"	(Signo do Escorpião)
"	15	—	22° 50' 16"	(" " ")
"	16	—	23° 50' 44"	(" " ")
"	17	—	24° 51' 13"	(" " ")
"	18	—	25° 51' 44"	(" " ")
"	19	—	26° 52' 15"	(" " ")
"	20	—	27° 52' 49"	(" " ")

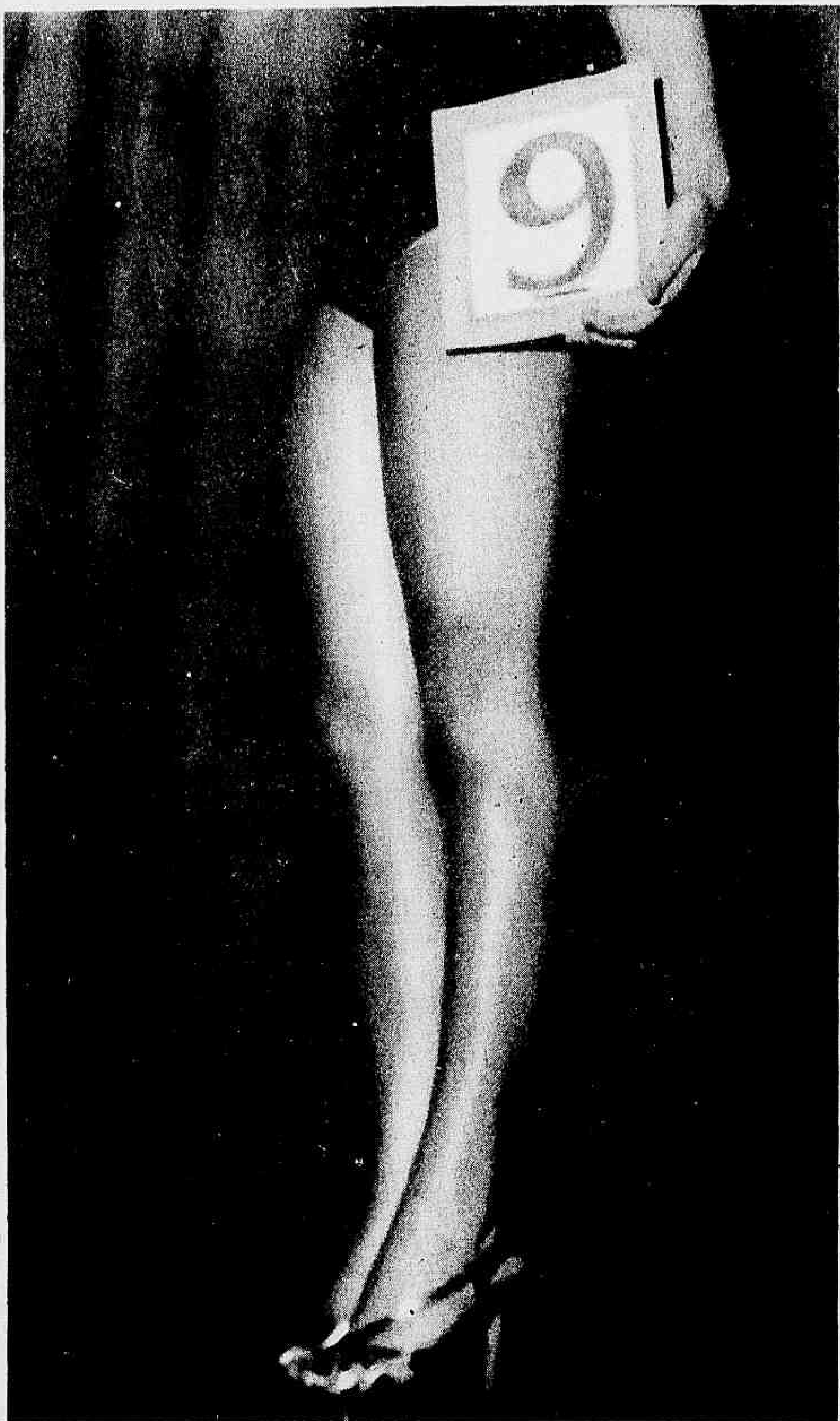
O JÚRI PREFERIU AS LOURAS



ANTES DO DESFILE FATAL as candidatas, numa sala ao lado, onde sòmente os fotógrafos podiam penetrar, não escondem seu nervosismo ante a dura prova a que seriam submetidas depois. Algumas sorriem, outras...

A.B.I., de lá não saiu satisfeito. A escolhida (Ingrid Schmidt), se bem que predicados não lhe faltassem, derrotou sua mais forte concorrente (Maria Helena Ferreira Pinto), apenas em eficiência esportiva; tendo, entretanto, perdido em plástica e graça. Houve protestos do público e até mesmo um princípio de azuada, debelado pela habilidade do locutor que comandava a festa. O concurso para a escolha da Rainha da Primavera de 1953 terminou com o seguinte resultado: 1° lugar — Ingrid Schmidt, 2° — Maria Helena Ferreira Pinto, 3° — Iolanda Margaret Emerick, 4° — Daisy Mary Lamberg, 5° — Marlene Dietrich. E' interessante acentuar o nervosismo das «meninas» antes, durante e depois da prova, tendo mesmo algumas delas, após a realização do pleito, aparecido ainda com olhos de quem chorou... e muito. Enfim, a festa foi de esplendorosa beleza, um espetáculo digno dos maiores aplausos.







ESTAS PERNAS são da senhorita Maria Helena Ferreira Pinto, a segunda colocada no concurso e representante do Fluminense. O público não se conformou com a decisão do júri. Queria Maria Helena em 1º lugar.

A RAINHA POSA PARA A POSTERIDADE... Verdadeira multidão de fotógrafos lotou completamente o espaço existente entre o palco e as primeiras filas de cadeiras do auditório da A.B.I. Na foto, Ingrid após a vitória.



ANTISARDINA renova as células da epiderme, protege as células novas, restitui à pele cansada, ou prematuramente envelhecida, nua normal elasticidade, limpando-a de sardas, espinhas, manchas, rugas, panos, etc. ANTISARDINA é um creme de beleza CIENTIFICAMENTE preparado com ingredientes rigorosamente selecionados.



Cinema

NEWTON COUTO


Dean Martin, Mona Freeman e Jerry Lewis, três dos principais artistas do filme «Os Malucos do Ar» (Jumping Jacks), da Paramount.

DETURPAÇÃO DE UMA OBRA

POSITIVAMENTE, a desonestidade, que antes existia em pequena escala dentro do setor cinematográfico, agora se acentua cada vez mais, a ponto de cortarem os filmes que nos chegam dos Estados Unidos, por sua livre e espontânea vontade, ludibriando escandalosamente o nosso público. Foi o que se verificou com a película da 20th Century Fox, «Páginas da Vida» (O. Henry's Full House). Os diretores desta companhia no Brasil, acharam que um dos 5 episódios que o celulóide contém, prejudicava no conjunto a mencionada obra, resolvendo, então, cortá-lo por sua própria conta, mutilando um trabalho, que mereceu por parte de seus realizadores, o maior carinho e espírito artístico. Foi justamente o episódio desempenhado pelos atores Oscar Levant e Fred Alen, sob a direção de Howard Hawks, cometendo, desta maneira, um crime, como se fôssem verdadeiros vândalos, deturpando uma obra cinematográfica, que aqui veio para ser julgada pelo público e pela crítica.

Êste crime toma proporções ainda maiores, quando sabemos que a película está sendo exibida com os nomes dos artistas e do diretor, que trabalharam no citado episódio, principalmente Fred Allen, que encabeça o elenco. Mesmo que o filme não possuísse grandes qualidades artísticas, nós faríamos estas restrições, porque uma obra, seja ela boa ou má, não deve ser tocada em hipótese alguma, a não ser pelo seu próprio autor, ao julgá-la capaz de alguns retoques, que porventura tenha sido esquecido pelo mesmo. Como «Páginas da Vida» está sendo exibida, com horários partidos, pois a película se viu diminuída na sua metragem normal, dá motivo a uma dúbia interpretação: de que a agência da 20th Century Fox no Brasil, resolveu cortar o filme, com o único intuito de ganhar mais dinheiro, realizando mais sessões do que se teria verificado, se «O. Henry's Full House» não tivesse sido cortado. Se, de fato, houve esta intenção por parte dos diretores, então o caso se torna mais sério e digno de medidas mais drásticas. Agora, perguntamos nós: onde está a nossa censura, que não toma conhecimento de um caso como êsse? São justamente as nossas autoridades, que deviam zelar pela bôlsa do nosso público, que paga entrada para assistir a um espetáculo completo, e que se viu ludibriado, como no caso da tela panorâmica instalada nos Metros, e nos «shorts» «metroscope» que a Metro Goldwyn Mayer vai exibir, para fazer confusão com a 3ª dimensão (sistema «polaroid»). Onde está a nossa censura, que não está vendo êstes assaltos à bôlsa do público?

OS MALUCOS DO AR

JUMPING JACKS

● Juntamente com seu sócio, Chick Allen (Dean Martin), Hap Smith (Jerry Lewis) está fazendo um ato de comédia para os pára-quedistas, tendo como companheira a linda Betty Carver (Mona Freeman), e estão tendo muito sucesso. Não muito inteligente, Hap não percebe quão bom comediante é, mas outros o percebem por êle e Sam (Ed May), agente dêles, diz que Earl White, um grande empresário, está interessado nêles. Isso significa Broadway e uma vida de sucesso sem precedentes! Mas nesse meio tempo Hap recebe um misterioso chamado do campo militar de Belding. No fim êle descobre que o chamado procedia de Chick, que tinha sido encarregado de preparar um espetáculo para as tropas. Mas há um obstáculo à frente, na pessoa do general Timmons (Ray Teale), que não apreciava essa classe de espetáculos. Se êles conseguissem seu intento, Chick receberia mais uma divisa e seria promovido a cabo. O cômico de que o elenco dispõe não é nada bom e o espetáculo precisa muito do toque de Hap.

Chick, Dogface (Dick Erdman) e Kelsey (Don DeFore) e outros rapazes do elenco planejam contrabandear Hap para dentro do campo, já que êle, como civil, seria barrado pelas sentinelas. Êles então resolvem que Hap entrará com o uniforme de Dogface, o outro cômico, e com sua identidade. Dogface esconde-se a fim de não ser descoberto o embuste. Hap não quer tomar parte no plano, mas é vencido pela vontade da maioria, e entra no campo sem novidades, a não ser suscitar a ira do sargento McCluskey. O espetáculo é um sucesso sem precedentes, mesmo o general ri-se a bandeiras despregadas das piadas de Hap. Tão entusiasmado fica o comandante que dá ordens para que o espetáculo seja apresentado em outros campos de treinamento, o que significa que Hap tem que permanecer no elenco, no lugar de Dogface. Hap fica aborrecidíssimo com o ritmo dos acontecimentos, pois tinha um encontro com o empresário Earl White. Chick e os companheiros, porém, impedem-no que fuja.

O sargento McCluskey é pôsto à testa do elenco, mas como nunca tinha visto Dogface, não suspeita da substituição. Êle não tira os olhos de sôbre Hap, mas seus companheiros fazem tudo para encobrir seus erros, pois êle nada conhecia da rotina militar. Numa das excurções feitas, quando há uma baldeação, Hap consegue fugir e segue para o escritório de Earl, onde também o espera Betty. Êles ficam abismados ao vê-lo fardado, mas antes que se possa explicar a verdade, eis que surge Chick e o leva de volta ao trem.

Por onde quer que vá, o espetáculo é um êxito, o que não impede que o sargento submeta os artistas a treinos duros, incluindo exercícios de pára-quedismo. Hap está apavorado, mas agüenta o rojão, conseguindo, com muita sorte, vencer a animosidade do sargento. Tudo se transforma e Chick é rebaixado, subindo Hap para o pôsto de cabo. O caso se complica de maneira incrível, quando o sargento descobre Dogface e, pensando ser êle um espião, já que não se podia identificar, leva-o à presença do general Timmons. Hap teria então que desaparecer, a fim de que Dogface pudesse salvar-se da acusação, mas quando êle tenta escapar de novo, é encontrado e prêso pelos próprios companheiros. Nesse ínterim, começam as manobras e Hap sai-se às mil maravilhas, fazendo até que o lado comandado pelo general vença as manobras. Com a alegria do comandante pelo fato, Hap resolve contar a verdade e a situação se aclara com o seu alistamento voluntário nas tropas pára-quedistas...

Notícias

★ *Nem Edmond O'Brien, nem Frank Lovejoy se sentem humilhados ou estranhos quando dirigidos por uma mulher. Ida Lupino, no filme "O Mundo Odeia-me" (The Kitch-Kiker), para a RKO Radio. Ao contrario, parecem até mais inspirados... O'Brien, quando trabalhou na Broadway, foi dirigido por duas mulheres: Margaret Webster e Auriel Less. Lovejoy acha que muito deve a Antoinette Perry, quando, êle estrelando "Chalked Out", foi ensinado em muito na arte de contracenar, por esta última diretora. E ambos dizem que, mesmo sendo mais duras no trabalho e na exigência, são mais inspiradoras...*

★ *MacDonald Carey, que divide o estrelato com Teresa Wright em "Mêdo que Condena" (Every Minute Counts), uma produção da RKO, foi o primeiro entre os atores que já trabalharam em filmes de "terceira dimensão". Tornou-se, por isso, sócio do "Clube Stereoscopic de Hollywood".*

★ *Bing Crosby e Hob Hope fizeram sete "trailers" especiais para a televisão, como parte da campanha publicitária para o lançamento de "De Tanga e de Sarong", uma comédia tecnicolor em que êles reaparecem ao lado de Dorothy Lamour. Alguns dêsses "trailers" são bem mais engraçados do que certos "shorts" cômicos.*


Esta é a Simone Signoret de «Escravas do Amor», «Hotel Clandestino», «Conflitos de Amor», «Amôres de Apache» e mais recentemente «Thérèse Raquin», que acaba de filmar sob a direção de Marcel Carné, num instantâneo tirado sôbre uma das pontes do velho Sena.

Colcha de Retalhos

Conto de MONTEIRO LOBATO



Ilustração de FORTUNA

UPA!

Cavalgo e parto.

Por êstes dias de março a natureza acorda tarde. Passa as manhãs embrulhadas num roupão de neblinas e é com espreguiçamentos de mulher vadia que despe os véus de cerração para o banho luminoso do sol.

A névoa esmaia o relêvo da paisagem, desbota-lhe as côres. Tudo parece coado através dum cristal despolido.

Vejo a orla de capim tufada como debrum pelo fio dos barrancos; vejo o roxo-terra da estrada descorar passos adiante; e nada mais vejo senão, a espaços, o vulto gotejante dalguns angiqueiros marginais.

Agora, uma porteira.

Ali, a encruzilhada do Labrego.

Tomo à destra, em direitura ao sítio do José Alvorada.

Êste sujeito mora-me a jeito de empreitar um roçado no capoeirão de Bilu, nata da terra que pelas bôcas do caeté legítimo, da unha-de-vaca e da caquera está a pedir foice e covas de milho.

Não é difícil a puxada: com cinqüenta braças de carreador boto a roça no caminho.

Três alqueires, só do bom. Talvez quatro. A noventa por um — nove vêzes quatro trinta e seis: trezentos e sessenta alqueires de oito mãos. Descontadas as bandeiras que o porco estraga e o que comem a paca e o rato...

Será a filha do Alvorada?

— Bom dia, menina. O pai está em casa?

É a filha única. Pelo jeito não vai além de quatorze anos. Que frescura! Lembra os pés d'avenca viçados nas grotas noruegas. Mas arredia e itê como a fruta do gravatá. Olhem como se acanhou! D'olhos baixos, finge arrumar a rodilha. Veio pegar água a êste córrego e é milagre não se haver esgueirado por detrás daquela moita de taquaris, ao ver-me.

— O pai está lá? Insisti.

Respondeu um «está» enleado, sem erguer os olhos da rodilha.

Como a vida do mato asselvaja estas viadinhas! Note-se que os Alvoradas não são caipiras. O velho, quando comprou a situação dos Periquitos, vinha da cidade; lembro-me até que entrava em sua casa um jornal.

Mas a vida lhes correu dura na luta contra terras ensapezadas e sêcas, que encurtam as safras por mais dê de si o homem. Foram-se rareando as idas à cidade e, ao cabo, de todo se suprimiram. Depois que lhes nasceu a menina, rebento floral em anos outônicos, e que a geada queimou o café novo — uma tamina, três mil pés — o velho, amuado, nunca mais espichou o nariz fora do sítio.

Se o marido deu assim em urumbeva, a mulher, essa enraizou de peão para o resto da vida. Costumava dizer: mulher da roça vai à vila três vêzes — uma a batizar, outra a casar, terceira a enterrar.

Com tais casmurrices na cabeça dos velhos, era natural que a pobrezinha do Pingo d'Agua (tinha êsse apelido a Maria das Dores) se tolhesse na desenvoltura ao extremo de ganhar mêdo à gente. Fôra uma vez à vila, com vinte dias, a batizar. E já lá ia nos quatorze anos sem nunca mais ter-se arredado dali.

Ler? Escrever? Patacoadas, falta de serviço, dizia a mãe. Que lhe valeu a ela ler e escrever que nem uma professôra se des' que casou nunca mais teve jeito de abrir um livro? Na roça, como na roça.

Deixei a menina às voltas com a rodilha e embrenhei-me por um atalho conducente à morada.

Que ruinaria!...

Da casa antiga aluíra uma ala, e o restante, além da cumieira selada, tinha o oitão fora do prumo.

O velho pomar, roído de formigas, sucumbira de inanição; na ânsia de sobreviver, três ou quatro laranjeiras macilentas, furadas de broca, sopesando o polvo retrançado de compridos espinhos. Fora disso, mamoeiros, a silvestre goiaba e araçás, promìscuamente com o mato invasor que só respeitava o terreirinho batido, fronteiriço à casa. Tapera, quase, e, enluradas nela, o que é mais triste, almas humanas em tapera.

Bati palmas.

— Ó da casa!

Apareceu a mulher.

— Está sêo Zé?

— Inda agorinha saiu, mas não demora. Foi queimar um mel na massaranduva no pasto. Apeie e entre.

Amarrei o cavalo a um moirão de cêrca e entrei.

Acabadinha, a Sinh'Ana. Tôda rugas na cara — e uma côr... Estranhei isso.

Doença, gemeu. Estou no fim. Estômago, fígado, uma dor aqui no peito que responde na cacunda... Casa velha, é o que é.

— Metade é cisma, disse-lhe, para consôlo.

— Eu é que sei! retrucou suspirando.

Entrementes, surgiu na cozinha uma velhota bem apessoada, no cerne, rija e têsa, que me saudou e:

— Está espantado do jeito da Nhana? Esta gente de agora não presta pra nada... Olhe: eu com setenta no lombo não me troco por ela... Criei a minha neta e inda lavo, cozinho e coso. Admira-se? Coso, sim!...

— Mecê é gabola porque nunca padeceu doença — nem de dor de dente... Mas eu? Pobre de mim! Só admiro de inda estar fora da cova... Aí vem o Zé.

Chega o Alvorada. Ao ver-me, abriu a cara.

— Ora viva quem se lembra dos pobres! Não pego na sua mão porque estou assim... É só melado. Bonito, hein? Estava difícil, num ôco muito alto e sem jeito. Mas sempre tirei. Não é jiti, não! É meu de pau.

Depôs num mocho a cuia dos favos e se foi à janela lavar as mãos sob a cuia d'água que a mulher despejava. Pôs os olhos no meu cavalo:

— Hoje veio no picaço... Bom bicho! Eu sempre digo: animal, aqui no redor, são êste picaço e a ruana do Izé de Lima. O mais é aguada de moenda.

Neste momento entrou a menina de pote à cabeça.

Ao vê-la o pai apontou para a cuia de mel.

— Está aí, filha! o doce da aposta. Perdi, paguei.

Que aposta? Ah! ah! Brincadeira. A gente cá na roça, quando não tem serviço, com qualquer coisa se diverte. Vinha passando um bando de maritacas. Eu disse, à-toa: são mais de dez! Pingo negou: não chega lá! Apostamos. Eram nove. Ela ganhou o doce. Doce da roça mel é. Esta songuinha só vendo, não é o que parece não!

A loquacidade do Alvorada não desmedrara com o atraso da vida. Em se lhe dando corda, ressurgia nêle o tagarela da cidade.

Espus-lhe o meu negócio. O homem enrugou a testa e refletiu um bocado, de queixo prêso. Depois:

— Eu hoje, franqueza, não valho mais nada. Des' que caí daquela amaldiçoada ponte do Labrego, fiquei assim como quebrado por dentro. Não escoro serviço, e para lidar com camaradas no eito não basta ter bôca. Sem puxar a enxada de par com êles, a coisa não vai, não! Lembra-se da empreitada do ano retrasado? Pois saí perdendo dinheiro. O tranca do João Mina me quebrou um machado e furtou uma foice. Com êsses prejuízos não livrei o jornal.

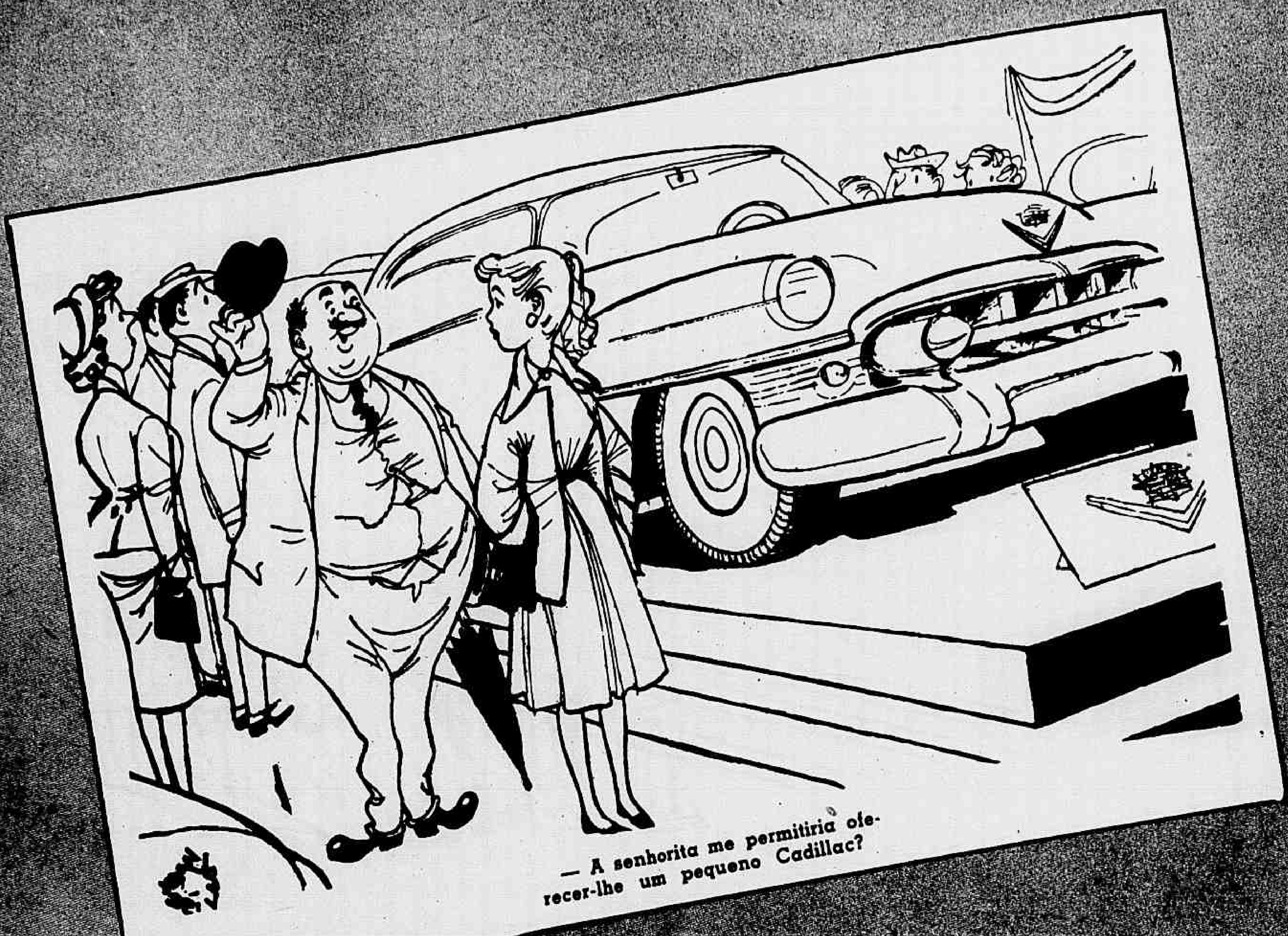
Desde então fiz cruz em serviços alheios. Se ainda teimo neste sapezeiro é por via da menina; senão, largava tudo e ia viver no mato, como bicho. É Pingo que inda me dá um pouco de coragem, concluiu com ternura.

A velhinha sentara-se à luz da janela e, abrindo uma caixeta, pusera-se a coser, de óculos no nariz.

Aproximei-me admirativo.

— Sim, senhora! Com setenta anos!

(Continua na página 48)

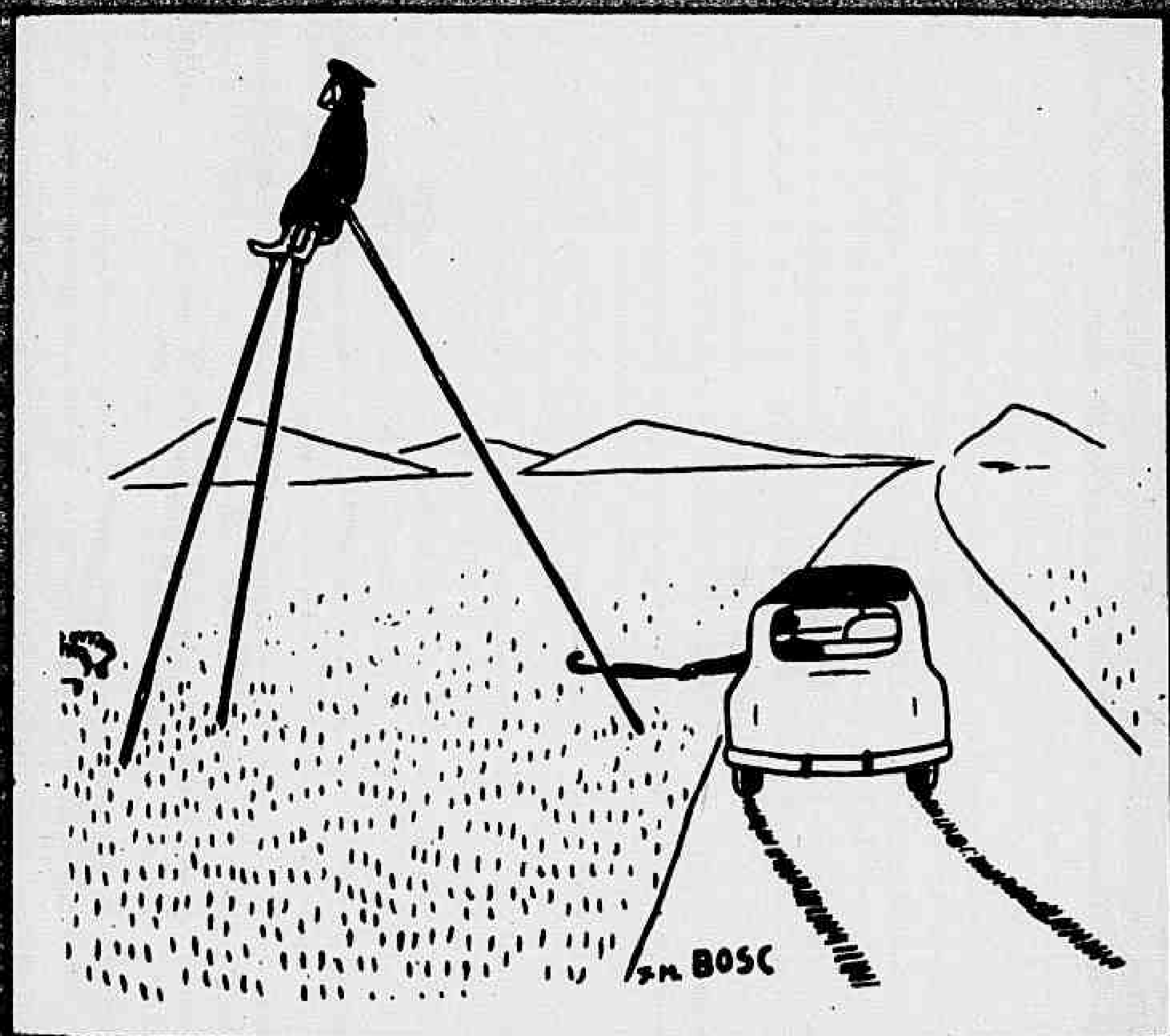


— A senhorita me permitiria oferecer-lhe um pequeno Cadillac?

O RISO DOS OUTROS



— Ao vir no meu carro aqui para o estúdio, aconteceu-me um incidente pequeno...

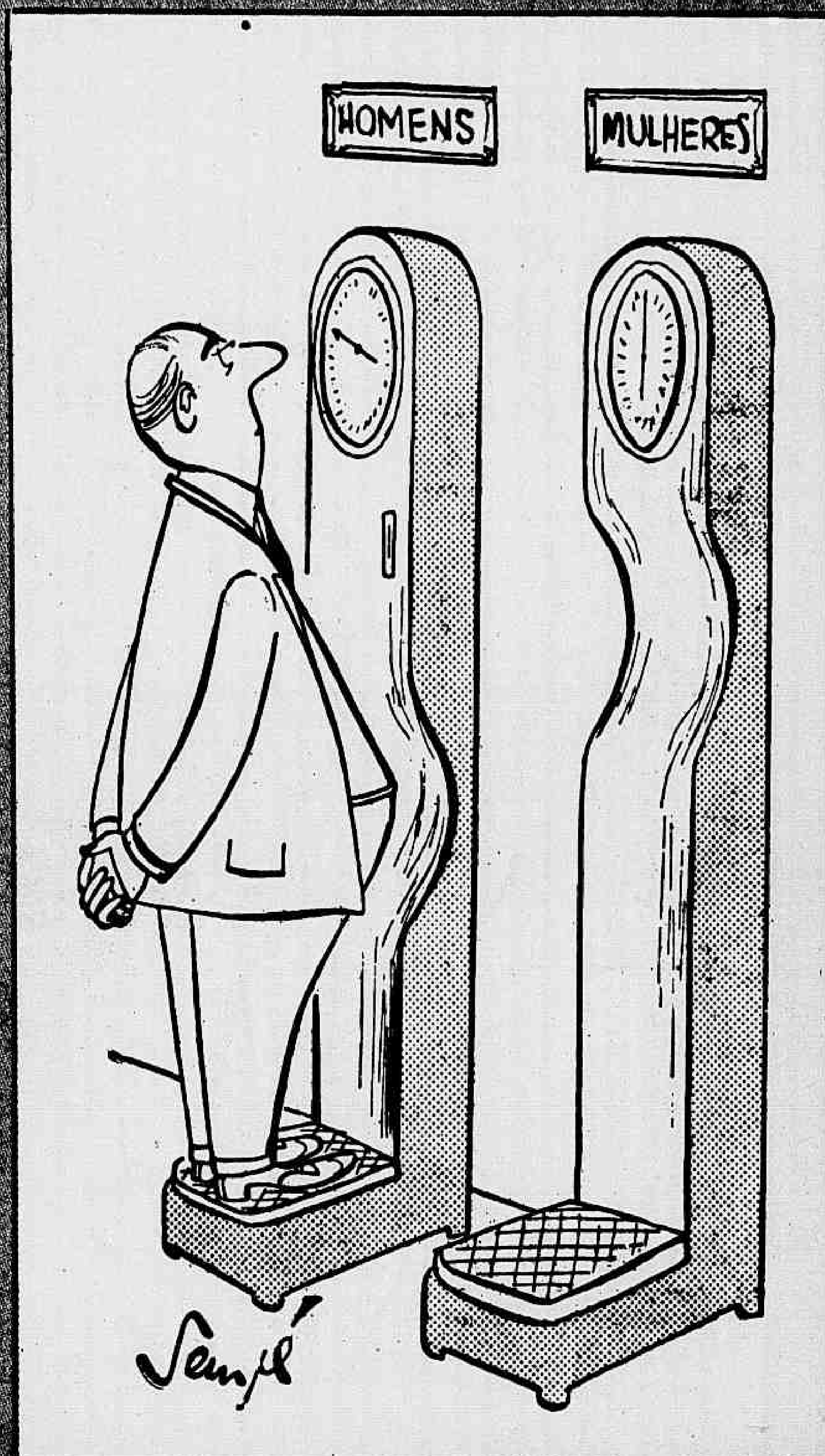




— Trate de distraí-lo enquanto eu vou pegar o meu fuzil...



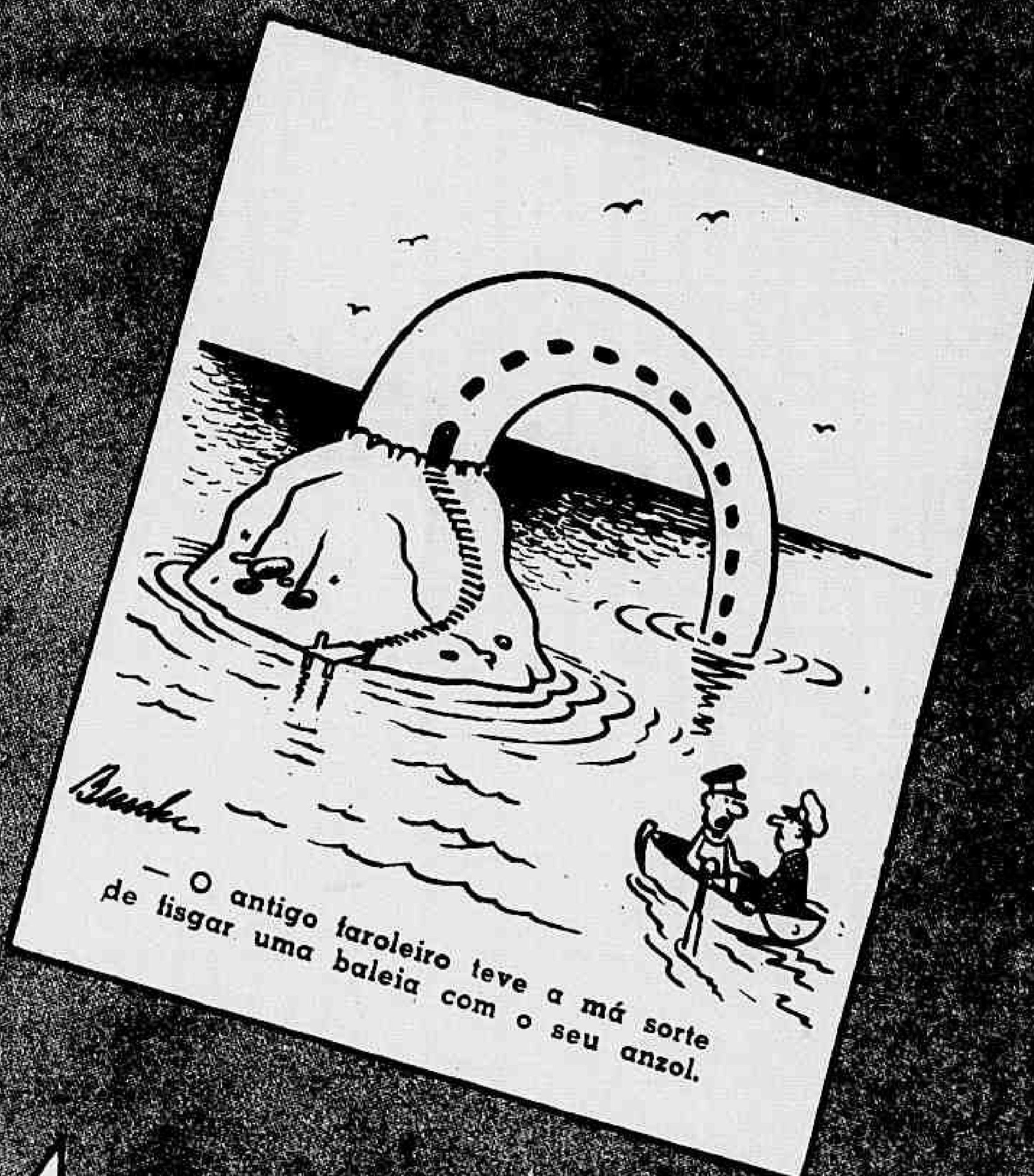
— Você está certo de que é assim que se fabrica vinho?







— Por ti, meu amor, sou capaz de qualquer sacrifício.



— O antigo faroleiro teve a má sorte de fisgar uma baleia com o seu anzol.



NOVE PEQUENAS PARA UM RAPAZ

Romance de MICHEL DUCHEMIM — Tradução de SILVIA JAMBEIRO

— Se o senhor queria descer em Novaro, cavalheiro, é um pouco tarde. Acabamos de sair de lá, neste instante.

E o problema parece desdobrar-se cada vez mais. Ficamos mudos de ansiedade, eu mais que todos.

Dentro do silêncio, uma das moças abre o fecho-eclair de sua bôlsa de viagem e sem um pouco de vergonha anuncia:

— Estou com uma fome! . . .

Graças a Deus, digo eu para mim mesmo. Afinal, sem ser incivil, poderei recorrer a algumas provisões e satisfazer meu apetite. E as valises começam a dançar de mão em mão, num «ballet» de biscoitos, salsichas, pacotes de doce, marmelada, tudo sôbre os nossos joelhos protegidos por guardanapos de papel. A melhor parte da batalha — o rancho.

A melhor coisa nestas ocasiões estava faltando, mas Andrea nos oferece — é um excelente salsichão para grandes trajetos. Colette dá pena, dentes cerrados, joelhos fortemente seguros pelas mãos entrelaçadas, recusa tudo que lhe oferecem. Ponho a disposição, então, o meu arsenal de latas de conserva:

— Oh! Vamos guardar isto, Michel, (gritam tôdas as meninas de uma vez) vamos guardar para dias piores.

E elas me cumulam de gentilezas e de coisas gostosas, e eu vou provando aqui e ali, de oito coizinhas diferentes que me são oferecidas. O momento é exaltante; temos a impressão de estar vivendo uma aventura diferente . . . na verdade ninguém sabia ali onde estaríamos naquela tarde.

E fora isto, como numa queixa, lembramo-nos de Françoise . . .

Eram precisamente uma hora e vinte, quando o trem entrou na gare de Milão. Na estação bem à nossa frente um comboio longo se sacode e movimenta enfeitado de cartazes. Nós não podemos reprimir um grito aflito ao vê-lo distanciar-se, nove gritos de aflição, pois acabáramos de ler nos cartazes: SIMPLON-ORIENTE-EXPRESSO.

Olhamos então a gare que nos parece plana, imensa, vazia e insuportável. O sol desaparecera e a nossa coragem também. Enfim era preciso que alguém tomasse uma atitude. E braços cruzados, cabeça erguida, fiz frente à catástrofe:

— Escutem (disse eu, reunindo as moças à minha volta), dois problemas se apresentam diante de nós. Temos primeiro de obter novas informações sôbre os trens iugoslavos; nós não podemos nos dar ao luxo de um dia de atraso, seria uma catástrofe: os quartos reservados no hotel correndo por nossa conta, as passagens para as baldeações e mil coisas que não me vêm à memória agora.

É preciso que cheguemos a Rijeka quinta-feira antes das cinco horas da manhã. Quanto a Françoise, que ignora tudo o que se está passando e que nem sabe em que ponto da Iugoslávia vamos desembarcar . . .

— Oh! é horrível (choraminga Colette).

— Há uma solução, Colette; dentro de duas horas ela deve embarcar no trem de Verona. Por que não nos comunicarmos com ela pelo alto-falante daquela gare, exatamente como Andrea teve o bom senso de fazer?

E então Colette e eu nos precipitamos para o «bureau» de informações.

— Parla francese?

— Mas claro, cavalheiro.

— Ótimo, pode então me informar o horário do próximo trem para Trieste?

— Para Trieste? . . . Cinco horas.

— E de Trieste a Rijeka?

O tipo que me fornecia as informações, baixo e gordote, vestido com a elegância de todo italiano que se preza, bateu com a mão com tôda fôrça sôbre o balcão do «guichet», nos fitou com ar sisudo e disse solenemente:

— Cavalheiro, (tive a impressão que êle ia pedir uma das minhas meninas em casamento) nós não temos os horários dos trens dêste país, não queremos ter e não queremos saber de nada abso-

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

● O jovem arquiteto Michel, tentado pelos cartazes de uma agência de turismo, resolve visitar a Iugoslávia. A notícia é recebida com protestos por sua mãe que, não obstante, começa a informar-se sôbre o lugar. Os apuros de Michel começam aí, com os amigos dando palpites desencontrados. No dia da partida a mala ainda está por fazer e a confusão é aumentada pela mãe de Michel. Em cima da hora o viajante entulha a mala e corre para pegar o trem. A estação lhe parece deserta, mas depois aparece o «organizador» com quatro moças e dizendo que os rapazes desistiram, e Michel viajará com dez moças, e sendo o único rapaz do grupo, fica com a responsabilidade de tudo. O trem parte. Michel confere os passaportes com as moças presentes e separa os das que embarcarão nas próximas estações. E assim chegam a Modane, onde mais duas moças se juntam ao grupo. Uma vez aumentada a turma, é preciso dividi-la, e é um problema a escolha de quem irá para o outro vagão. Duas das pequenas começam a discutir sôbre um assunto que parece sério e pedem ao rapaz que desça as duas malas (pesadíssimas), a fim de resolverem a questão. Michel se sujeita ao sacrifício de descer as malas, pois está curioso para saber do que se trata, e finalmente tem a decepção de saber que discutiam sôbre meias «nylons». Uma sacudidela indica que o trem está em marcha outra vez, e se afasta cruzando a fronteira. Todos sentem uma certa saudade e resolvem escrever para casa. Michel sente crescer a sua responsabilidade.

lutamente que se relacione com aquela gente.

E atirando-me um olhar gelado deu meia volta e abandonou o recinto.

Fiquei sem jeito; esquecera aquela terrível querela dupla. Prêso entre dois fogos, prestes a explodir, como obter os horários dos trens?

Colette me arrasta ao «bureau» do chefe da estação. Nós coramos como dois tolos, mas nos dirigimos ao «guichet» e chegamos diante do chefe da gare. Êle é um personagem muito importante, com ares de comandante de cruzador; não chegamos mesmo a contar os galões de sua farda, mesmo porque não nos interessavam. Depois de explanado nosso desejo, êle nos explica que enviar aquela pequena mensagem pelo alto-falante à gare de Verona acarretaria problemas de ordem técnica, jurídica e administrativa, que cérebros jovens como os nossos não poderiam compreender.

Muito tristes e cabisbaixos voltamos a nos reunir ao grupo. Teríamos que nos arranjar, nós mesmos, com nosso problema. Françoise embarcaria no trem de Verona. Fiz cuidadoso e minucioso interrogatório a Colette sôbre as tendências e hábitos de Françoise. Eu falava num tom atencioso e comovido dos discursadores que se dirigem à memória de um ente querido que se foi. Qual seria a reação dela não conseguindo nos encontrar dentro do trem? Será que ela iria chorar e espenear chamando por mamãe ou desceria na próxima estação — enfim, em poucas palavras: era ela uma pequena com cabeça pensante ou só para usar chapéu?

— Oh! Sim, ela é inteligente (garante Colette, traindo a mais profunda convicção).

Suspirei desanimado e reunimos o grupo que tranqüilamente chupa os primeiros «gelati» da viagem.

Eu ia sentando para descansar um pouco, mas levantei-me precipitadamente, como se tivesse sentado sôbre um pé de cactus; que cabeça! Não é que ia esquecendo de avisar o guia que nos esperaria em Rijeka?

Também êle não nos encontrará no trem Simplon. E corro ao pôsto de telégrafo. Eu! que nunca passei telegramas dentro da França, perguntava a mim mesmo como me arranjaria para telegrafar na Itália?

Faço nova e tímida tentativa, dirigindo-me ao «bureau» de informações a fim de pedir um intérprete. À minha entrada um silêncio glacial me acolhe, olhares de censura flutuam no ar, sinto que quase posso tocá-los com as mãos.

Felizmente um funcionário se digna a me indicar lá no fundo da gare uma espécie de Tarzan medindo bem uns dois metros de altura. Chegando mais perto consigo distinguir efetivamente a palavra «intérprete» em letras douradas no seu boné. Mas o Tarzan não se pode ocupar com a minha modesta pessoa, é o que êle me informa, porque um grupo de estrangeiros já solicitou seus serviços, termina numa voz própria para cantar barcarolas e se afasta deixando-me lá plantado com cara de bobo.

Afinal, a custa de muitos sorrisos e gestos das mãos e também graças ao meu «volapuk» de palavras francesas terminadas em A, consegui fazer com que entendessem meu telegrama.

E então, apressadamente, saí do «guichet» do telégrafo, para voltar a proteger minhas meninas, que deviam estar aflitas esperando, sentadas em cima das malas . . .

Mas qual . . . as ilusões são feitas para serem perdidas. Eu as encontro, as minhas meninas, em palestra animadíssima com o tal Tarzan. Era esta a missão importante que êle tinha a cumprir e não me podia atender. Eu lhe atiro um olhar sombrio e gelado. E êle nem faz o menor gesto para oferecer-se



Ilustração de RAMON

para carregar as malas, o que redimiria um pouco o seu proceder. E então organizo o meu «safari» na gare, na gare é modo de dizer, porque agora tem início uma espécie de carrossel desenfreado que nos leva de trem em trem, de vagão em vagão. Os trens italianos nos parecem compostos de vagões tão independentes que cada comboio é um alinhamento irregular de peças curvas e retas, mais parecendo uma coleção de mosaicos destinados a se espalharem por tôdas as vilas da península, exceto, talvez, Trieste.

E esta tarde somos nós os Fregoli do trem. Seis vêzes seguidas pisamos os mesmos pés; reprisamos várias vêzes a nossa passagem triunfal pelo mesmo corredor até que chegamos a um, onde uma longa fila, para cúmulo, não deixava que nos movêssemos para frente nem para trás.

Finalmente o trem resolveu pôr-se em movimento.

★

Em Verona, nove cabeças surgem nas janelas do trem, nove pares de olhos se estreitam.

A gare está superlotada, mas para nós não há ninguém, pois uma única pessoa nos interessa. Começo a entender agora a expressão «dormir em pé», inventada por um homem experiente. Todos dormimos em pé naquele corredor, e é mais ou menos como sonâmbulos, que vemos o trem começar a esvaziar-se como por encanto, e apressamo-nos a ocupar os bancos que ficaram livres, embora sem muita esperança de dormir.

Além disso, podíamos ver o Adriático e sua faixa iluminada; o mar abaixo de nós com reflexos luminosos e a Lua lá em cima a prateá-lo.

Os policiais nos tiram do nosso encantamento. É o desfile que começa: zona italiana, zona internacional, zona americana, zona iugoslava, nem sei quantas zonas e quantos policiais nós vimos.

(Cont. na pág. 50)



LUCAS GARCEZ: O seu rompimento com Ademar já havia sido determinado pelos atros, que também prevêem sérias e decisivas transformações na vida política do governador paulista.

O duelo Ademar x Garcez — VI

OS ASTROS E O SR. LUCAS GARCEZ

A chance e os predicados políticos do sr. Lucas Garcez poderão levá-lo ao Catete, em janeiro de 1956, como sucessor do Presidente Getúlio Vargas? Será S. Excia., um candidato sério, ao pôsto de primeiro magistrado do Brasil? Muitas coisas acontecerão até a data das futuras eleições presidenciais.

A desfavorabilidade dos luminares na déci-

A POSIÇÃO ASTROLÓGICA DO GOVERNADOR DE SÃO PAULO, AOS 41 ANOS E SUA POSSÍVEL CANDIDATURA À SUCESSÃO DO PRESIDENTE GETÚLIO VARGAS ★ UM TRANSITO EVOLUTIVO SEM MAIOR EXPRESSÃO.

De BATISTA DE OLIVEIRA para a «REVISTA DA SEMANA»

ma casa do horóscopo natal do governador de São Paulo, estando a Lua em quadratura e o Sol em meia sextilha, é a causa potencial da feição pollticamente antipática de S. Excia. Os astros deram ao ilustre engenheiro paulista, uma figura completamente destituída do magnetismo pessoal tão característico dos gra...es condutores de homens. O sr. Lucas Garcez chegou

ao govêrno do Estado de São Paulo, graças à máquina eleitoral montada pelo sr. Ademar de Barros. De outro modo não teria conseguido um milhar de votos.

As eleições para a escolha do sucessor do sr. Getúlio Vargas na presidência da República, deverão realizar-se no segundo semestre de 1955, em outubro, provàvelmente. O trânsito evolutivo do atual governador de São Paulo, relativo ao pleito presidencial, serão, então, o dos 41 anos. Vamos examiná-lo, detidamente, para fixar a posição de S. Excia., em face da competição político-partidária já declaradamente aberta. O destino de uma pessoa qualquer, segundo as leis evolutivas redescobertas por D. Néroman, está, aos 41 anos, a 18, 1º da sua posição nativa, na progressão do terceiro e último ciclo evolutivo da pessoa em causa.

Disposto em natividade a 70 graus de longitude, o destino do sr. Lucas Garcez, representado pela antena sensitiva, estará a 9 de dezembro do ano vindouro, por ocasião da abertura do trânsito dos 41 anos, a 51, 9 zodiacais, sediando-se, dêsse modo, no signo térreo do Touro, sob a égide de Vênus.

No trânsito em aprêço, as casas mais visitadas serão a nona e a décima. Esta receberá três visitantes, e aquela, dois, apenas.

Na casa dez, o Sol, Mercúrio e Vênus previtalizarão, respectivamente; a meia sextilha de Uranus, o plexus direto do astro-rei e o quincôncio de Marte. Na casa nove, setor do dinamismo social, Saturno e Netuno, os dois solidários, acionarão a sextilha de Uranus, a meia sextilha do Sol e o quincôncio do «Grande Maléfico.» O Dragão porá em destaque as casas cinco e onze, influenciando de modo desfavorável o ângulo das iniciativas e, de modo benéfico, o setor dos concursos. A Lua previtalizará, na undécima casa, o plexus direto de Uranus.

No ano das eleições presidenciais, o sr. Lucas Garcez, fora do govêrno já, estará exercendo uma atuação política muito atenuada, sem expressão, sem relêvo, pois os plexus a serem previtalizados no Dinamismo Social, carecem de maior importância e dois dêles são inteiramente desfavoráveis às atividades político-partidários do sr. Garcez. Mercúrio, o planêta vassalo, reanimando o plexus direto do Sol na casa dez, no setor do destino, poderá significar a atitude de amigos, de correligionários e até mesmo de beneficiários do govêrno do atual chefe do executivo bandeirante, lembrando-lhe o nome para sucessor do Presidente Getúlio. Tudo não passará, porém, de um mero ensaio.

A previtalização do plexus de Uranus, na casa nove, dará a S. Excia., o necessário estímulo para se conservar teimosamente do contra. O seu não conformismo tantas vêzes manifesto, já, continuará, melhor estampado ainda, na fronte larga, lisa e alta que a natureza lhe deu. Quem vê o sr. Lucas Garcez, pela primeira vez, não guarda a impressão de uma personalidade, mas a de uma testa.

S. Excia. advogará princípios políticos estranhos e receberá por êsse divórcio da nossa ortodoxia partidária, um título herético. Seu prestígio político cairá e irá sendo cada vez menor. As atividades do plexus direto do Sol, na casa dez, poderá parecer, à primeira vista, um ressurgimento das influências desfrutadas pelo sr. Lucas Garcez, como governador. Devendo-se, porém, a Mercúrio, a previtalização, a ação, o movimento a ser promovido pelos amigos e beneficiários de sua administração, terá um cunho meramente queremista e viverá apenas um instante, como as rosas de Halherbe.

No horóscopo natal do governador de São Paulo, o plexus direto do Sol foi impresso no clima combinado de Mercúrio, do próprio astro impressor e de Marte, significando dêsse modo, ação real limitada. Os caminhos que pudessem levá-lo ao Catete em 1956, estarão, a partir das eleições de 1955, inteiramente bloqueados. Não lhe restará uma única passagem livre, qualquer via de acesso ao «Palácio das Águias».

A ascenção do sr. Lucas Garcez às altas esferas da política nacional e ao mais alto pôsto da administração de S. Paulo, é uma coisa meterórica. Apeiado do poder por extinção do mandato ou por circunstâncias supervinientes, S. Excia. cairá no esquecimento e não acreditamos que a sorte volte a visitá-lo outra vez, a encará-lo de frente, dispensando-lhe um novo sorriso.

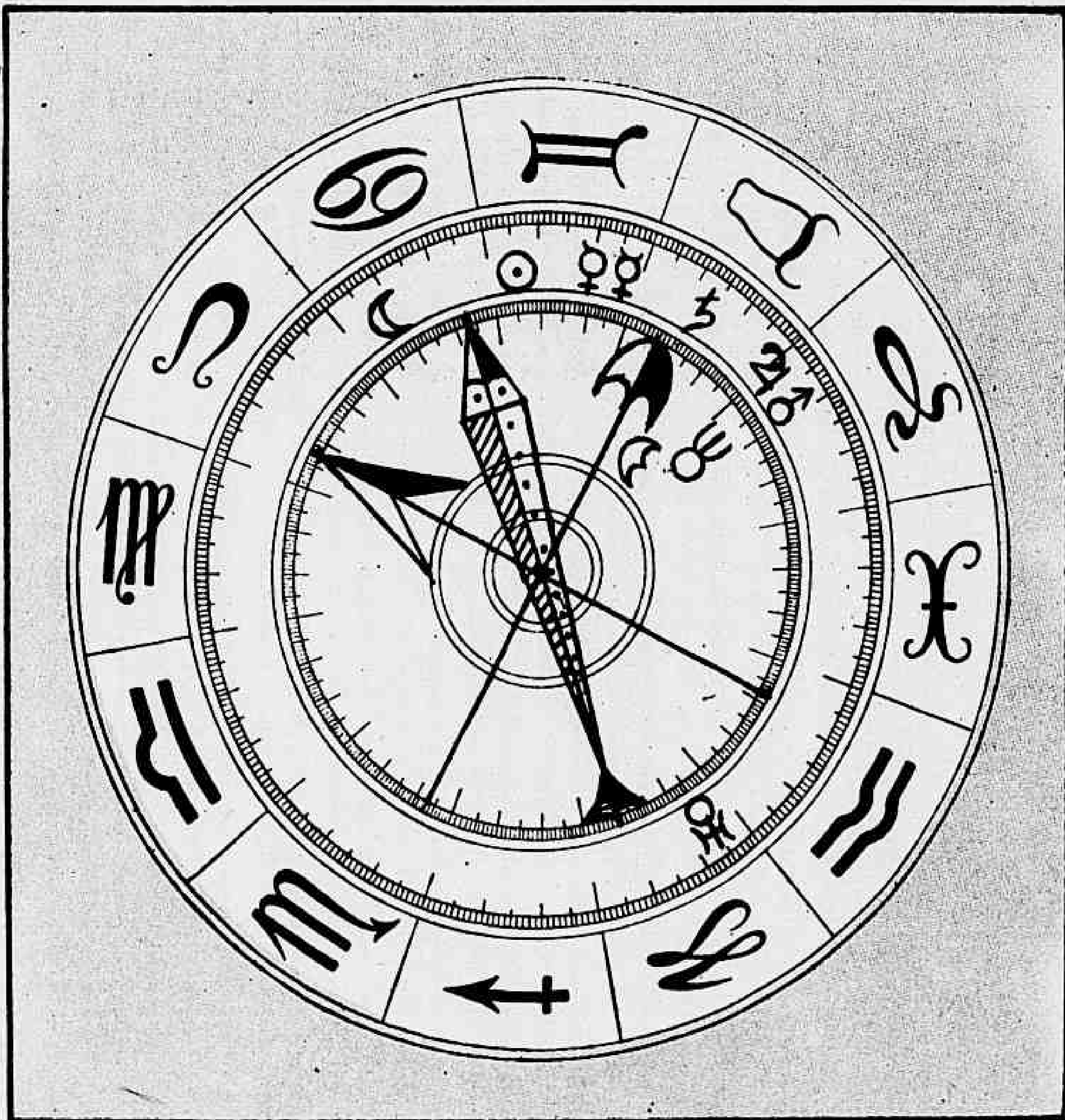
As atividades de Uranus nas casas nove e dez, aos 41 anos, simbolizarão a pá de sal do eleitorado paulista, sepultando, no esquecimento, manifesto nas urnas, o nome de um homem que, na sua passagem pelo govêrno do Estado e pela direção da sua política, apenas demonstrou uma lamentável falta de orientação e uma inaproveitável teimosia, sempre acastelado nos seus pontos de vista pessoais, incompreendidos e finais...

O plexus de Uranus, na nona casa, foi lançado no seu próprio clima. Não teve astro de ligação. Significa um inconformismo inato. O sr. Lucas Garcez é do contra e até poderíamos apresentá-lo como um homem inajustado e inajustável à vida política.

Se fizéssemos um estudo comparado dos temas horoscópicos dos dois políticos paulistas ora desavindos, srs. Lucas Garcez e Ademar de Barros, haveríamos de ver, com nítida clareza, a superioridade do segundo sôbre o primeiro, não em títulos ou em predicados morais, mas pela fôrça de exteriorização de personalidade e pela própria destinação que lhes foi dada. Os leitores relevarão a ligeireza da frase, mas, nas mãos do sr. Ademar de Barros, o sr. Garcez é café pequeno. Vai ser sorvido num gole, apenas, e não tardará.

A seguir, no palco onde está sendo desempenhada a tragicomédia política do P.S.P., subirá o pano para o terceiro ato, muito mais trágico e também muito mais cômico.

— FIM —





À esquerda: trânsito evolutivo do sr. Lucas Garcez, para o ano das eleições presidenciais. — À direita: Mercúrio, uma pedrinha no caminho do sr. Garcez. Ao alto, a figura de Júpiter o «Govêrno».

GRANDE CONCURSO! ÁLBUM REVISTA DA SEMANA

MAIS DE DUZENTOS MIL CRUZEIROS EM PRÊMIOS!

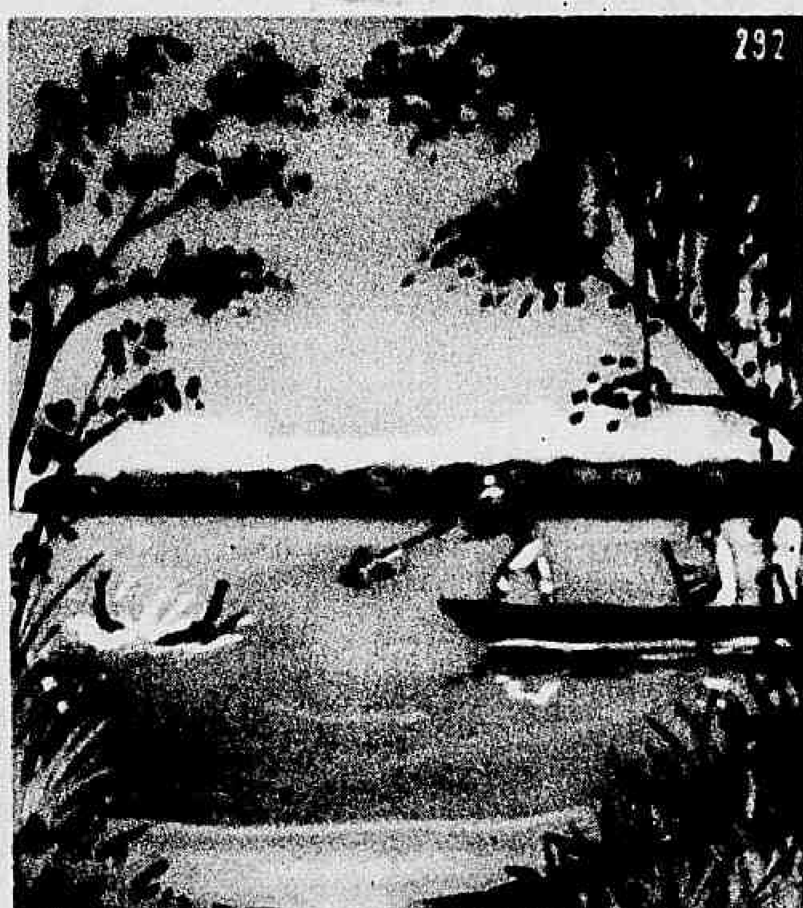
AOS novos colecionadores de cromos publicados na REVISTA DA SEMANA, comunicamos que o direito ao próximo sorteio de Natal de 1953, não está subordinado ao cumprimento da primeira viagem encerrada a 30 de junho p.p. Todos os que preencherem os claros do ÁLBUM, a partir da edição desta REVISTA, nº 27, de 4 de julho último, farão jus aos prêmios da segunda viagem turística a terminar com o cromo nº 312, na REVISTA de 26 de dezembro próximo.

● Os prêmios, em número de cento e vinte e dois, desde objetos de utilidades domésticas, até terrenos, televisão, enceradeiras, máquinas de escrever, de costurar e uma infinidade de outras coisas de real valor, serão entregues, de qualquer forma, aos possuidores do ÁLBUM, pois nada ficará para a emprêsa organizadora, e, se não acertarem com o número exato, poderão ser contemplados com aproximações.



Realização da BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL S. A. Rua Visconde de Inhaúma Nº 134 Rio de Janeiro.



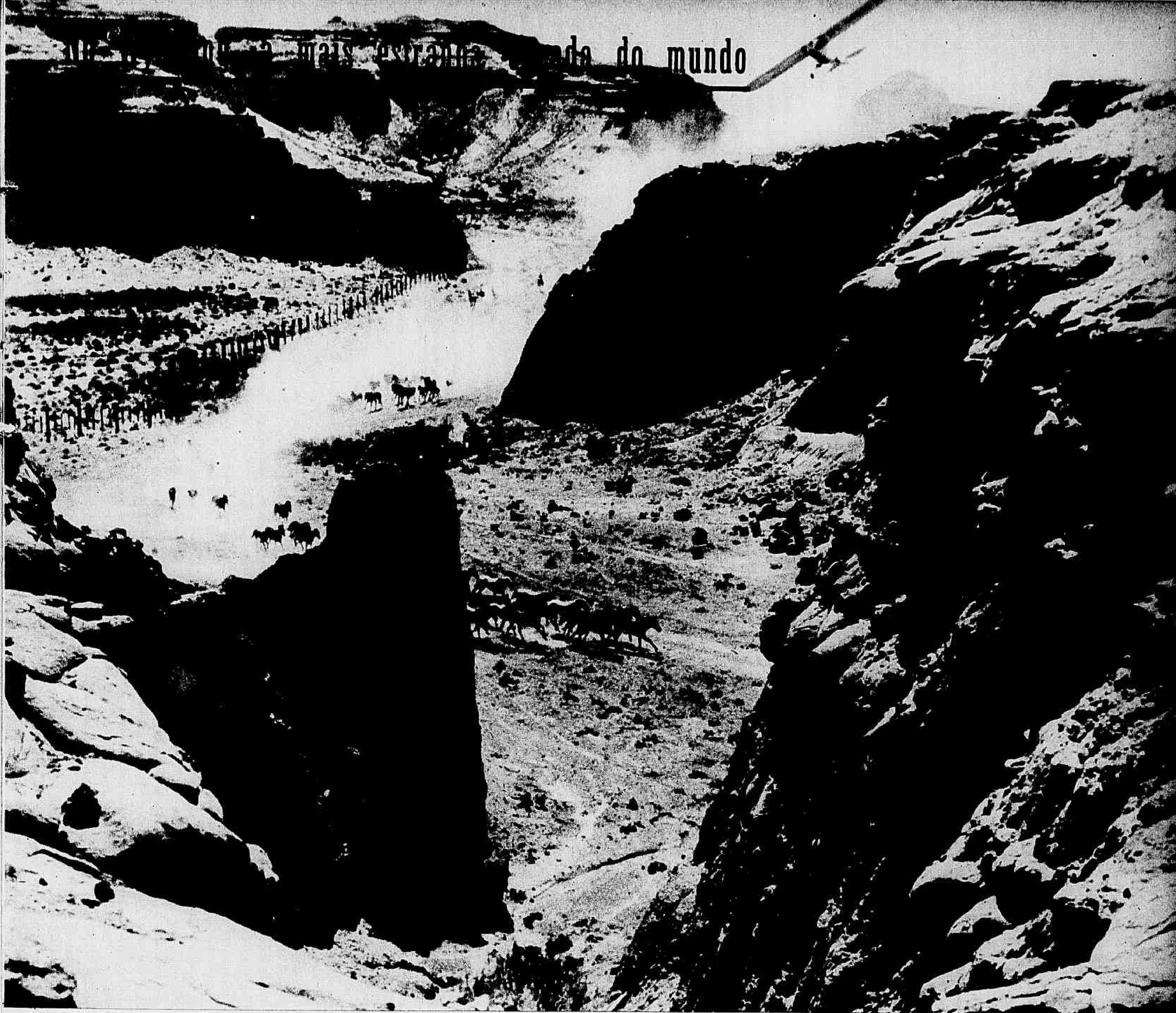












O primeiro grupo de cavalos já está «no papo», graças à armadilha natural em que se meteram, com os currais ao fim do «canion». Ao fundo o avião procura levar um segundo grupo, enquanto Frank Robbins e a espôsa orientam o trabalho.

Domadas do ar as manadas de CAVALOS SELVAGENS

Reportagem de CHARLES H. HERBERT **(Exclusivo para REVISTA DA SEMANA)**

OS cavalos selvagens já tiveram seus melhores dias nas vastas pastagens de Wyoming, mas estão desaparecendo ràpidamente pelo ataque constante de Frank Robbins de Glen Fock, que vem recolhendo êsses espertos e velozes animais, há 12 anos seguidos. Certas facilidades modernas, vieram auxiliar os peões norte-americanos na arte de caçar cavalos selvagens, uma prêsa que mesmo em seus momentos mais calmos pode trazer surprêsas inesperadas. E' aí que entra o avião, volteando por cima da manada, para fazê-la correr em direção de um curral em parte disfarçado; quando já estão quase entrando no lugar desejado

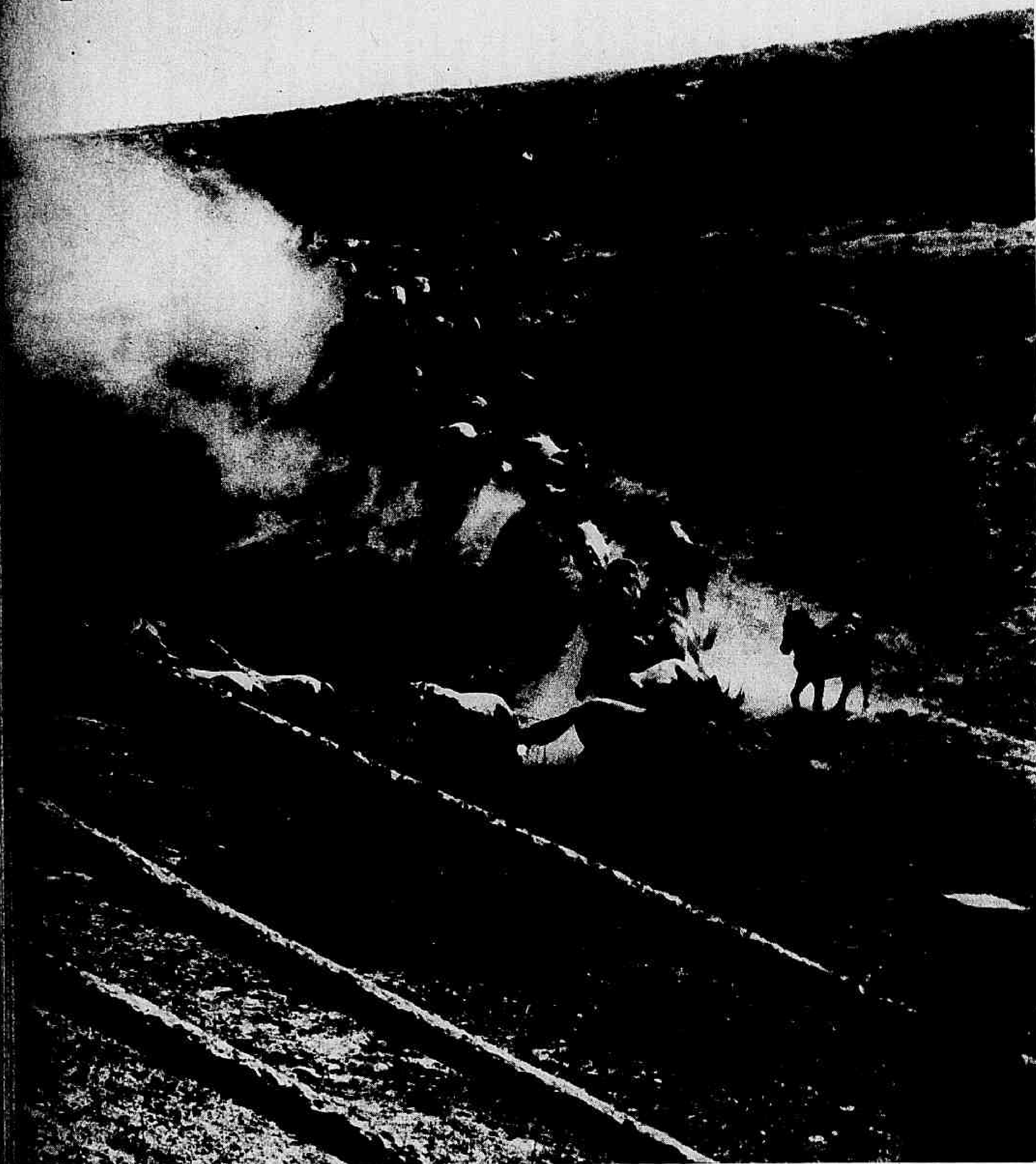
"MONTADOS" EM PEQUENOS TECO-TECOS, OS PEÕES AÉREOS CERCAM E VENCEM A FÚRIA DOS ANIMAIS MAIS ARISCOS, E OS CONDUZEM AOS IMENSOS CURRAIS IMPROVISADOS

Robbins e seus homens acabam de dirigi-los para dentro do curral — se tiverem sorte.

A FÚRIA DOS GARANHÕES SELVAGENS

No entanto não foi só a sorte que permitiu a Robbins e seus homens, recolherem um total de 1.107 cavalos neste último ano. Foi necessário muito conhecimento e muito estudo a respeito dos cavalos selvagens, além de um certo desinterêsse pela segurança pessoal.

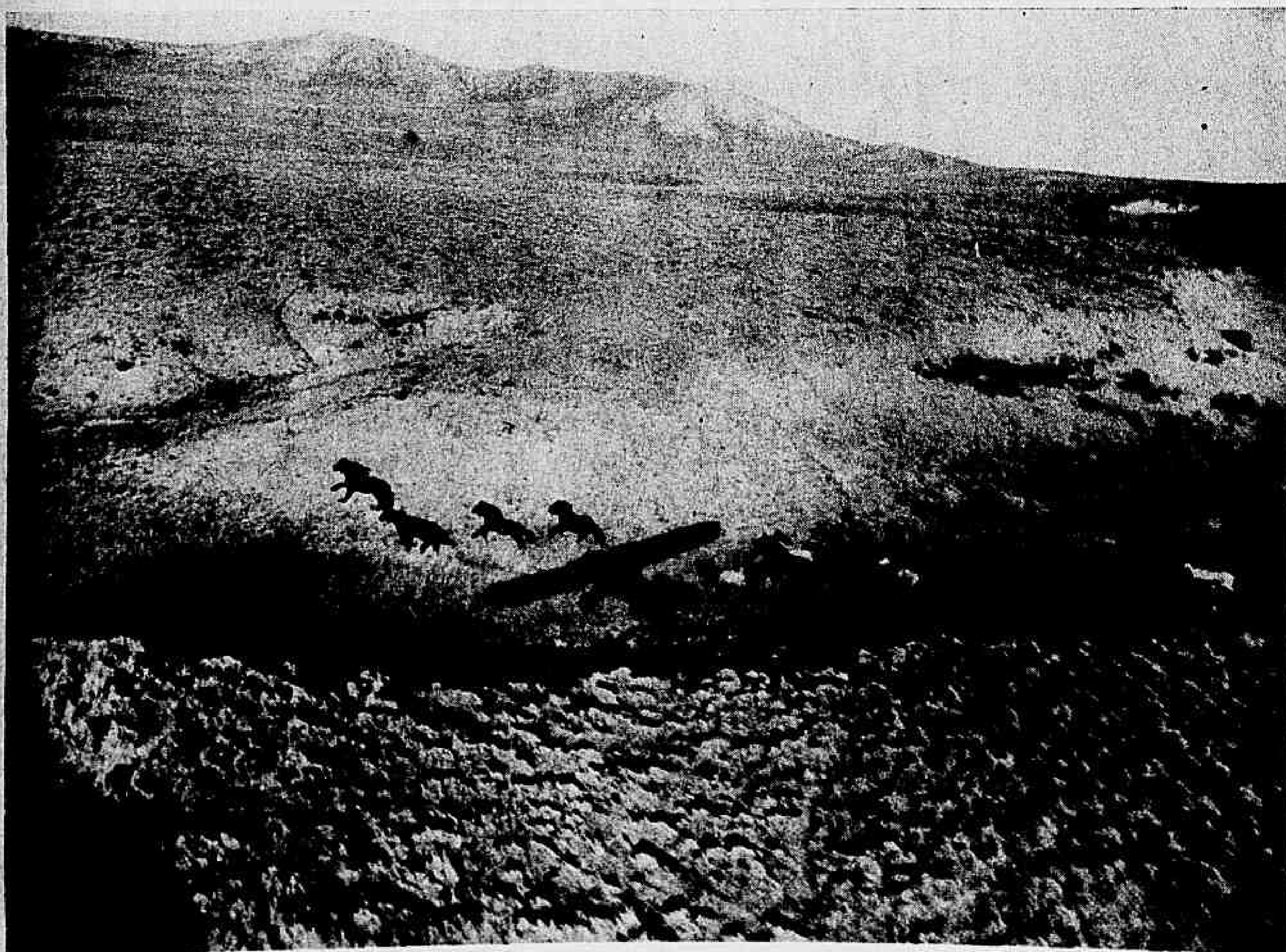
Têm sido de grande utilidade, livrando as astagens dêsses animais que, enquanto selvagens, não servem para nada, mas depois de





Aqui vemos cêrca de 90 cavalos e que serão divididos em «realmente selvagens» e «marcados». Êstes são devolvidos aos seus donos, enquanto os outros vão para o rancho de Frank Robbins e amansados. No ano passado, perto de três mil cavalos selvagens foram domados.

De madrugada Robbins começa a tarefa de amansar os animais, laçondo-os e pondo-lhes a sela, para a primeira lição da «Poeira do



domesticados podem ser muito úteis... 80% dos cavalos recolhidos por Robbins e seus homens são vendidos como cavalos de montaria ou para criação. O que sobra é conduzido a outros mercados, inclusive rodeios onde estão sempre precisando de cavalos selvagens. Robbins sempre seleciona 50 cabeças, das melhores, pela côr e conformação, e guarda para si. Entre êsses são encontrados tanto eguas como garanhões.

Robbins limitou suas atividades ao Deserto Vermelho, o Pequeno Deserto do Colorado e as montanhas de Haystack no sudoeste de Wyoming. Um cálculo feito recentemente mostrou que ainda existem muitos cavalos selvagens nessas regiões, mas Robbins acredita que poderá limpá-la completamente.

DE ONDE TERIAM VINDO OS CAVALOS SELVAGENS

A origem dos cavalos selvagens do sudoeste de Wyoming ainda é um mistério. Alguns acham que foram trazidos pelos trens de emigrandes, outros crêem que foram os espanhóis. Robbins acha que, qualquer que seja essa ori-

Cavalos selvagens correm assustados com o ronco do motor e, especialmente, com a sombra do avião «caçador».

DOMADAS DO AR AS MANADAS DE...



Deserto». Êste foi um garanhão que resistiu um ano, até ser capturado. O govêrno apoia agora a idéia de domesticar as manadas bravias.



Eis Frank Robbins. Nenhum homem consegue capturar e domar tantos cavalos como êle. A isso os próprios cavalos ficaram devendo a própria vida.



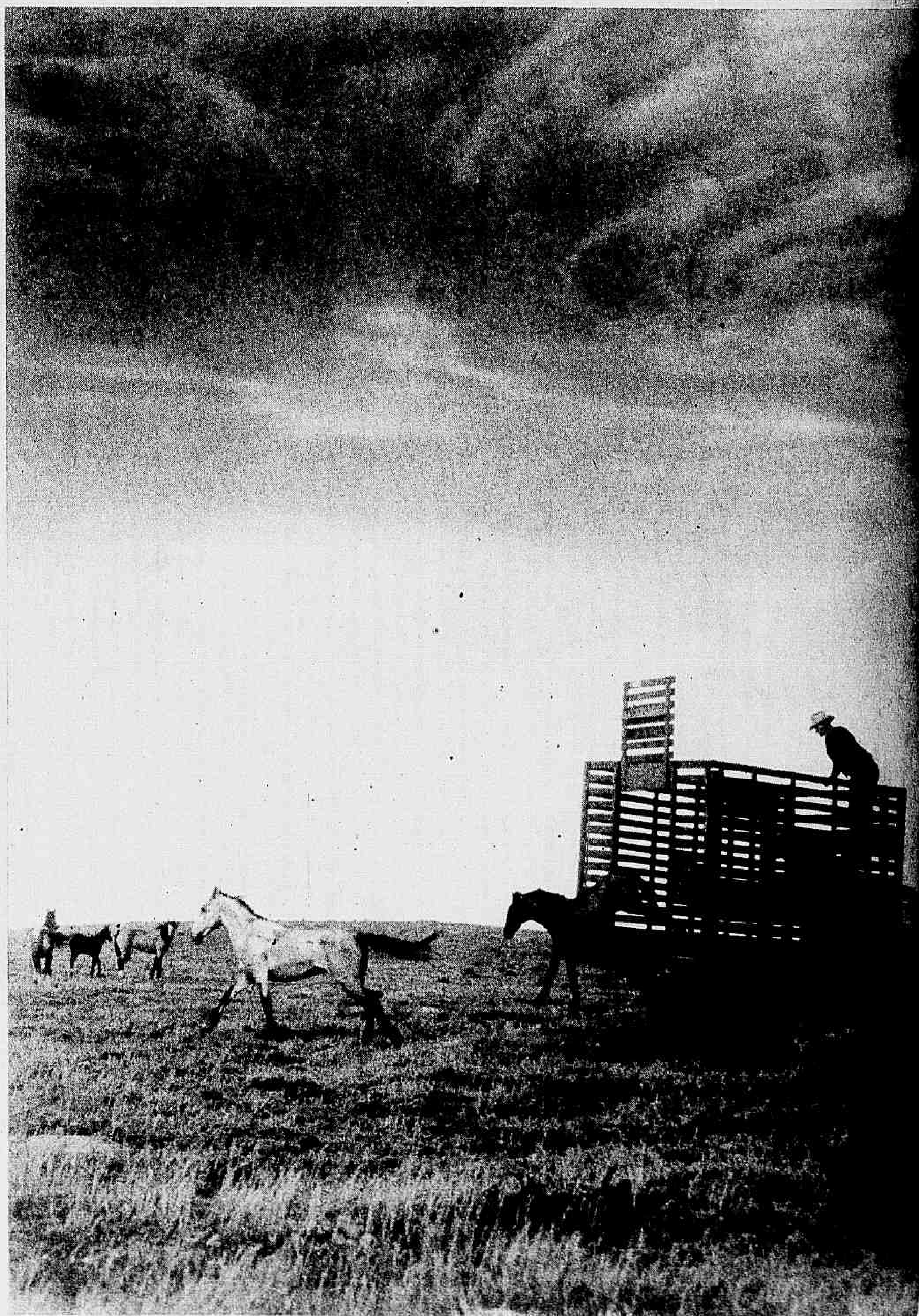
Frank e sua espôsa Toots dedicam-se inteiramente a êstes animais condenados à morte pelo Congresso. Ei-los cuidando de um animal recém-nascido.

gem, devem ter provindo de um só rebanho, e muito grande, por causa da similaridade de côres em todos êles. Apenas dois tipos predominam na região dos lagos. Os ruões são os mais espertos e velozes. Robbins já conseguiu pegar cêrca de 500 dêsses cavalos, mas crê que ainda faltam uns 40 ou 50.

Robbins ouviu do próprio Al Props, já falecido, e que passou 54 anos de sua vida no Deserto Vermelho, que cêrca de 5.000 cavalos foram levados do Texas para Wyoming no início da indústria de criação do gado. Essa sugestão parece confirmar a teoria de Robbins, de uma origem comum.

Essa região é de fato selvagem e especialmente fascinante. As estradas de ferro ainda são muito raras nesses trechos ocupados pelos cavalos selvagens, e a maior parte ainda se encontra em seu estado primitivo.

Robbins trabalhou nisso cêrca de 35 anos; sendo que antes de ir para Wyoming passou de 10 a 12 anos fazendo a mesma coisa em Nevada e Oregon. Quando os cavalos ainda não valiam tanto como hoje em dia, Robbins manteve-se firme, sempre confiante no aumento de preços — e foi recompensado.



Robbins tem prosperado espantosamente com o negócio de cavalos selvagens, realizando transações de grande vulto.



MIRIAM BRU é a nova sensação de Paris. Como foi erguida, assim, às culminâncias da popularidade? Pelo seu valor pessoal, evidentemente; mas, para isso, era necessário haver uma oportunidade, uma «chance» que a colocasse diante dos «experts» do cinema. E foi o que sucedeu, quando Miriam estêve nas ensolaradas praias de Cannes, na «Côte d'Azur». Não foi ela a primeira artista ali descoberta. Muitas mulheres foram descobertas naqueles recantos paradisíacos do Mediterrâneo, uma vez que é para lá que se encaminham, todos os anos, os diretores, produtores e empresários de cinema, teatro, «music-hall» em busca de novas caras, de valores novos. Mas com a fascinante «estrêla» de «Une fille dans le soleil», o caso não foi pròpriamente êsse. Os produtores de filmes de longa metragem não viram nela, simplesmente, uma «new face», como dizem os norte-americanos, e sim um tipo que chega a possuir as mesmas medidas da famosa Vênus encontrada em Milo, uma jovem de plástica perfeita, de linhas corretas, capaz de dominar as platéias do mundo. Miriam, depois que apareceu em público, alvoroçou os parisienses e foi considerada como a mais linda garôta da capital francesa. Os seus fãs lhe deram o título de «estrelinha número 1». Em Cannes, os seus «bikinis» causaram sensação, e houve muita ciumada, gente com a cabeça à roda, milionários se desmanchando em suores, corações estalando de paixão perdida. Mas Miriam não deu esperanças a ninguém. Nem a algum príncipe **ali can...**didato a noivar com ela. A menina é mesmo de causar maremotos. Preferiu aceitar contratos para filmar em Paris. Depois de ter estrelado algumas cintas de sucesso, foi escolhida por J. P. Merville para estrelar seu novo filme, «Os loucos também têm alma». Comparecendo ao último festival de Veneza, foi convidada pelo produtor cinematográfico Rizzoli, para trabalhar num filme com Mário Camerini. Mas, tal foi a impressão deixada entre os técnicos da sétima arte, que, ao invés de um, fêz dois: um, com o já citado galã, e o segundo com Mouguy. E essa francesinha vai longe. Embora ainda não muito conhecida fora da França e, atualmente, da Itália, onde já é

Na movimentada e bela praia do Lido de Veneza, a atriz Miriam Bru tem no seu enigmático olhar a expressão delicada de uma alma que sente a a falta de alguém. Mas, contudo, não há de ser nada. A «estrêla» francesa de «Une fille dans le soleil», já agora sorri sem tristezas à beira-mar.





MIRIAM ESTÁ COM TUDO

ADORADA EM PARIS E CONSAGRADA NA ITÁLIA ★ MIRIAM BRU, JOVEM DE VINTE PRIMAVERAS DOMINOU A «CÔTE D'AZUR» ★ TERMINARÁ EM HOLLYWOOD? ★ SÉRIA RIVAL DE GRANDES ARTISTAS ★ PROCLAMADA COMO A «ESTRELINHA» NÚMERO UM.

MIRIAM ESTÁ COM TUDO



Vênus saindo das águas sorrindo vitoriosamente, é o que parece Miriam Bru, a cativante «estrêla» do cinema francês dêste ano.



Num recanto poético da praia dos Alberoni, no Lido de Veneza, ela toma seu banho de mar, como uma sereia encantadora. Na Itália, Miriam Bru cativou a todos os que compareceram no Festival de Veneza. Mocidade, beleza, finura.



grande cartaz, Miriam Bru tem tôdas as qualidades para tornar-se «estrêla» de primeira grandeza em qualquer país fora da Europa, competindo com sua beleza e arte, com famosas artistas como Gina Lollobrigida, Cosetta Greco, Silvana Pampanini, Ivonne Sanson e outras já prestigiadas pelo mundo inteiro. Mas a indústria cinematográfica de longa metragem tem fome de valores novos e de grande mérito como essa linda parisiense. Os diretores e produtores não descansam na ânsia de descobrir novos astros e estrêlas, vencendo tôdas as dificuldades para chegar à meta de seus planos de competição nacional e internacional na arte de fazer bons filmes. Miriam Bru, com sua juventude, sua graça, suas formas esculturais que lhe dão o direito de parecer-se com Vênus de Milo, está com tudo, como se diz na gíria carioca. Seus talentos artísticos se revelaram às primeiras rodagens de «camera», e Miriam mostrou que não pode triunfar, simplesmente pelas formas físicas, e sim, também, pelo valor espiritual e a «performance» na interpretação de seus papéis diante dos diretores de filmagem. Além de sua mocidade e de seu valor, ela é encantadora pela natural simplicidade, pela lhaneza do tratar, sempre risonha e acolhedora. Em Paris, ao ser proclamada a «Estrelinha número 1», todo mundo apoiou o batismo, tal o seu prestígio entre o público de sua terra. Na Itália sucedeu a mesma coisa, e Miriam cativou a alma dos patrícios de Garibaldi, pelo seu «esprit de finesse», sua contagiante simpatia, seu valor pessoal incontestável. E Miriam Bru continua a triunfar. Na marcha que vai, será disputada pelos magnatas de Hollywood .

AS GRANDES AMOROSAS DA HISTÓRIA

IMPÉRIA

Por OLGA BERARDI

Tradução de LÍGIA JUNQUEIRA

NA última metade do século XVI, Roma está-se transformando na louca, magnífica, exasperada Roma dos Bórgias, na qual se viverá como num tempo de calamidade: «aproveite o dia de hoje; estarás vivo amanhã?» O mundo, saindo do medievalismo, que se distinguira pelo excesso de puritanismo, sente-se embriagado, como quem, libertado de uma prisão tenebrosa, se inebria de sol e ar puro.

Roma, nesse momento, encontra-se superpovoada de prelados, homens de letras e comerciantes, que para lá convergem, e difunde-se, pela Europa tôda, sua fama de cidade do vício. Graças a essa fama, chega-lhe uma torrente de mulheres, não sòmente de tôda a Itália, mas da Alemanha, da França, da Holanda e, até mesmo, da Asia Menor. De Espanha vêm aos batalhões.

Porém, o terror da morte serve de fundo aos prazeres e à luxúria. Aquela pode vir de uma punhalada de um sicário, à noite, numa esquina sombria, ou chegar, lenta mas certa, por meio de um veneno infalível, a misteriosa essência verde, da qual basta, dizem, uma só gôta.

Esta Roma quase espanhola é chamada a «terra das mulheres». Das mulheres e não das «senhoras», porque para estas a atmosfera não é muito própria e os maridos as levam para muito longe, nos castelos das províncias. Além do mais, nessa época, principalmente na alta sociedade, são poucos os que se casam. Os jovens, quando dotados de cultura, ainda que superficial, vão à caça de benefícios eclesiásticos e dos encargos que todo papa, logo depois de eleito, distribui entre parentes e amigos. Os padres, que não podem se casar, «das ordens maiores às menores vivem com concubinas, quase maritalmente e pùblicamente»; e os nobres, os comerciantes, os artistas de fama, se sentiriam desonrados se não tivessem por amante e por protegida uma cortesã.

... foi chamada ""Divina", e reinou como uma rainha.

Cortesã! Já em 1484 começaram a ser chamadas assim. Na Idade Média foram marcadas como infames e «pecadoras». Até mesmo a sepultura em terra santificada lhes era negada; porém, já nos fins do século XV, começaram a ser tratadas por «senhoras» e em seguida «cortesãs». Existem muitas. A população de Roma gira por perto de cinqüenta mil habitantes e, de um recenseamento então realizado, resultou que as cortesãs são seis mil e oitocentas. Havia-as de tôdas as categorias, desde as ricas, com dotes imensos, chamadas «cortesãs honestas», até as de classe muito baixa denominadas «de vela», porque elas próprias, com uma vela acesa, acompanhavam os seus clientes até a porta. Existiam outras variedades: «ciumentas», «de partido», «de pouca sorte», «domingueiras» e até as «guelfas» e «ghibelinas».

Poucas haviam nascido em Roma. Muitas eram de Bolonha, de Ferrara, da Toscana, numerosas as espanholas e apenas uma suíça, de Genebra; enquanto que existiam cinqüenta e duas alemãs contra oito gregas, procuradíssimas; duas turcas e oito mouras, escravas libertas; e trinta judias. Seis mil e oitocentas! Um décimo da população e, se a elas se juntar as criadas e servos das «cortesãs» se compreenderá que grande parte da população vivia da prostituição.

Como as meretrizes aumentam de número e importância vão-se tornando uma classe influente de mulheres, de vida e costumes livres, mas não vulgares; nelas os homens procuram o prazer, mas sobretudo as companheiras de suas vidas. Devem alegrar as reuniões e festas com sua beleza, mas também com seu espírito e cultura.

Agora estamos, porém, em agôsto de 1481, no começo, portanto, da época áurea das cortesãs. Existe em Roma, perto da Transpontina, em Burgo Novo, no local em que será, muitos séculos depois, a rua da Conciliação, uma pirâmide, e, em tôrno dela uma praça, constituída por um grupo de casinhas pequenas, pertencentes ao hospital do Espírito Santo. Numa dessas casinhas mora uma meretriz, vinda de Ferrara: chama-se Diana. É pobre, porém tão bela que até os grandes senhores a procuram e um dêles muito a ama. Tem um belo nome grego, Páride. O sobrenome, porém, não quer ela revelar, nem mesmo quando, na noite de 5 de agôsto, tem uma menina linda e rosada.

Além disso, Diana nunca fala do amante maravilhoso. Será um soldado que voltou à luta? Um senhor de alta linhagem que não quis reconhecer a paternidade? Diana encurva a cabeça, escondendo as lágrimas, e, aparentemente, continua a viver como antes. Dá à menina o seu sobrenome «Cognati» e batiza-a como Lucrécia. É um destino traçado, porque em Roma, nessa época, é o nome clássico das cortesãs, usado por muitas delas, como alguns anos antes os nomes de Júlia, Cassandra, Virgínia ou Laura.

Evidentemente, Diana Cognati não tem fé senão em sua profissão, vendo a boa sorte de outras meretrizes: Ana, a grega; Maria, a trebisonda; Ludovica, a romana, que se casou com um rico senhor de Pádua; Beatriz, a espanhola, que possui muitas propriedades; Alatéria, que, segundo dizem, tem escondidos milhares e milhares de florins de ouro; e Maria de Cremona, que fizera construir para si um lindo palácio... Imagina para sua filhinha de cabelos louros o destino de dominadora de Roma... como a mais bela, a mais luxuriosa, a mais culta e mais rica das cortesãs.



Lucrécia, já com quinze anos, parecia ter mais idade e atraía os olhares e a concupiscência dos homens, seja porque Diana tinha pressa em ver realizados seus sonhos de futuro da filha, seja porque a própria Lucrécia se visse tentada pelas muitas ofertas que lhe eram feitas, a verdade é que, apenas adolescente, recebe os amantes em tôdas as horas do dia e da noite, sem discernimento, sem nem mesmo, vender-se ao melhor ofertante, como lhe ensinara a mãe, que nunca saíra da mediocridade.

Já é, porém, extremamente fascinante, exuberante de graça apaixonada, fácil de se adaptar aos desejos do companheiro ocasional. Sobretudo, é inteligente, de uma inteligência fulminante e viva. Por enquanto, essa vivacidade se limita a aprender as muitas artes secretas, que são as armas e a atração das companheiras e rivais: Catarina de Ferrara, Zina de Veneza e Margarida, a francesa. Com dezessete anos já bate a tôdas e é procuradíssima, mas ainda não aprendeu a viver, pois dá à luz uma menina, da qual não sabe nem ao menos quem é o pai. Não sabe ainda olhar os seus amantes de frente e não imagina que êles possuem um coração, com o qual poderiam também amá-la. Distingue-os sòmente pelo preço que pagam por seus favores. Não vê nada além das paredes de seu quarto que começou a ornamentar ricamente, e de suas vestes lascivas, das cem maneiras diferentes que encontrou para pentear sua maravilhosa cabeleira, que inebria os cérebros masculinos nas horas de prazer. Demonstra uma tendência senhoril inata, comprazendo-se em preparar pequenas ceias, e aprende a dar valor ao poder afrodisíaco desta ou daquela iguaria, dêste ou daquele vinho ou licor... agora, porém, não passa disso. Fiel à tradição de sua família, batiza a filha com o nome de Lucrécia. Será uma outra cortesã? Não, a mãe, que agora tem apenas 17 anos, e é ainda uma bonequinha um pouco estúpida, que não sabe nem ao menos qual dos seus muitos amantes é o pai da menina, uma boneca que está apenas abrindo os olhos para a vida, que está para tomar conhecimento do bem e do mal, um dia se tornará uma boa mãe, e porá a pequenina Lucrécia em lugar seguro, no Convento de Santa Maria do Campo de Marte, onde tomam o véu as donzelas das mais nobres famílias.

Com dezoito anos, depois de ter-se refeito da maternidade precoce, a filha de Diana Cognati começa a olhar em tôrno de si e procura um meio de galgar degraus mais altos. Lucrécia sente em si mesma a capacidade de emergir, de impor-se, de dominar. Para começar, manda reformar sua casa, e pede àquele jovem louro, que chegara há pouco de Perúgia, àquele artista que ninguém conhece ainda, mas que já começa a causar admiração pelos seus quadros... Pede a Rafael de Urbino, que lhe pinte sôbre as paredes externas de sua casa o seu retrato, emergindo, como Vênus, nua, das espumas do mar.

O artista se enamora da idéia e executa-a logo, enquanto ela pousa entusiasmada. A Vênus magnífica detém os passantes diante do frontão da pequenina casa, e proporciona a Lucrécia tantos visitadores que, num instante, ela pode-se dar ao luxo de escolher os melhores e os mais agradáveis. Ela é louríssima, o que a destaca entre tantas belezas morenas romanas; é alta e bem proporcionada, sobretudo, tem os seios magnìficamente torneados. Seus cabelos são de ouro, como os de Laura de Petrarca, e, quando soltos, cobrem-na quase inteiramente. As mãos e os pés são alvos e de torneado delicado «um pouco alongados, com os dedos que parecem de marfim e unhas semelhantes a pérolas». O contôrno do rosto é de rara perfeição grega, talvez um pouco frio se o olhar profundo dos olhos côr de água marinha e a sedução do sorriso não o avisasse. Além disso «tem um certo não sei quê, um ar tão belo, que os homens enamoram-se imediatamente».

Além de tudo isso, porém, ela tem sorte. Sorte de encontrar logo amigos bons e bem colocados. Paulo Trotti de Alexandria, personalidade importante, passa a viver abertamente com ela, ainda que seja clérigo e cantor da capela papal, tenha cargos rendosos, e haja recebido o título de «comensal permanente do papa».

O Renascimento, com sua admiração pela antiguidade, dá nova vida ao culto das mulheres belas, que Aspásia e Fátima, as célebres gregas que trouxeram atrás de si tôda uma civilização, ressuscitam de suas cinzas, para apagar o desejo desenfreado de prazeres. A paixão pelo luxo e o relaxamento da moral fazem o resto; e, assim, a época vai-se tornando o século de ouro das cortesãs. Não durará muito. Dentro em breve, pouco a pouco, seus privilégios lhes serão retirados, não poderão receber mais padres, nem homens casados, serão confiscadas as suas grandes riquezas, obrigadas a habitar um determinado bairro... Por agora, no entanto, estão em pleno florescimento.

Em Paris, uma grande grã-senhora, para desculpar sua má vida, dissera: «para o amor uma mulher é muito pouco»... Se, na realidade, não basta ao homem uma mulher para amar, torna-se uma honra ser cortesã. De fato, estas são homenageadas em tôda parte, calçam sandálias de diamantes e beija-se os seus pés, como a São Pedro. Existem meretrizes do patriciado que ostentam sua genealogia, ditam a moda, montam em mulas ricamente ajaezadas, e, nos banhos e nas igrejas, lugares obrigatórios de reunião, têm sempre uma grande côrte a sua volta. Em tôdas as festas têm o seu lugar, ao lado das senhoras da alta sociedade, e cardiais e bispos não se desdenham de sua companhia.

Mais tarde, Arentino escreverá — «não são por acaso elas que enchem as igrejas? Se lá vai Lorenzina, dez gentis-homens acompanham-na e outros tantos a seguem; Matrema tem outros dez infantes e outros pagens e criadas, e acompanham-na marqueses e embaixadores; Beatriz tem os seus prelados; (Cont. na página 50)





Os sabotadores, três marinheiros iranianos, estão amarrados a postes, em frente ao pelotão de fuzilamento; o rapaz à esquerda, preferiu enfrentar a morte com os olhos abertos, e teve sempre para os seus algozes, até o último minuto, um sorriso superior.

Talvez chegue a hora de Mossadegh

O "XÁ" APERTA O GATILHO

O Irã, um dos países do mundo que mais tem sofrido ùltimamente com lutas internas, e que se acha dividido por interêsses internacionais do petróleo, continua sendo o teatro de violentas agitações políticas. Ainda a semana passada, três marinheiros iranianos foram julgados pelo crime de haver tentado incendiar o maior vaso de guerra do Irã — uma fragata de 1.652 toneladas, recentemente vendida àquele país pela Inglaterra. Durante o julgamento, que foi sumário, apurou-se que os sabotadores eram comunistas, e que haviam agido impelidos pelo ódio aos inglêses, ódio êste, aliás, compartilhado por uma grande parte do povo iraniano, que não perdoa à Inglaterra a sua insistência em permanecer no Irã, explorando o petróleo do país.

JUSTIÇA SUMÁRIA, PONTARIA CERTA

Os culpados, condenados à morte, foram executados por um pelotão de fuzilamento da marinha iraniana, no pôrto naval de Khorramshhar, no Golfo Pérsico. Um dos sabotadores — jovem de vinte e poucos anos — negou-se a ter os olhos vendados como seus companheiros, e enfrentou a morte com um sorriso de coragem realmente incrível. Está sendo julgado, ainda, um outro homem implicado na sabotagem da fragata, e acusado, também, de ser um espião russo. Sabe-se, porém, que o cônsul soviético em Teheran está intercedendo ativamente junto às autoridades iranianas no sentido de salvar o seu compatriota do pelotão de fuzilamento.

PERIGA A VIDA DE MOSSADEGH

Entrementes, chegam-nos de Teheran notícias de que periga novamente a vida do ex-premier Mossadegh, submetido a implacável julgamento pelo Tribunal provisório do «Novo Irã». A maioria dos juízes — informa um telegrama da U.P. — está propensa a pedir a pena de morte para o venerando estadista, campeão da luta anti-britânica na Pérsia e nacionalizador das refinarias de Abadan.



Terminada a execução, membros do pelotão de fuzilamento cortam as cordas que amarravam os três marinheiros. Funcionando em regime de exceção, o Tribunal iraniano tem sido impiedoso no julgamento e condenação dos partidários do ex-premier Mossadegh.



Um dos sabotadores sendo interrogado; todos três, marinheiros iranianos, foram julgados e condenados à morte sob a acusação de terem pôsto fogo a um vaso de guerra recentemente vendido ao Irã, pela Inglaterra.



O cônsul soviético em Teheran volta de uma visita ao Governador Militar, após ter intercedido em favor de um conterrâneo seu, acusado de espionagem e detido pelas autoridades iranianas.

[illegible]NNOL[illegible] Um [illegible] confec- ci[illegible] cambraia br[illegible] festonês e ap[illegible] bô[illegible]

Bailes de formatura

MARKET WEEK — Um lindo vestido da noite (que também poderá servir de modêlo para o traje de uma "demoiselle" de casamento), em tulle branco.



AS MILHARES DE JOVENS, por êste Brasil afora, que vão se formar nos mais diversos cursos, desde o ginásio e comercial até as faculdades superiores, pensam no vestido de baile que farão para a festa final de seus estudos. Naturalmente que será branco, como é de praxe, mas... o tecido e o feitio? Aqui estão algumas sugestões para ajudá-las a decidir quanto a ambos. São modelos criados especialmente para tais ocasiões, de muito bom gôsto, e próprios para jovens dos 15 aos 25 anos. Os tecidos mais em moda êste ano, são o tafetá de sêda pura, e as muitas variedades de algodão, algumas muito finas, outras bordadas ou lavradas. Temos, também, o «tulle» de «nylon», que possibilita a confecção de um vestido de baile para muitas ocasiões, já que é fácil de ser lavado, não perdendo depois disso a aparência sempre nova. Os bordados com miçangas e «lantejoulas» têm aparecido nas criações dos mais famosos figurinistas, além de bordados com linha ou soutache, sempre de bom gôsto e distinção... Quanto aos accessórios para tais ocasiões, além do clássico e sempre encantador colar de pérolas longo, existe uma imensidade de modelos em «strass» ou em contas fantasia, com brincos e pulseira combinando. Muitas vêzes, porém, a cruz antiga da vovó, com um cordão de ouro, ainda poderá ser a jóia mais aconselhada, e mais bonita. — Flama.





HENRI BENDEL — Vestido de baile em tafetá de sêda, branco-pérola, com mangas armadas.
***Saia** pregueada, com drapeados na bainha.*

CEIL CHAPMAN — Um modêlo muito rico, na nova silhueta para vestidos de noite... Bordado com pingentes de cristal e miçangas sôbre sêda pura, branca.

EDITH SMALL — Gracioso modêlo em tulle branco e cetim. O corpo, muito ajustado, tem duas alças finas sôbre cada ombro. Babados da saia debruados de cetim.





Volte outra vez!

VÊM, com o fim do ano, as oportunidades de se passar um gostoso fim de semana, ou mesmo alguns dias seguidos, no sítio de amigos ou de parentes, fora da cidade... É uma delícia! Aproveitamos êsses dias como se estivéssemos num paraíso e, às vêzes, pensamos que as coisas são feitas por fadas ou por anjos bons para nos agradarem... No entanto, isso não acontece assim. Principalmente nos sítios e casas de campo, nem sempre existe uma criada para cuidar de tudo e os serviços caseiros são realizados pela dona da casa em férias. Disso decorrem também algumas obrigações para você, certos deveres que não poderá deixar de lado, a não ser que não deseje, mesmo, ver repetido o gostoso e esperado convite «Volte outra vez»... Os seus deveres derivam, por outro lado, exatamente do fato de terem todos tanta atenção com você, e mimarem-na como a hóspede ideal, que desejavam, mesmo, receber.

Sua obrigação começa logo que recebe o convite. Trate de responder imediatamente e não deixá-los em dolorosa indecisão, sem saber se podem convidar outro, ou se você quer ir mesmo. E... vá no dia que marcou, sem adiar na última hora!

Leve tudo de que precisa. Ainda que não digam nada, seus anfitriões não hão de gostar de emprestar-lhe roupas e objetos de toalete, de que você se esqueceu, por descuido de averiguar que trajes se costumava usar no sítio, ou se fazia frio (e não levou agasalho), ou se tinha um rio ou piscina para nadar (e nem pensou no maiô), etc., etc. Será bom, também, que você leve seu próprio sabonete e pasta de dentes, assim como remédio para dores de cabeça ou resfriados para que não precise pedi-los, por vêzes em horas impróprias para os outros.

Um pequeno presente para os donos da casa será muito bem recebido e você demonstrará ser atenciosa. Não compre, porém, um objeto muito caro, pois dará a impressão de que está querendo pagar a diária dos dias que passar com seus amigos... Uma caixa de bombons, um cinzeiro curioso, algumas frutas que lá não existem... Tudo isso causa prazer, e é tão simples!...

Ao chegar ao sítio, trate de se compenetrar de que, conquanto digam-lhe para estar à vontade «como se fôsse sua casa», você tem que seguir os hábitos daqueles que a convidaram. Não é justo que mudem a hora do almôço porque você quer ficar mais tempo ao sol da praia, ou porque gosta de fazer passeios pela manhã e se levanta tarde demais!...

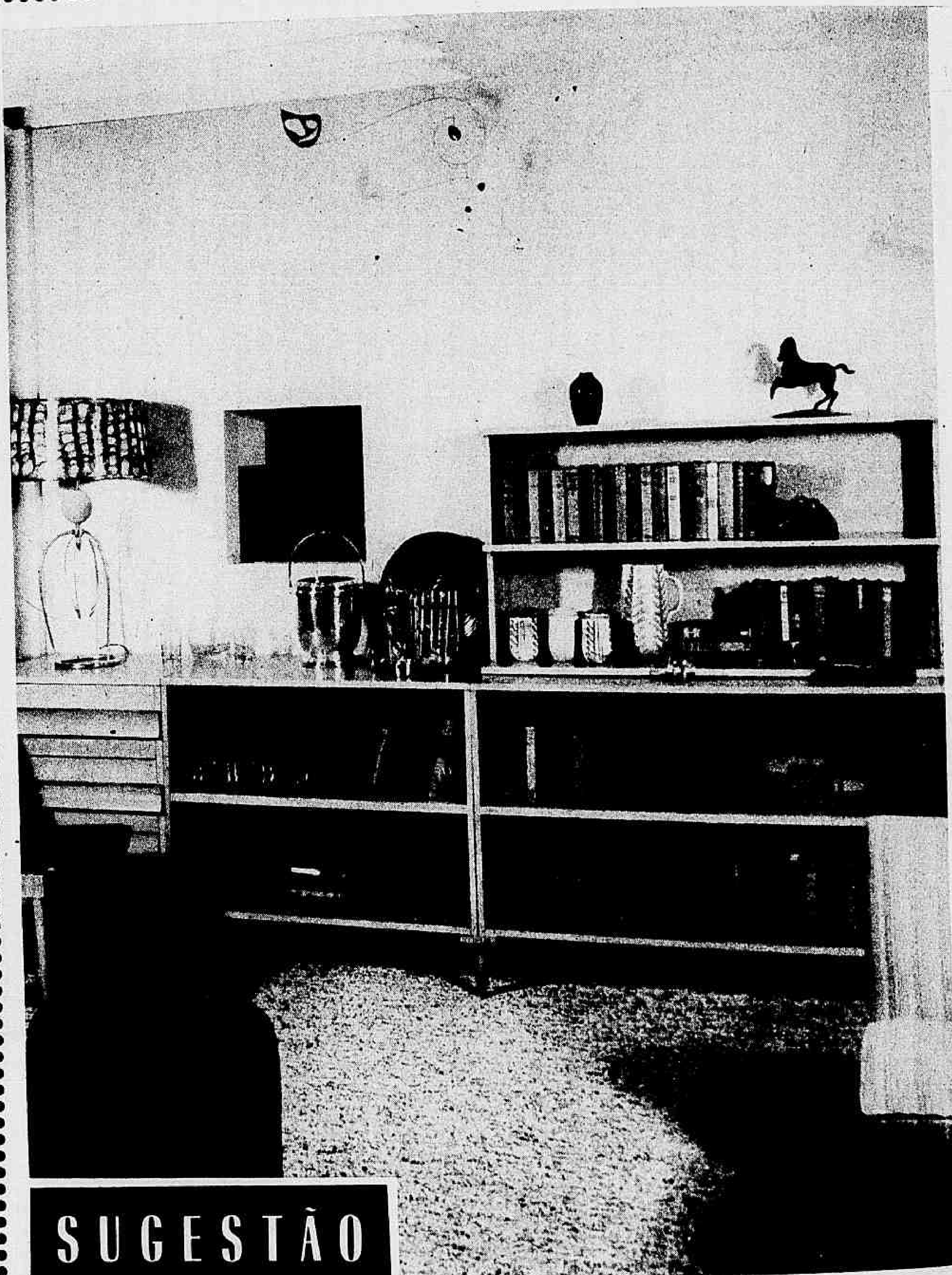
Os objetos de que você se servir, devem ser cuidados com carinho, para que não se estraguem. Não deixe, por exemplo, a espreguiçadeira ao sol e à chuva, se foi você quem a pôs no terraço para o banho de sol; se apanhar algum livro ou revista, torne a pô-los onde encontrou, depois de lê-los. Todos êsses serviços, se você não os realizar, serão executados pela dona da casa, que se sentirá, assim, prejudicada em seus momentos de descanso, por sua causa... Depois do banho, não se esqueça, também, de pendurar as toalhas úmidas para secar. Não os deixe de qualquer forma em cima da cama, nem sôbre a cadeira forrada.

Não havendo empregada no sítio, o que muitas vêzes acontece, trate de não dar trabalho a ninguém. Faça sua cama pela manhã, varra o quarto, cuide de não deixar o banheiro molhado depois do chuveiro, lave os copos e torne a guardá-los quando beber qualquer coisa, e dê uma ajudazinha, também, na arrumação geral, mesmo que sua amiga lhe diga que «não é preciso, eu gosto de fazer essas coisas». Tudo ficará pronto num instante e você poderá, depois, sair a passeio com aquêles que a convidaram; do contrário alguém teria que ficar para pôr tudo em ordem, enquanto você se diverte.

Seus deveres não terminam quando você volta. Naturalmente, partirá no dia exato que marcou para isso, ainda que receba convites insistentes para ficar... Às vêzes a tentação é forte, mas, saber se retirar é uma arte, e muito importante.

Assim que chegar a sua casa, escreva um cartão, agradecendo tôdas as atenções de que foi alvo. Poucas linhas bastarão, e nelas você dirá quanto apreciou os dias passados com seus amigos...

Procedendo assim, não faltará quem sempre a convide para uns deliciosos dias de fuga do calor e bulício da grande cidade. **L.J.**



SUGESTÃO PARA O LAR

A idéia de hoje — prática, bonita e de fácil execução — é para um recanto da sala de estar que sirva, ao mesmo tempo, de biblioteca. O ponto principal de atração — a estante para os livros — em madeira de côr clara, natural, com uma leve camada de verniz incolor. Os livros foram arrumados folgadamente, havendo entre êles espaço para jarros e outros objetos de ornamentação. Sôbre a estante, estatuetas, potiches, copos e balde de gêlo, para uma eventual bebida.

Completando a estante, no canto, uma pequenina cômoda, com gavetas embutidas, sem os puchadores comuns, que foram substituídos por caneletes no painel de madeira. Um abajur completa a decoração do bloco principal. O tapête "boucle", em tonalidade clara, mescla, um pouco rústico, é de ótimo gôsto. No primeiro plano têm-se uma ligeira impressão do restante do mobiliário: além da cadeira, com assento e encôsto de barbante trançado, uma poltrona escura e uma poltroninha forrada de veludo de algodão "cotellé", em tonalidade neutra. — NIKE.

Um pouco de Beleza

A CONSERVAÇÃO dos ACESSÓRIOS

● Tão importante para sua elegância como o bom corte de suas roupas, a qualidade de seus sapatos e a distinção de seus chapéus, é a limpeza de todos os acessórios com os quais sai à rua ou vai ao teatro. Nada há mais desabonador para o bom gôsto e capricho de uma mulher do que vê-la com bôlsas ou luvas escardidas, com sapatos «cambaios», ou com meias que desfiam. Apenas um dêsses detalhes basta para estragar o efeito da mais bonita toalete.

POR ISSO, procure cuidar com carinho de todos os seus acessórios. Um bom sistema é acostumar-se a limpá-los antes de tornar a guardá-los nas gavetas, logo depois de usá-los, e, ao mesmo tempo, fazer algum consêrto rápido que necessitem. Se o fio de sua meia puxou, lave-a ao tirá-la, e leve-a para puxar o fio na primeira oportunidade. Tenha sempre um par de meia ou dois de reserva, para substituir aquêle que está no consêrto. Se a flor do chapéu está torta, arrume-a logo, antes de tornar a guardá-lo na caixa. Se as luvas estão sujas, lave-as você mesma, se possível, ou, então, mande-as logo para uma casa especializada em lavagens de luvas... Consertando e limpando logo o que fôr preciso, você andará sempre bem vestida, e não será obrigada a ir a uma festa ou passeio com um acessório que não esteja em condições por falta de tempo de consertá-lo no último momento. O que é mais, tudo que lhe pertence durará muito mais tempo em bom estado.

JÚLIA DE MILO





uma pele clara...

● *Para você ter uma pele clara, sem manchas, sem cravos e espinhas, são necessárias três condições:*

PRIMEIRO: que se sinta bem disposta, sem preocupações de ordem mental. Procure acalmar-se sempre que algum problema aparecer e resolvê-lo da melhor forma, sem se contrariar.

SEGUNDO: uma boa alimentação e digestão. É necessário que todos os seus órgãos digestivos estejam em bom funcionamento e que sua alimentação seja sadia. Consulte o médico ,para que êle lhe aconselhe o melhor regime alimentar para seu caso e faça um exame geral de sua saúde.

TERCEIRO: cuidados com a pele, que consistem no uso de um bom creme de limpeza, e de um tônico adstringente ou um creme oleoso, conforme o caso. À noite, antes de deitar, é imprescindível que retire todo maquilage antigo, para que a pele repouse com os poros livres de substâncias estranhas.

CONSELHOS

... se você está ficando com os cabelos brancos e possuía antes uma bonita cabeleira castanha... pinte-os de castanho claro ou castanho bronzeado, que ela os realçará muito mais.

... se você gosta de usar sempre a mesma essência adote o hábito de vaporizar o seu guarda-roupa, fechando em seguida as portas. Suas roupas ficarão impregnadas de seu perfume predileto.

... se quer que seus cílios fiquem bonitos e brilhantes, passe sôbre os mesmos, todos os dias, uma escovinha embebida de vaselina líquida. Faça isso antes de se deitar ou pela manhã.

... se quer que seus olhos brilhem com mais intensidade, lave-os diàriamente com uma infusão de camomila. E' ótimo e não os prejudica.

Week-end na cozinha

● *Os dois pratos que hoje apresentamos constituem variações deliciosa da torta de açúcar queimado e do bôlo de legumes. Experimente-os, no almôço de domingo quando gosta de servir uma iguaria nova à família.*
TIA DULCE.



LEGUMES EM CAMADAS

● INGREDIENTES

2 xícaras de batatas doces, picadas
1 xícara de aipo picado
½quilo de carne picadinha ou passada na máquina
1 xícara de cebolas picadas
1 pimentão cortado em rodelas
1 lata pequena de palmitos
2 xícaras de massa de tomate
Sal e pimenta a gôsto.

● MANEIRA DE FAZER

1 — Lave, descasque e pique os vegetais, depois arrume-os em camadas numa panela de vidro que possa ir ao forno, untada com bastante gordura ou manteiga. Primeira camada: as batatas, depois o aipo e, em seguida, a carne, que deve estar temperada com sal e pimenta, e, finalmente, a cebola, pimentão e palmito.

2 — Sôbre tudo isso espalhe a massa de tomate, (pode arrumar por cima uns pedaços de queijo de Minas, ou parmezão ralado).
Asse em forno brando, durante ½ hora, mais ou menos.

TORTA DE AÇÚCAR QUEIMADO

● INGREDIENTES

Massa de torta de sua preferência
½ xícara d'água fervendo
1 xícara de açúcar
¼ de xícara de farinha de trigo
1 pitada de sal
1 ½ xícaras de leite
2 gemas batidas
1 ½ colheres das de sopa, de manteiga
1 colher das de chá, de essência de baunilha.

★ MERENGUE

2 claras
1 pitada de sal

● MANEIRA DE FAZER

1 — Ponha ½ xícara de açúcar numa frigideira e deixe derreter, em fogo médio, até o açúcar ficar ligeiramente corado. Acrescente a água fervendo e deixe ferver por 2 minutos.

2 — Misture o açúcar restante, a farinha e o sal. Acrescente o leite e misture. Junte, finalmente, o açúcar queimado. Cozinhe, mexendo sempre, em fogo lento ou em banho-maria. Quando a mistura estiver bem quente ponha parte sôbre as gemas batidas. Misture até formar espuma.

3 — Acrescente, então, a manteiga e a essência de baunilha. Deixe esfriar antes de colocar sôbre a crosta de torta já assada.

4 — Bata as claras com o sal em ponto de neve, acrescente-lhe a outra ½ xícara de açúcar (pode pôr também um pouco de essência de baunilha, se desejar). Espalhe sôbre o recheio da torta.
Asse em forno moderado, de 15 a 20 minutos.

CONSELHOS ÚTEIS

★ As bacias e outros utensílios de lata de cozinha, limpam-se esfregando-se com um pano embebido em azeite e soda cáustica. ★ A canela realça ainda mais o sabor do chocolate. Por isso, junte uma pitadinha de canela a qualquer receita de doce, bôlo, sorvete ou môlho que leve chocolate. ★ Quando quiser fechar hermèticamente uma garrafa: depois de arrolhada, mergulhe o gargalo em parafina derretida, por alguns segundos. A parafina, ao esfriar e endurecer, formará uma capa, por cima da rôlha, tornando-a cem por cento impermeável. ★ Para que o creme chantilly fique bem fôfo e crescido, bata-o sòmente depois que estiver bem gelado!

Águas da Prata

(ESTADO DE SÃO PAULO)

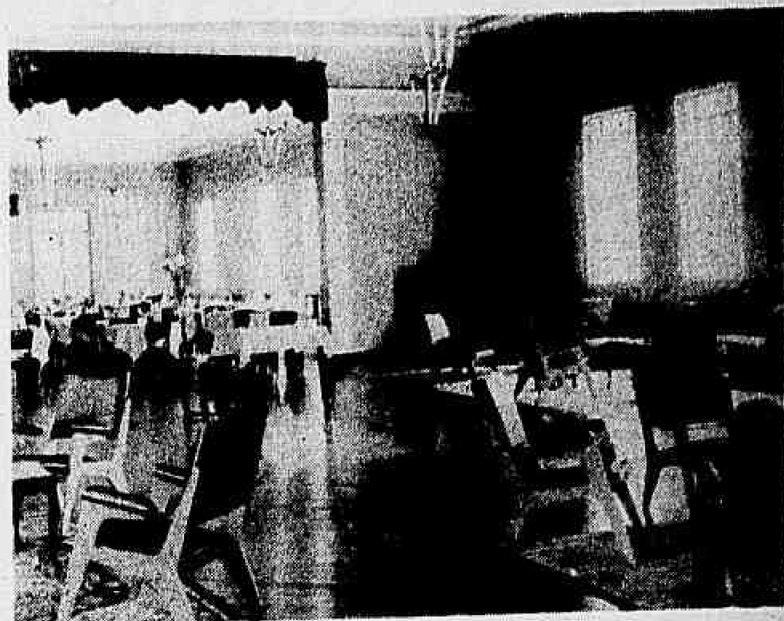
«A VICHY BRASILEIRA»

Entre as riquíssimas fontes hidrominerais de que é fértil o Brasil, as ÁGUAS DA PRATA, são de resultados surpreendentes nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

Estância de maravilhosa beleza agreste e pitoresca, situada a 818 metros acima do nível do mar de clima ameno em tôdas as estações do ano, ÁGUAS DO PRATA, oferece aos seus aqüistas recantos e passeios encantadores, tais como os de «Piscina do Boi», «Cascatinha dos Amôres», «Fonte Antiga», «Fazenda das Carpas», «Fazenda Retiro», «Fonte do Paiol», **«Fonte Vilela»**, «Pedra Balão» e muitas outras de riqueza paisagística sem igual.

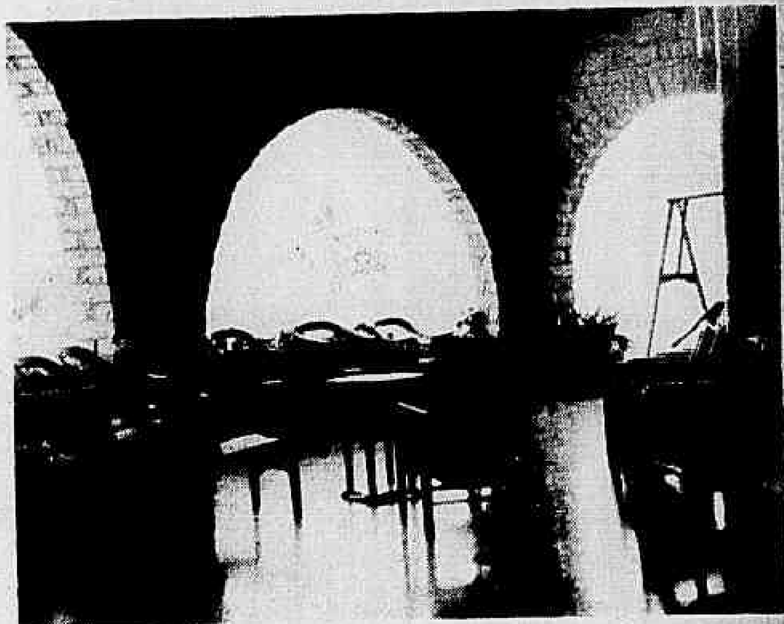
A natureza juntou a mão do homem outros atrativos e comodidades, capazes de satisfazer o mais exigente aqüista.

Fonte Vilela — Poderosa água radioativa com 89 matchs de radioatividade, para a cura das moléstias dos rins.



O confortável salão de estar, comunicando-se com a sala de jantar.

GRANDE HOTEL PRATA



Um aspecto da majestosa varanda do Hotel, recanto ideal para repouso.

O mais bem montado da Estância, com 55 apartamentos e 55 quartos confortàvelmente mobiliados e telefone em todos os aposentos, está situado a dois passos das principais fontes de água mineral e responde a todos os requisitos modernos.

Para divertimento e comodidade de seus hóspedes dispõe de Salão para crianças, para chá e jogos; ótimo salão de Estar e para Festas; Cinema modernamente instalado; Bilhar e Snooker; Barbearia e Manicure.

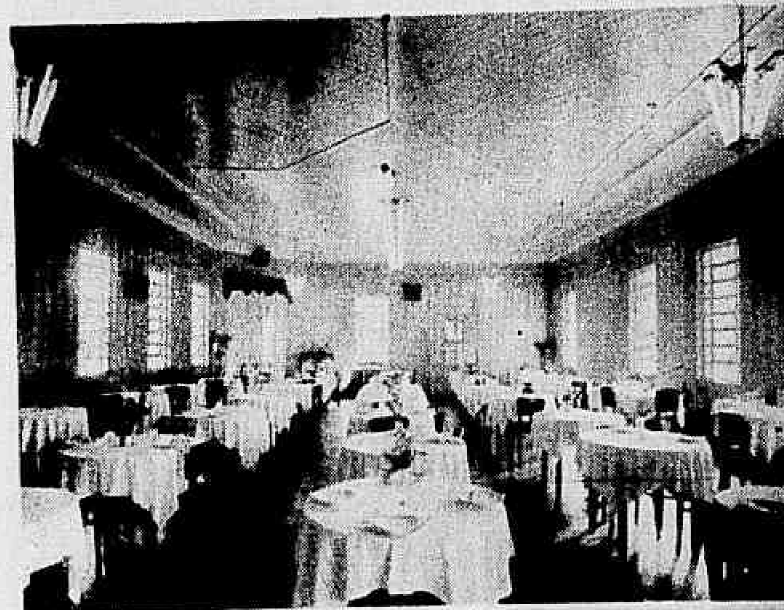
COZINHA DE 1ª ORDEM e REGIMENS DIETÉTICOS

•

RESERVA DE APOSENTOS

Pelas Emprêsas de Turismo ou diretamente para o GRANDE HOTEL PRATA, Águas da Prata, Estado de São Paulo por carta, telegrama ou pelo telefone nº 20.

Até 30 de dezembro 20% de desconto nos preços da tabela.



A grande e alegre sala de jantar, belamente arejada e iluminada.

ÁGUAS DA PRATA é servida pela magnífica Emprêsa de ônibus VIAÇÃO COMETA S. A., que circula por centenas de cidades do país e que mantém 10 ônibus diários para São Paulo.



Vista geral do Grande Hotel Prata.

Teatro

SOUTO DE ALMEIDA

ESTRÉIA

"As bruxas já fôram meninas"

Tragi-comédia de José César Borba, no «Festival» do Rio de Janeiro», Teatro Municipal.

A peça do sr. José César Borba nos apresenta um personagem perfeitamente delineado, de traços definidos, erguido realisticamente, por vêzes cínico, egoísta, sem respeito a certos padrões éticos; personagem superado pelas dificuldades da vida de todos os dias, com o relaxamento moral gerado pela descrença nas possibilidades de um mundo melhor. Êsse personagem é a "Sra. Melquíades", ponto alto do texto, perfeito na sua estrutura dramática, vigoroso em sua realização, humano, convincente — virtudes que teriam feito de "As Bruxas Já Foram Meninas" uma excelente peça se os outros tipos do Sr. J. C. Borba não se apresentassem com fabulação de difícil aceitação pelo espectador. Acresce a circunstância positiva de que a "Sra. Melquíades" foi protagonizada pela atriz Sra. Sara Nobre num trabalho verdadeiramente admirável de realização que a coloca no plano das nossas melhores atrizes. Sua ausência do palco, que tem sido longa, tem privado o público de admirá-la e aplaudi-la como grande intérprete, cuja correção cênica, isenta de truques e vícios, constitui lição de arte de representar. A direção da Sra. Ester Leão contribuiu para o bom nível interpretativo dos atores — Sras. Antônia Marzulo, Samaritana Santos, Terezinha Amaio e Srs. Narto Lanza e Ribeiro Fortes. Um belo cenário, feito sob a orientação da Sra. Sara Cabral, valorizou plàsticamente o espetáculo.

TEATRO EM PARIS

★ Uma nova peça de Ugo Betti está sendo apresentada em Paris, no Teatro «Atelier». Intitula-se «Le Jouer», com direção e cenários de André Barsacq (nome de prestígio na cena francesa), tendo no elenco François Perrot. A estréia da peça de Betti está apaixonando os círculos teatrais pelo calor dos debates que provocou. Existe um divórcio entre a opinião contrária de certos críticos de influência e a opinião favorável dos espectadores, entre êstes se alinhando, também, figuras expressivas do teatro francês, como Jean Anouilh, Marcel Aymé e Danièle Delorme, entre outros. Disse Aymé: — «a crítica com referência a «Le Jouer» manifestou uma frieza e uma hostilidade que não são merecidas».

★ Outra peça de Ugo Betti está ainda sendo representada em Paris. Trata-se de «A Ilha das Cabras», com Silvia Monfort, que vem fazendo uma longa e bem sucedida carreira. Esta peça de Betti já é conhecida no Brasil: em S. Paulo foi representada, também com sucesso, pela companhia Delmiro Gonçalves.

TEATRO EM LONDRES

★ No Teatro St. James, Laurence Olivier e Vivien Leigh apresentam «Sleeping Beauty», a mais recente produção de Terence Rattigan (Dulcina encenou, recentemente, uma peça do referido autor, sob a tradução «Vivendo em Pecado»).

★ Londres está aplaudindo «The Burning Bush», nova peça de Charles Morgan.

★ No Teatro Strand, Nigel Patrick e Phyllis Calvert representam uma nova comédia de Roger MacDougall (recentemente Procópio apresentou em S. Paulo uma de suas peças) intitulada «Escapade», que encerra uma mensagem de paz.

TEATRO NA BROADWAY

★ Está marcada para dezembro (dia 21) próximo, a estréia, em New York, de «Colombe», comédia de Jean Anouilh, com Julie Harris e Elli Wallach. Julie Harris é uma atriz da nova geração cujo talento a situou no plano das grandes intérpretes americanas. Quanto a Wallach, nós o vimos representar, em princípios dêste ano, na última peça de Tenessee Williams, «Camino Real» na qual tinha um dos principais papéis. Podemos dizer que Elli Wallach é um excelente ator. «Colombe», antes de estrear na Broadway, será apresentada em Philadelpia e New Haven, aliás de acôrdo com a tradição dos produtores teatrais americanos de fazer os lançamentos em outros centros, o que permite um estudo maior das possibilidades da peça diante do público e um ajuste perfeito, antes da apresentação final na famosa Broadway.

★ Uma das maiores atrizes do teatro americano — a grande Katherine Cornell — voltará ao palco também em dezembro (dia 14) em «The Prescott Proposals», de Howard Lindsay e Russel Crouse.

PARA O ANEDOTÁRIO TEATRAL



UM DIABO EM QUATRO CORPOS (Silveira Sampaio, Mara Rúbia, Sônia Correia e Nanci Vanderlei) — Ofereceram assistência técnica.

● Silveira Sampaio está apresentando no Teatro Serrador a sua mais recente comédia, «Um Diabo em Quatro Corpos», inspirada no caso que a crônica policial assinalou jocosamente de certo cavalheiro encontrado despido na Ilha do Governador depois de ter sido «violentado» (sic) por quatro facinorosas e mal intencionadas damas. Do tema, Sampaio criou uma interessante sátira bem recebida pelo público. Acontece que, há dias, Silveira Sampaio foi surpreendido pelo telefonema — imaginem! — do protagonista da «violência» da Ilha do Governador. — «Eu sei que o senhor está apresentando no teatro a minha história — disse o «violentado» — e gostaria de prestar a minha colaboração. Surprêso, Sampaio indagou: — «Mas, como?»

— «Se o senhor quisesse eu podia dar um pulinho lá pelo teatro e a gente podia conversar» . . .

— Não pode ser, a peça já está escrita e não pretendo fazer alterações . . .

Mas, o homenzinho insistiu:

— Olhe que eu posso dar uma orientação para enriquecer o texto . . . O senhor compreende, «seu» Sampaio, a minha assistência técnica poderá ser útil . . . Quando quiser, estou às ordens . . . E com muito prazer!

O MAIS NOVO TEATRO DO BRASIL

● Teatrinho Íntimo Nicette Bruno — fica em S. Paulo e está apresentando a companhia Nicette Bruno, composta exclusivamente por valores jovens da cena brasileira. Estrearam bem com «Ingênua até certo ponto», estando em cartaz, agora, «Week End», de Coward. Algumas revelações: o diretor Antunes Filho e os atores Paulo Goulart e Guilherme Correio (veio do Rio Grande do Sul e é sobrinho de Flores da Cunha). Novas oportunidades serão concedidas a outros diretores jovens nas próximas peças programadas pelo TINB. Assim sendo, Rui Afonso dirigirá «É Proibido Suicidar-se na Primavera», de Alejandro Casona e João Bittencourt (recém-chegado dos Estados Unidos, onde fêz um curso de Teatro na Universidade de Yale) será o diretor de «Dream Girl», de Elmer Rice, que Nicette incluiu no seu variado e ótimo repertório.



O ELENCO DE «WEEK END»: Elísio de Albuquerque, Eleanor Bruno, Guilherme Correia, Elizabeth Henreid, Cleber Macedo, Rui Afonso e Paulo Goulart.

GETÚLIO:

"O velhinho é que é o culpado..."

GETÚLIO É O MAIOR saco de pancada de todo o país. Quem não conhece a história do «baixinho», cheia de rasteiras e sorrisos enigmáticos? Getúlio Dornelles Vargas entra, pois, nessa galeria como o saco de pancada número um do Brasil. Rasgador de três constituições, fumador de charuto Havana e golpeador de inimigos e dos amigos... figura aqui no lugar que lhe cabe, quer como Presidente da República e inventor da COFAP, quer como o protetor do doméstico Jango Goulart. Prometeu carne a 6 cruzeiros e levar consigo o povo pelas escadarias do Catete acima... A carne custa mesmo, com pelanca e tudo, 30 dinheiros, quer dizer cruzeiros e, falando em escadarias do Catete, elas vão brilhando como sempre e estão prontas a receber a qualquer hora o «operário» João Belchior Goulart, que é, indiscutivelmente, o maior «bluff» do atual govêrno. De Getúlio falam os udenistas, os pessepistas, os pessedistas (sempre esquecidos por êle) — os comunistas, os integralistas e os próprios petebistas com Lúcio Bittencourt à frente. Malham também Getúlio as donas de casa, que não sabem mais como fazer esticar os minguados salários dos maridos em face à sempre crescente alta dos preços. Por êle, Getúlio, uma Ave Maria.



Os sacos de pancada

As deficiências e os incômodos da ex-«Cidade Maravilhosa» criaram verdadeiras «cabeças de turco», sôbre as quais desabam, impiedosos, os desabafos do carioca ★ Quem, aqui no Rio de Janeiro, ainda não xingou o sr. Edgard Estrêla ou a Ligth?

Reportagem de HÉLIO ABREU

NUMA cidade em que o tráfego é um suplício, onde falta a luz elétrica e água só existe mesmo, com fartura, no oceano, é natural que seus habitantes sejam nervosos. E quem é nervoso... malcriado é! Existem na administração pública que constituem um tremendo poço de cargos angústias para os seus detentores que, a todo instante, são obrigados a ouvir, de corpo presente e ausente, referências pouco lisonjeiras a suas respectivas vovòzinhas, queridas velhinhas que nada, nada mesmo, têm com a história. Quem, por exemplo, nunca ouviu durante um engarrafamento automobilístico a seguinte expressão: «Êsse burro do Estrêla». Ou então: «Que disse o serviço de meteorologia? Tempo bom? — ah, então vamos ter água...»

O mais engraçado é que todos xingam, sem querer mesmo ofender os familiares do «figurão» em foco. E' uma reação automática. O batismo desta reportagem teve sua origem na popularíssima expressão que caracteriza, e muito bem, o cidadão useiro e vezeiro em levar surras, sejam elas físicas ou morais: saco de pancada!

ÂNCORA:

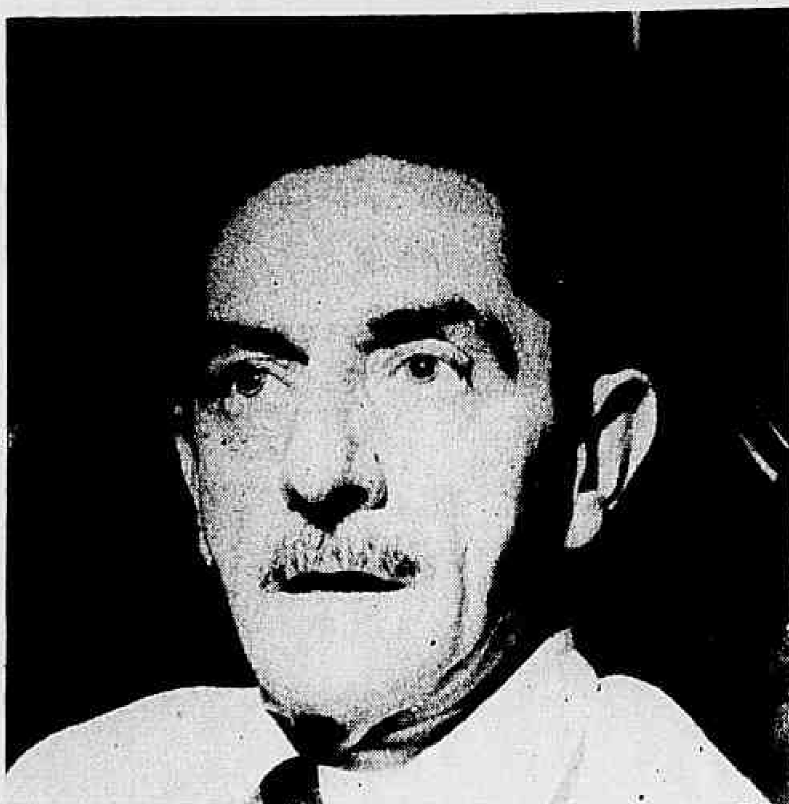
Paga o justo pelo pecador



DE OLHOS FECHADOS O GENERAL MEDITA — Armando de Morais Ancora, general de brigada e ex-combatente, como chefe de Polícia do Departamento Federal de Segurança Pública, é um convidativo alvo às críticas populares. O cargo em si envolve enorme responsabilidade, tão grande, que uma simples nomeação de um chefe de Polícia foi o estopim que fêz explodir o barril de pólvora que liqüidou o Estado Novo. O povo nunca poupou o chefe de Polícia com os dardos da sua ironia, de sua ojeriza e mesmo de seu ódio. E a prova é que o cargo passou a ser um dos mais impopulares do govêrno, por fôrças que implicam na sua razão de ser e pelos excessos cometidos por gente que nem na Conchinchina poderia exercê-lo.

FIÚZA:

Uma descompostura em cada torneira



DESDE QUE DEIXOU a Prefeitura de Petrópolis o sr. Ieddo Fiúza não mais teve sossêgo. Foi candidato dos comunistas, em 1945, à Presidência da República e, hoje, o sr. Ieddo Fiúza é o diretor do Departamento de Aguas e Esgotos da Prefeitura, cargo que lhe rende 20 mil cruzeiros mensais. Cavou poços, pocinhos e poções em busca da água, que afinal não veio, razão pela qual é êle um dos homens mais discutidos da cidade. Não existe um só cidadão em cuja casa sêca esteja a torneira, que não mande o homem, centenas de vêzes ao dia, ao raio-que-o-parta . . . mas, apesar dos epítetos, o sr. Ieddo Fiúza vai muito bem, obrigado, enquanto os mil buracos nos encanamentos da cidade jorram, dia e noite, o precioso líquido que não chega à torneira do carioca.

ESTRÊLA:

Massacrado em cada "engarrafamento"



TANTO ESTRILA O ESTRÊLA que o seu nome com que Edgard ficasse mais conhecido nesta te que níquel de tostão. Estrêla é lembrado, a co minuto, pelos 50 mil motoristas do Distrito Federal nem sempre com carinho . . . Como diretor do Serv de Trânsito, Estrêla é um verdadeiro ditador. ouvidos de mercador aos apelos do público e, com que, desde que o major Côrtes deixou o cargo, Estr vive com mania de perseguição . . . desfazendo qu tudo o que de bom foi introduzido na repartição p major. É diretor vitalício do Serviço de Trânsito, decreto de Getúlio e sentença do Supremo Tribun Ganha, segundo uns, seus 25 mil cruzeiros. Os c feres de táxis o consideram, pura e simplesmen burro. Quem tem razão?

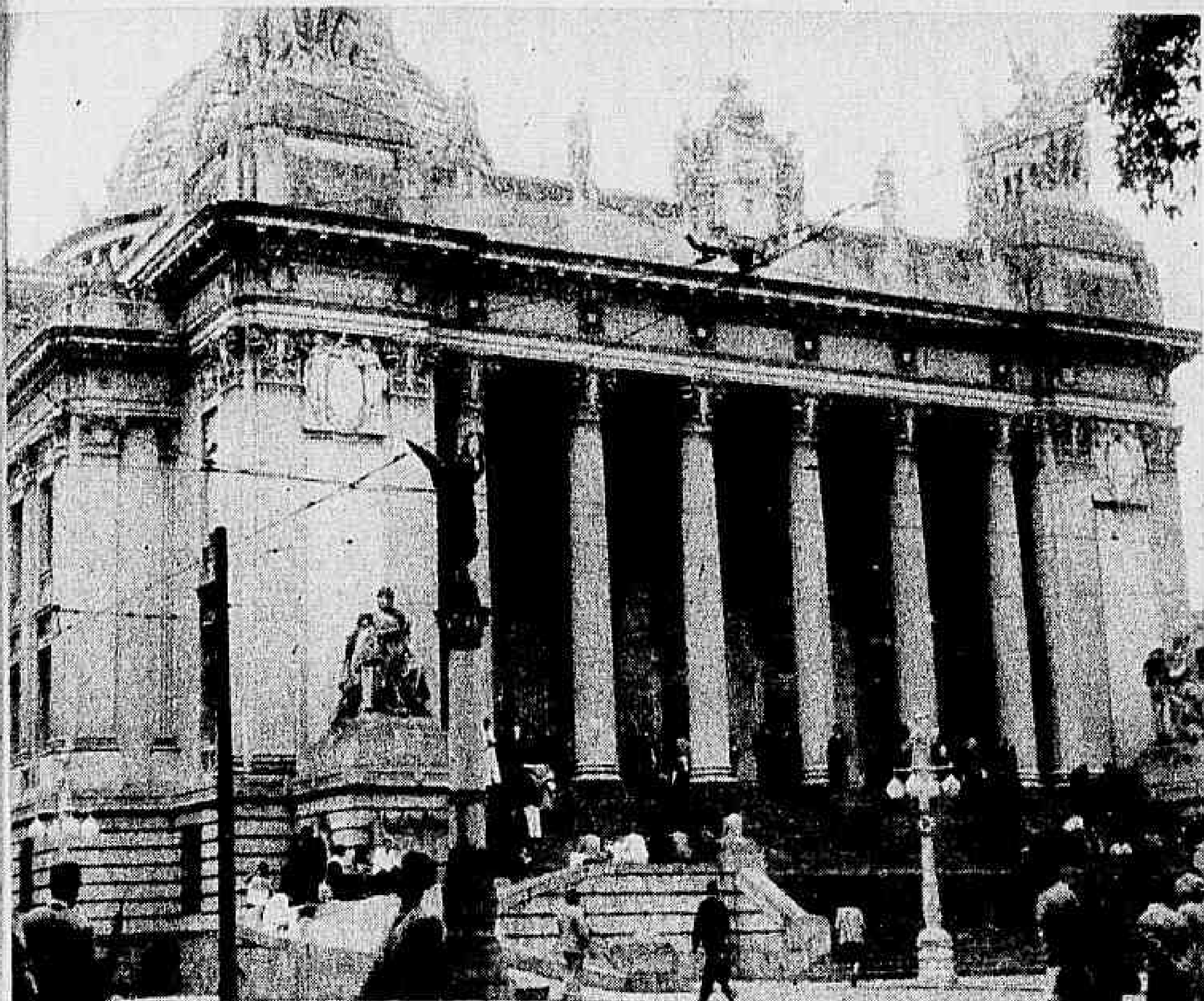
A CENTRAL:

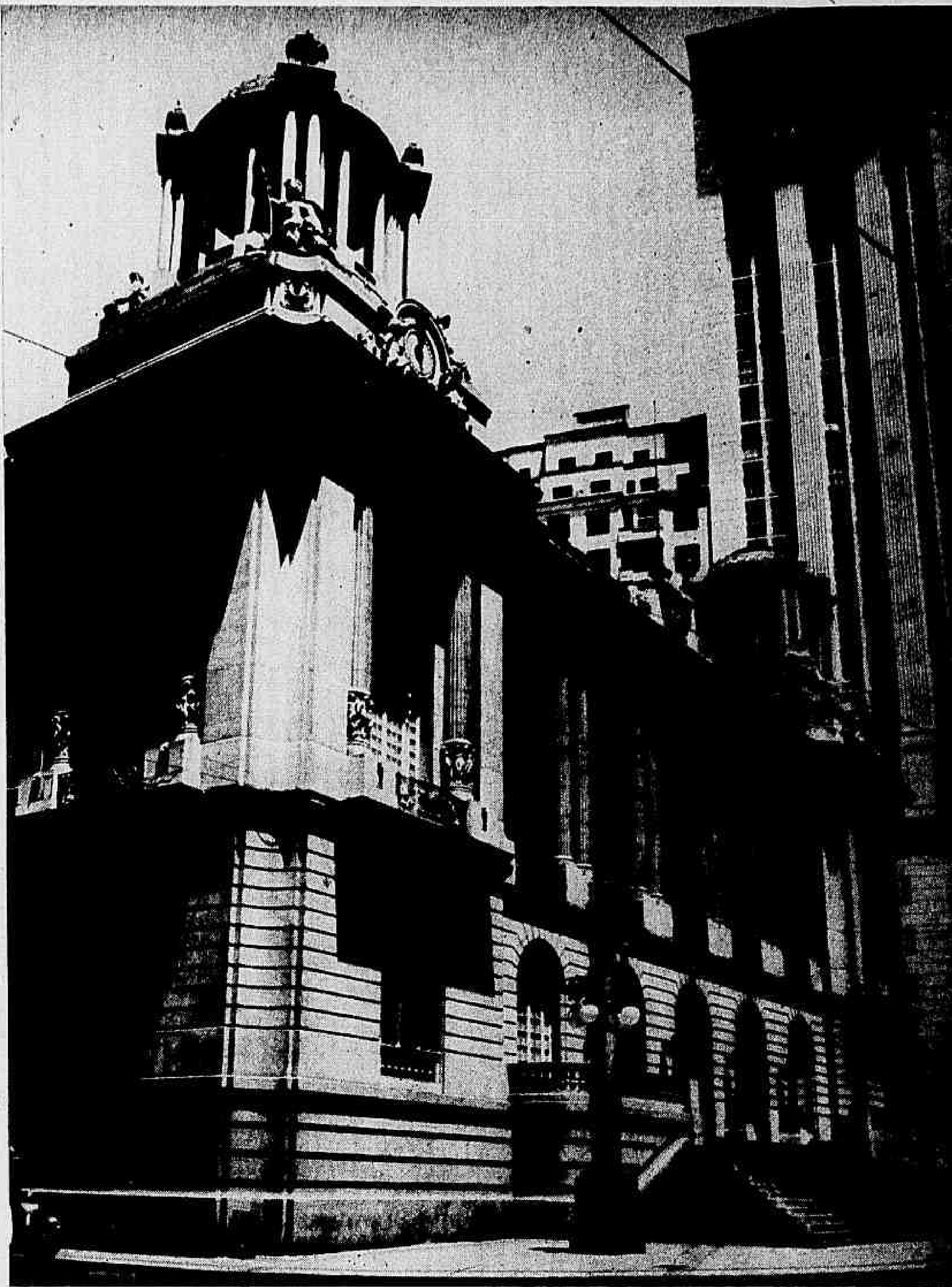
conhecê-la é odiá-la. . .

SEMPRE CABE MAIS UM . . . e pela janela sem vidro penetram centenas ou mesmo milhares de suburbanos, sedentos de transportes. Se o sertanejo é, antes de tudo um forte, podemos dizer ser o carioca antes de tudo um resignado. Quando a Estrada de Ferro Central do Brasil — que também atende pelo apelido de «a nossa principal ferrovia» — adquiriu, há milhares de anos, as composições elétricas hoje desconjuntadas, pensou-se estar resolvida, para os moradores dos subúrbios, a questão dos transportes. Triste ilusão. A única coisa certa na Central é o atraso de seus trens, que, de tão atrasadinhos que são, nunca tomaram e jamais tomarão conhecimento de coisinhas simples como sejam horários, tabelas, etc. O povo, que depende da Central e que não vê jeito da coisa melhorar, que faz então? — Lógico, «mete a lenha» na direção da Estrada a começar pelo próprio manda chuvas, o engenheiro Jair de Oliveira e vai terminar sua ira no modesto vendedor de bilhetes, que nada tem a ver com o fato.









A CÂMARA FEDERAL:

Milhões de olhos em cima dela

A DITADURA TENTOU desmoralizar o sistema democrático em sua base principal, que é o Parlamento. «Voto não enche barrigas» — disse de certa feita, o saco de pancadas nº 1 do país. Em que pese as falhas do Parlamento, não se pode negar o valor da sua existência. Acontece, porém, que, nem sempre a maioria ou o bloco governamental pode, livremente, legislar para o povo e pelo o povo. E, é aí que o Congresso apanha na bôca do povo. «Parasitas», «vende-pátrias» e outros adjetivos menos dignos são assacados contra os representantes desta mesma gente que agora distribui as mais ásperas palavras aos senadores e deputados. Mas, façamos justiça ao Congresso. Numa terra onde o Presidente da República possui a faculdade de nomear seus ministros, o chefe de Polícia, o presidente da COFAP, o diretor do DASP, o presidente do Banco do Brasil; diretores de órgãos como o Lóide Brasileiro, a Agência Nacional, o Conselho Nacional do Petróleo, a Central do Brasil, etc. quais as atribuições do Parlamento capazes de comprometê-lo diante de qualquer crise por que passe o país?



CÂMARA MUNICIPAL

Reabilitação difícil

A GAIOLA DE OURO ESTÁ CHEIA DE PASSAROS, o que não tem impedido as sucessivas reformas ali levadas a efeito. 50 vereadores e mil e duzentos funcionários! Nunca o legislativo carioca estêve tão desprestigiado aos olhos do povo. Cada legislatura, uma nova reforma; eis a praxe. Mas a verdade é que, ùltimamente, nota-se um movimento entre os próprios vereadores no sentido de melhor situar a Câmara no conceito do público. As cenas violentas de «Far West» vão-se rareando e, os próprios apartes já são desferidos numa linguagem mais elevada. Entretanto, o povo, acostumado que foi aos «célebres espetáculos» que, no passado, com grande freqüência ali tinham lugar, olha de esguelha o movimento renovador, como que abrindo aos legisladores cariocas um crédito de confiança, até ver como fica a coisa...

A LIGHT:

"O polvo faz o que quer..."

«VEJA ILUSTRE PASSAGEIRO O BELO TIPO FACEIRO QUE O SENHOR TEM A SEU LADO...» — Mas, acontece que, no tempo em que os versinhos foram escritos, a escola era risonha e franca e existiam lugares vagos nos elétricos, destinados aos fatigados passageiros. Hoje é ali no duro. Mãos no balaústre e pé no estribo. Quem paga o pato é o público, que xinga a Light, xinga os gringos, xinga a si mesmo e, depois de tudo, vai navegando no estribo... Quando se fala em Light, automàticamente a Companhia Telefônica entra no assunto. Ah, como a coisa era fácil no passado. Bastavam 12 mil réis e tinha-se um telefone em casa, em menos de dois dias. Agora, pobre povo — que grita e protesta e nada consegue — telefone? só mesmo no câmbio negro e olhe lá. E os cortes de energia? Pouca água no rio Paraíba? Nada disso. Apenas insuficiência de geradores, esta a verdade. E é por isso que o povo malha a Light com o mesmo prazer com que estraçalha Judas no sábado de Aleluia.



BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº.......

NOME.......................

RUA.................. Nº.....

CIDADE.....................

ESTADO.....................

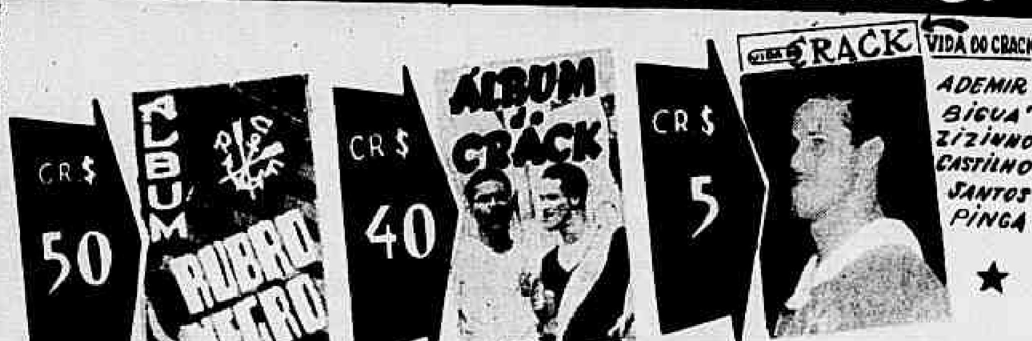
Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

TRAGÉDIA FEMININA

E' tão delicada e sensível a saúde feminina, está ela sujeita a perturbações tão freqüentes e torturantes que um célebre autor deu a uma obra sua a respeito êste título sugestivo: «A TRAGÉDIO BIOLÓGICA DA MULHER». Sim, a tragédia feminina, os mesmos e dolorosos sofrimentos todos os meses do ano e todos os anos da vida. Perturbações de tôda ordem, dores, mau estar, nervosismo, desânimo. E a triste perspectiva de males que se não forem bem cuidados se tornarão crônicos e incuráveis! Gentil leitora: não permita que sua vida se transforme em tal tragédia: A ciência coloca ao seu alcance o seu grande remédio — o remédio capaz de afastar os seus males femininos, porque é fabricado de acôrdo com a natureza dêles — Regulador Xavier — O Regulador Xavier Nº 1 se aplica nas regras abundantes, hemorragias e suas conseqüências. O Regulador Xavier Nº 2 na falta ou diminuição de regras e suas conseqüências. O Regulador Xavier — o Nº 1 ou o Nº 2 de acôrdo com o seu caso — combaterá eficazmente os seus males e riscará do seu calendário os dias tristes e dolorosos. Faça do Regulador Xavier o guardião da sua saúde e viva alegre e feliz todos os dias do mês e todos os meses do ano.

Quer ser escritor?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Rua Visc. Maranguape, 15 — Lapa — Rio — para remessa do programa e bases do Curso.



COLCHA DE RETALHOS

(Cont. da pág. 18)

Sorriu-me, lisonjeada.

— É pra ver. É isto aqui tem coisa! É uma colcha de retalhos que venho cosendo há quatorze anos, des' que Pingo nasceu. Dos vestidinhos dela, vou guardando nesta caixa cada retalho que sobeja e um dia os coso. Veja que galantaria de serviço!...

Estendeu-me ante os olhos um pano variegado, de quadradinhos maiores e menores, todos de chita, cada qual de um padrão.

— Esta colcha é o meu presente de noivado. O último retalho há-de ser o vestido de casamento, não é, Pingo?

Pingo d'água não respondeu. Metida na cozinha, percebi que nos espiava por uma fresta.

Mais dois dedos de prosa, um cafèzinho ralo — escolha com rapadura — e,

— Está bem, rematei, levantando-me do mocho de três pernas. Como não pode ser, paciência. Apesar disso, acho que devemos pensar um bocado. Olhe que êste ano se estão pagando os roçados a oitenta mil réis o alqueire. Dá para ganhar, não?

— Que dá, eu sei que dá — mas também sei para que dá. Um perrengue como eu não pensa mais nisso, não. Quando era gente, muitas peguei a sessenta, e não me arrependi. Mas hoje...

— Nesse caso...

Transcorreram dois anos sem que eu tornasse aos Periquitos. Nesse intervalo dona Ana faleceu. Era fatal a dor que respondia na cacunda. E não mais me aflorava à memória a imagem daquela humilde urupês, quando chegou aos meus ouvidos um zum-zum corrente no bairro, uma coisa apenas incrível: o filho de um sitiante vizinho, rapaz de todo pancada, furtara Pingo d'Água aos Periquitos.

— Como isso? Uma menina tão acanhada!...

— É para ver! Desconfiem das sonsas... Fugiu, e lá rodou com êle para a cidade — não para casar, nem para enterrar. Foi ser «moça», a pombinha...

O incidente ficou a zaoinar-me o bestunto. À noite perdi o sono, revivendo cenas da última visita ao sítio, e disso brotou a idéia de lá tornar. Para? Confesso: mera curiosidade, para ouvir os comentários da triste velhinha. Que golpe! Desta feita ia-se-lhe a rijeza de cerne.

Fui.

Setembro entumecia gomos em cada arbusto. Nenhuma neblina. A paisagem desenhava-se nítida até aos cabeços dos morros distantes.

Por amor à simetria, montava eu o mesmo picaço. Transpus a mesma porteira. Atalhei pelo mesmo trilho.

No córrego vi, com os olhos da imaginação, o vulto da menina envergonhada, com o pote descansado na laje e tôda às voltas com a rodilha. Mais uns passos e a tapera atolhou-se-me, deserta. As três árvores do pomar extinto eram já galhaça resseca e poenta. Só os mamoeiros subsistiam, mais crescidos, sempre apinhados de frutos. O resto piorara, descambando para o lúgubre. Ruíra o oitão e o terreirinho pintalgara-se de moitas de guaxuma, cordão-de-frade e joás.

— Ó de casa.

Silêncio. Três vêzes repeti o apêlo. Por fim surgiu dos fundos uma sombra, acurvada e trêmula.

— Bom dia, nhá Joaquina. Está seo Zé?

Não me reconheceu a velhinha. O Zé fôra à vila vender a sitioca para mudar de terra.

Fêz-me entrar, logo que me dei a conhecer, pedindo escusas da má vista.

Entrei para a saleta vazia.

— Tem coragem de estar aqui sòzinha?

— Eu? Sòzinha estou em tôda a parte... Morreu-me tudo, a filha, a neta... Sente-se, disse, apontando para o mocho de dois anos atrás.

Sentei-me com um nó na garganta. Não sabia o que dizer. Por fim:

— O que é a vida, nhá Joaquina! Parece que foi ontem que estive aqui. Apesar das doenças, iam vivendo. Hoje...

A velha limpou no canhão da manga uma lágrima.

— Viver setenta e dois anos para acabar assim!... Felizmente a morte não tarda. Já a sinto cá dentro...

Confrangia-se-me o coração naquele êrmo onde tudo era passado — a terra, as laranjeiras, a casa, as vidas, salvo, trêmulo espectro sobrevivente como a alma da tapera, a triste velhinha encanecida, cujos olhos poucas lágrimas estilavam, tantas chorara.

— Que mais agora? murmurou, pausadamente, em voz de quem já não é dêste mundo. Até a «desgraça», eu não queria morrer. Velha e inútil, inda gostava da vida. Morreu-me a filha, mas restava a neta que é duas vêzes filha e era o meu consôlo. Desencaminharam a pobrezinha... Agora, que mais? Só peço a Deus que me tire, logo e logo...

Relancei um olhar pela sala vizinha. A caixeta de costura inda estava sôbre a arca, no lugar de sempre. Meus olhos pousaram nela, marasmados.

A velha adivinhou-me o pensamento e, erguendo-se, tomou a caixa nas mãos trêmulas.

Abriu-a. Tirou de dentro a colcha inacabada, contemplou-a longamente. Depois, com tremura na voz, disse:

— Dezesseis anos — e não pude acabar a colcha... Ninguém imagina o que é para mim esta prenda. Cada retalho tem a sua história e me lembra um vestidinho de Pingo d'Água. Aqui leio a vidinha dela des'que nasceu.

— Êste, olhe, foi da primeira camiseta que vestiu... Tão galantinha! Estou a vê-la no meu braço, tentando pegar os óculos com a mãozinha gorda...

Êste azul, de listas, lembra um vestido que lhe deu a madrinha aos três anos. Ela já andava pela casa inteira, armando reinações, perseguindo o Ramão, que um dia, por sinal lhe meteu as unhas no rostinho. Chamava-me «óó aquina».

Êste vermelho, de rosinhas, foi quando completou os cinco anos. Estava com êle por ocasião do tombo na pedra do córrego, d'onde lhe veio aquela marquinha no queixo, não reparou?

Êste cá de xadrezinho foi pelos sete anos, e eu mesma o fiz, e o fiz de saia comprida e paletó de quartinho. Ficou tão engraçada, feita uma mulherzinha!

Pingo d'Agua já sabia temperar um virado, quando usou êste aqui, de argolinhas roxas em fundo branco. Digo isto porque foi com êle que entornou uma panela e queimou as mãos.

Êste roxo, usou-o quando tinha dez anos e caiu de sarampo, muito malzinha. Os dias e as noites que passei ao pé dela, a contar histórias! Como gostava da Gata Borralheira!...

A velha enxugou na colcha uma lágrima, e calou-se.

— E êste? perguntei, apontando um retalho amarelo, para avivá-la.

Passou um bocado a triste avó, em contemplação. Depois:

— Êste é novo. Já tinha quinze anos quando o vestiu pela primeira vez, num mutirão do Labrego. Não gosto dêle. Parece-me que a desgraça começa aqui. Ficou um vestido muito assentadinho no corpo, e galante, mas, pelas minhas contas, foi o culpado do Labreguinho engraçar-se da coitada. Hoje sei disso. Naquele tempo de nada suspeitava...

— Êste, disse-lhe eu, fingindo recordar-me, é o que vestia quando cá estive.

— É engano seu. Era, quer ver qual? Era êste de pintas vermelhas, repare bem.

— É verdade, é verdade! menti. Agora me lembro, era isso mesmo. E êste derradeiro?

Após uma pausa dolorida, a pobre criatura sacudiu a cabeça e balbuciou:

— Êste é o da desgraça. Foi o último que lhe fiz. Com êle fugiu... e me matou.

Calou-se a lacrimejar, trêmula.

Calei-me também, opresso dum infinito apertão d'alma.

Que quadro imensamente triste, aquêle fim de vida, machucado pela mocidade louca!...

E ficamos ambos assim, imóveis, de olhos pregados na colcha.

Ela por fim quebrou o silêncio.

— Era o meu presente de noivado. Deus não quis. Será agora a minha mortalha. Já pedi que me enterrassem com ela...

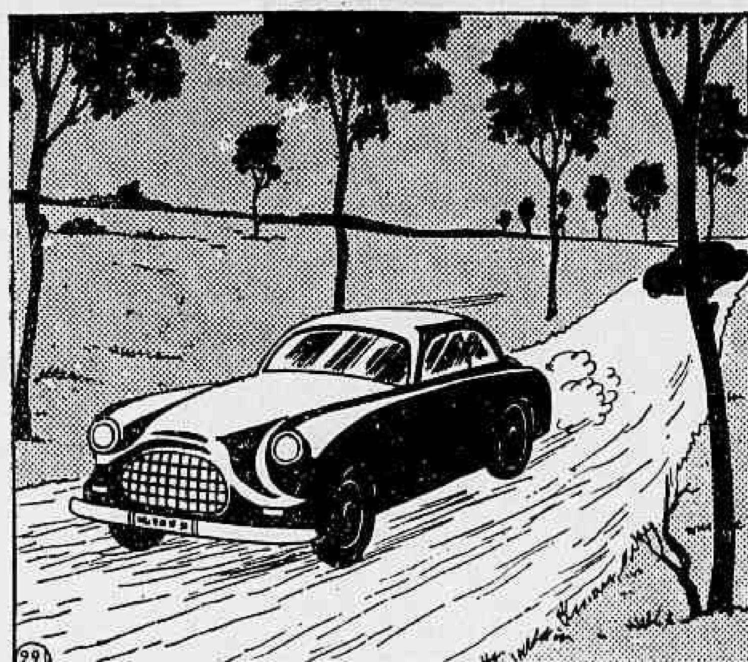
E guardou-a dobradinha na caixa, envôlta num suspiro arrancado ao imo do coração.

Um mês depois morria. Soube que lhe não cumpriram a última vontade. Que importa ao mundo a vontade última duma pobre velhinha da roça?

Pieguices...



ARABELLE a última sereia



O homem transporta Arabelle para um carro e imprime, ràpidamente, a maior velocidade ao veículo. Ocupado em vigiar a prisioneira, não repara num auto que o segue, faróis apagados.



Após rodar por algum tempo, pára o carro diante de uma casa de aspeto estranho, na qual uma janela gradeada deixava passar luz. O homem desce do auto e assobia três vêzes.



Arabelle estava no antro de Biancha. — «Ninguém o viu com ela?» — pergunta ao bandido que aprisionou a jovem. — «Ninguém, tenho absoluta certeza» — responde o sicário. Que desejaria a italiana com isso?



Biancha vibra uma tapa no rosto de Arabelle, que, com a dor, volta a si do desmaio que havia sofrido. Ela não compreende aquela transformação de atitudes.



«Por que razão você matou Joe?» — pergunta Biancha a Arabelle, que fica perplexa com a pergunta, sem saber o que responder.



Biancha quer saber ainda o que foi que Arabelle encontrou no porão da residência de Joe Piper. E sua caixa de ópio? Perdera-a



Apesar de o bandido ter informado, com a máxima segurança, que não fôra seguido por ninguém, Tching-Tchoung entra — mui cautelosamente — e ouve



Tching-Tchoung está interessado sôbre o que se passa com Biancha, que, sabia êle, era a mulher de Joe Piper, o «Terrífico».



Ao ser abandonada por êle, fôra viver na Itália; mas, em seguida, tornou a ir-se juntar com Piper em Xangai.



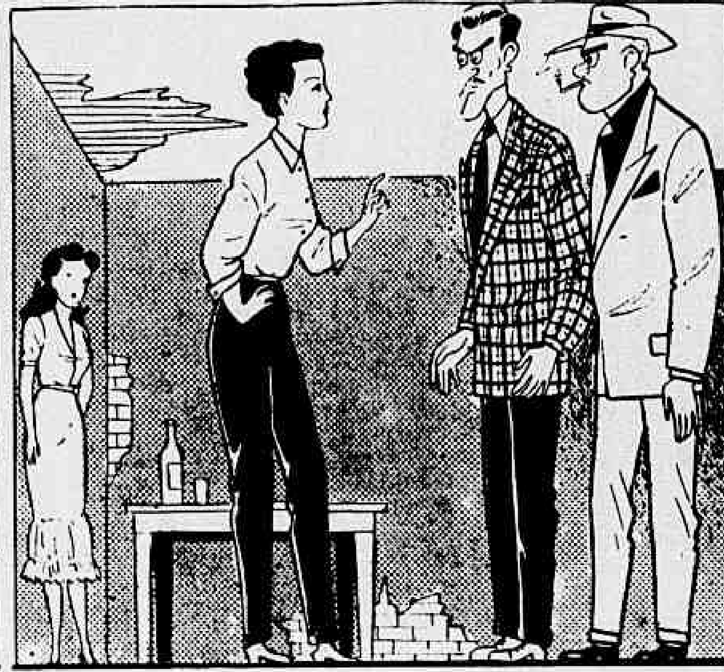
Quando Biancha sabe que Joe Piper foi assassinado, e que Arabelle era uma das suspeitas do crime, mandou aprisioná-la, pois desejava vingar-se dela.



Mas, Bianca é, também, mulher de negócios. Sabendo que Arabelle estava a par dos assuntos de ópio, do qual Joe era o chefe fazia-se necessário usar de uma certa cautela



Biancha quer vingar-se, mas ela ignora tudo, ou quase tudo acêrca dos esconderijos onde Joe Piper costumava depositar armas para o contrabando. Era necessário resolver isso, antes da polícia.



E' preciso agir o mais depressa possível! Você fica aqui vigiando Arabelle, enquanto nós vamos dar buscas no palácio de Joe. Quanto menos gente me acompanhar melhor.



Enquanto Biancha se armava com revólevres, Tching-Tchoung, dirigindo-se ao seu companheiro, dizia: — «Alguém vai sair daqui. Oculte o carro e tenha a máxima cautela para que ninguém nos veja...»

História de VANIA LAUREZ

Desenhos de JEAN HACHE

PASSATEMPO

LIDERGRAMA Nº 80

A	Desperta; dá viveza →	1	10	102	74	139		
B	Deseja →	120	20	80	4			
C	As piores de tôdas →	121	57	13	111	138	67	105
D	Da natureza do fogo (pl.) →	145	103	23	83	16	44	
E	Corda de nó corredio para levantar fardos →	59	140	15	115	73		
F	Domina →	93	109	2	69	27	129	
G	Que faz mal; má →	40	132	18	85	55	123	
H	Respirar com dificuldade →	49	89	3	146	14	28	
I	Aspera; severa →	90	62	12	48	114	51	108
J	Dificulta; não consente →	117	135	68	58	5	87	
K	Lucro gratuito →	142	6	50	91	17	65	122
L	Competidores; rivais →	9	47	60	113	95	37	
M	Sacrifica em holocausto →	46	76	64	128	104		
N	Fizera ronda →	33	72	63	8	97	137	110
O	Faz ondulações →	124	147	71	99	42	24	
P	Aceitar (uma proposta, um convite) →	82	77	101	66	53		
Q	Desdobra; estende →	19	112	25	56	70	96	143
R	Ação oposta a outra →	7	22	43	130	131	148	
S	Cacho de uva →	118	32	79	26	92	134	
T	Perpetra atentado →	54	31	45	125	94	84	
U	O Criador →	34	52	127	86			
V	Em que lugar →	88	144	126	35			
W	Desamarrei; soltei →	133	106	78	29	38	116	11
X	Catafalcos →	36	21	100	75	141		
Y	Simples; sem mistura →	61	39	107	136			
Z	Ondulações →	119	81	41	30	98		

EXPLICAÇÕES — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra a frente dos mesmos, cada letra em uma casa. Transportam-se depois para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras e no quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. Às casas pretas separam as palavras e indicam a pontuação.

A 1	■	F 2	H 3	B 4	J 5	K 6	R 7	■	N 8	L 9	■	A 10	W 11
I 12	C 13	H 14	,	E 15	D 16	K 17	■	G 18	Q 19	B 20	X 21	■	R 22
■	D 23	O 24	■	Q 25	S 26	F 27	H 28	W 29	,	Z 30	■	T 31	S 32
N 33	U 34	V 35	■	X 36	L 37	W 38	Y 39	G 40	Z 41	O 42	R 43	■	D 44
T 45	■	M 46	L 47	I 48	H 49	K 50	I 51	U 52	P 53	T 54	G 55	Q 56	C 57
■	J 58	■	E 59	L 60	Y 61	I 62	N. 63	M 64	K 65	P 66	.	C 67	J 68
F 69	Q 70	O 71	N 72	E 73	A 74	X 75	M 76	■	P 77	W 78	■	S 79	B 80
Z 81	P 82	D 83	T 84	G 85	U 86	,	J 87	■	V 88	■	H 89	I 90	K 91
S 92	F 93	T 94	L 95	■	Q 96	N 97	Z 98	■	O 99	X 100	P 101	A 102	D 103
M 104	C 105	■	W 106	Y 107	I 108	■	F 109	N 110	C 111	Q 112	■	L 113	I 114
E 115	W 116	J 117	S 118	Z 119	■	B 120	C 121	K 122	■	G 123	■	O 124	T 125
V 126	U 127	M 128	F 129	R 130	R 131	G 132	■	W 133	S 134	■	J 135	Y 136	N 137
■	C 138	A 139	E 140	X 141	■	K 142	Q 143	V 144	D 145	H 146	O 147	R 148	■

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA Nº 79 — A. DE PAULA. ORAÇÃO DE PARANINFO. «A maior grandeza da medicina reside nesse movimento primitivo e bíblico do que pede e do que dá. É um gesto simples e espontâneo, ditado pela necessidade e atendido pela diferenciação profissional».

IMPÉRIA

(cont. da página. 34)

Túlia, muitos jovens de ótima família; Nicolosa os espanhóis; Angioleta os jogadores e os soldados; e Vicentina os seus alemães...

Isso porque, à igreja vão todos, até mesmo uma cortesã judia: Nicolosa, que olha tranqüilamente as cerimônias católicas, lendo os seus salmos hebraicos.

Nesse meio tempo, como vivem as senhoras da alta sociedade?

O único exemplo de virtude é representado por Lella Orsini Farnese, modêlo de amor conjugal, que fizera um pacto com o marido para que, assim que um dos dois morresse, o outro fôsse se encerrar num convento. Foi ela quem sobreviveu, e foi, realmente, para um mosteiro. Mas, e as outras?

Crimes, luxo, luxúria estão por tôda parte. Isso é o que vê Lucrécia Cognati, que seu amante Paulo Trotti procura tornar culta, para que brilhe com a mais dotada, assim como é a mais bela. Ela consegue uma vasta cultura literária e musical, como tôdas as cortesãs de alta vida, dessa época.

Canta com voz suavíssima. Toca o alaúde e a harpa, e, até mesmo, compõe poesias. Fala latim como uma humanista e lê Petrarca e as novelas de Bocaccio. Para as reuniões mais íntimas estudou a fundo a «Arte de Amar» de Ovídio e o «Kamasuatra» com tôdas suas perversas complicações. Sua sorte aumenta desmesuradamente, com sua inteligência vai-se preparando para dominar êsse caminho aristocrático de mulheres livres, cruéis, desavergonhadas, sentimentais, cultas, fúteis, expressão viva de uma época.

Começam a ser citados seus ditos espirituosos. Uma vez, pela Rua do Povo, uma rua característica de meretrizes, uma senhora se indignou de encontrá-la, e Lucrécia, olhando-a de frente, lhe respondera: «Perdão senhora, essa rua é mais vossa do que minha...»

No entanto, morre Alexandre VI e, depois de vinte e seis dias do pontificado de Pio III, sucede-lhe Júlio II, Della Rovere, mais guerreiro que pontífice, homem de alma grande e vasta engenhosidade, de caráter e costumes severos, hábil, magnífico, munificente, admirador da arte, intrépido nas lutas, de resoluções prontas, de propósitos firmes, despreocupado do ódio e críticas alheias. Entramos com êle num período do renascimento complexo e rico de vitalidade. Leonardo da Vinci representa, então, o gênio da ciência, Rafael o da beleza, Miguel Angelo o da fôrça.

Lucrécia, mudara de nome. Numa noitada de poesia, é coroada com o nome de Impéria, pelos homens mais cultos e pelos maiores poetas. Impéria será, daí por diante, por tôda a vida.

(CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO)

NOVE PEQUENAS PARA UM RAPAZ

(Cont. da pág. 23)

Admitamos de que de qualquer modo estávamos andando... e... enfim o trem chega a Trieste.

A estação estava deserta. Percebemos isto logo, nós já tão acostumados a estações de estrada de ferro. O próximo trem partiria no dia seguinte às seis. Iria até Rijeka? Sim, iria até Rijeka, depois de «algumas» baldeações, naturalmente.

Respiramos aliviados. Um sorriso vitoriosos enfeita todos os lábios, mas se vai de repente ao lembrarmos: sim, onde estará Françoise?

E, espere aí, e onde está Colette? Ah!... felizmente está ali, conversando animadamente com um belo italiano (sempre dizemos um belo italiano, quando falamos nêles, mas desta vez era verdade). Ela o deixa por instantes para nos contar que êle lhe dissera que ao meio-dia tivera o grato prazer de conversar com uma jovem francesa, a caminho da Iugoslávia, e cuja descrição correspondia perfeitamente a Françoise.

O italiano se aproxima, nós o olhamos com certo respeito e admiração, como se soubéssemos que êle tivesse pela manhã conversando com Luís XVI. Êle propõe que telefonemos a Poggioreale, a gare fronteira; talvez ela houvesse já chegado lá. E Colette desapareceu de nossas vistas. Ela foi empurrando o jovem por uma porta de «Entrada proibida a qualquer pessoa estranha ao serviço» e sumiu por ali.

Nós ficamos contando anciosamente os minutos.

Colette volta afinal, com lágrimas da alegria brilhando nos olhos e nós a rodeamos aflitos.

Sim, sim, ela falara com Françoise! O jovem e belo italiano indagara ao telefone se uma francesinha não teria chegado naquela outra gare, e responderam que esperasse um momento, e dez minutos mais tarde a voz de Françoise era ouvida direitinho ao telefone.

— Bem, bem, mas diga, como foi? O que foi que ela fêz?

Ela estava instalada no alojamento dos oficiais (responde Colette, com voz um pouco insegura) e ela me disse que êles são gentis-homens, maravilhosos...

Colette não sabe como agradecer ao seu herói. Proponho, valentemente, que se lhe ofereça um pacote de doce e minha idéia é aceita com prazer.

E na euforia geral vou deixando que se gastem os seis pacotes de doce que trazia, o que, aliás, não foi difícil, uma vez que o nosso grupo ia sendo acrescido por mais e mais pessoas, soldados na maioria. Todos animados para uma boa palestra, quando nós não pensávamos senão em dormir. Sim, dormir, mas onde? Os bancos todos ocupados. E pergunto se não seria possível nos alojarem num dos trens parados e vasios ali na linha, sim na linha. Um empregado, com uma lanterna vermelha, nos conduz. E, justamente ao trem que nos irá conduzir à Iugoslávia, que coincidência! E nos aprèsentam um vagão de primeira, vamos, pois, dormir como reis... Os soldados se sentem satisfeitos em ajudar, levando as bagagens, acendendo as luzes, e parecem divertir-se a larga com isso, enquanto, sentindo crescer a cada instante a minha responsabilidade, eu me pergunto como conseguirei me livrar daquele batalhão.

(Continua no próximo número)

COMO APRENDER A DANÇAR

5ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Rua da Liberdade número 120 —— São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 — S. Paulo.
A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

HÁ em nossa República um poder, de função judiciária à parte que a maioria dos brasileiros desconhece. Êste poder é o Tribunal de Contas e a sua finalidade é fazer a tomada das contas do Presidente da República, bem como dos outros setores públicos que movimentam verbas. A finalidade dêsse tribunal é, por sua natureza, de suma importância, e aquêles que lidam com as grandes parcelas dos dinheiros da nação hão de pensar duas vêzes antes de esbanjá-las.

A propósito há noventa anos atrás, isto é, em 1857 o jurista Pimenta Bueno dizia: «E' de suma necessidade a criação de um Tribunal de Contas, devidamente organizado, que examine e compare a fidelidade das despesas com os créditos votados, as receitas com as leis do imposto, que prescrute e siga pelo testemunho de documentos autênticos em todos os seus movimentos a aplicação e emprêgo dos valores do Estado e que enfim possa assegurar a realidade e legalidade das contas.»

E o Tribunal de Contas nasceu pouco depois, tendo por patrono Ruy Barbosa, que, sôbre aquêle poder, disse tratar-se de «uma instituição em grande parte judiciária e política destinada, por sua índole, a sentenciar sôbre assuntos da mais alta gravidade, e servir sòlidamente de dique aos abusos administrativos em negócios financeiros.»

Nove homens, no pôsto de ministros, compõem o Tribunal de Contas, cujo Quartel-General se acha instalado no décimo segundo andar do Ministério da Fazenda. Todos os nove são funcionários vitalícios, e percebem subsídios mensais de Cr$ 24.000,00, além de regalias especiais, prioridades e imunidades.

Mostremos, agora, aos leitores quem são os atuais titulares do importante poder da República, poder que Ruy considerou especialmente «político e judiciário».



O BRASIL PRESTA CONTA A ÊSTES HOMENS

Quem são os ministros do Tribunal de Contas da União, e quais os seus poderes. ★ A tabuada federal é diàriamente submetida a uma Banca Examinadora que vai do fogoso sr. Silvestre Péricles ao manso sr. Cesário Alvim ★ O sr. Pereira Lira, principal colaborador do sr. Dutra, aprovou as contas do sr. Dutra...; e o sr. Vergniaud Vanderley trocou o incerto pelo certo.

Reportagem de WILSON MACHADO

Fotos de ARNALDO VIEIRA



PEREIRA LIRA:

Amigo e juiz de Dutra

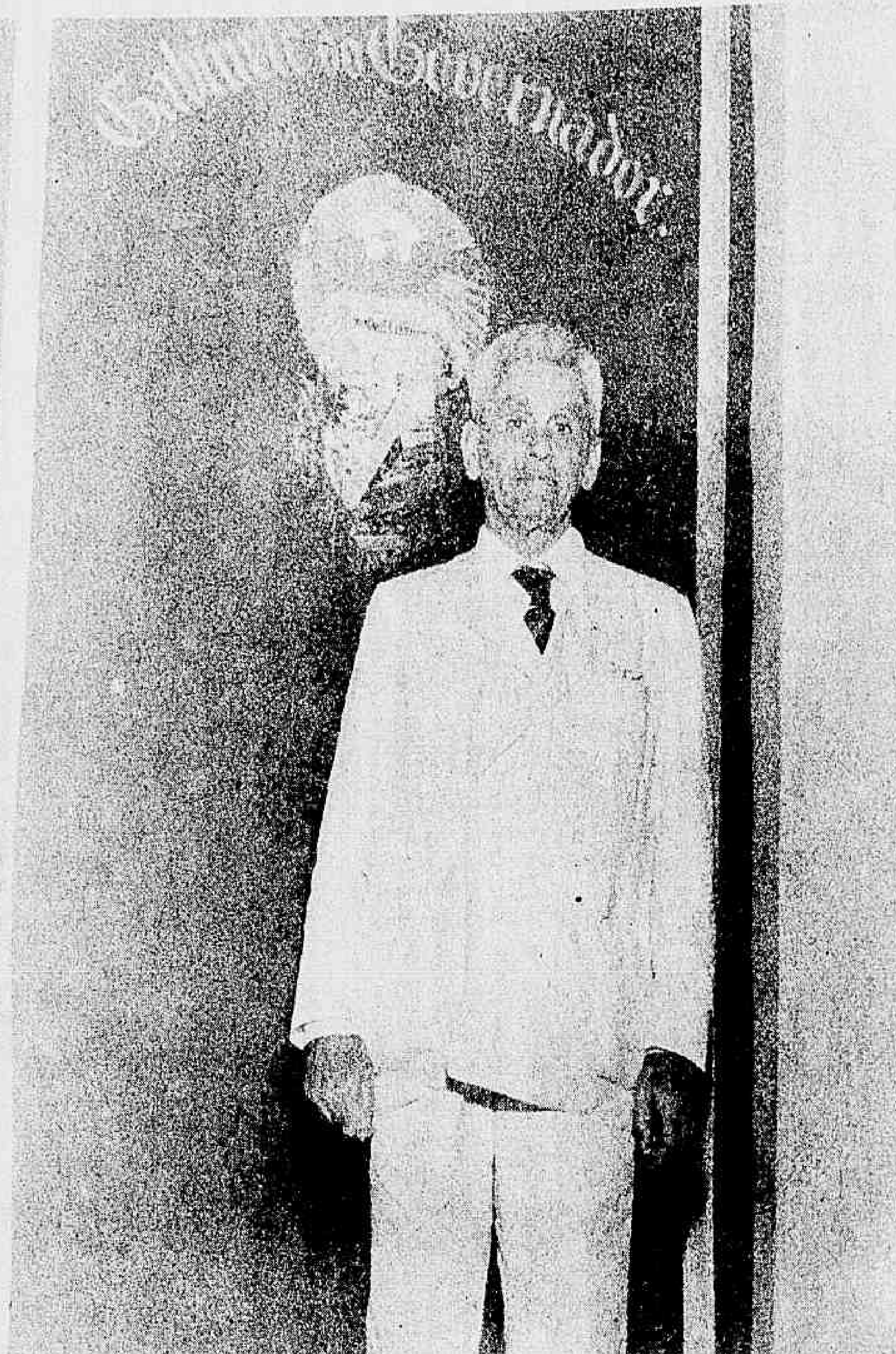
Nomeado pelo general Dutra, nos últimos instantes do seu govêrno, o ministro José Pereira Lira teve oportunidade de julgar (e aprovar), no Tribunal do 12º andar do Ministério da Fazenda, as contas de uma gestão da qual fôra o mais íntimo colaborador. Suponha-se que muitas das contas do general foram sugeridas pelo professor Lira, e teremos a conclusão de que o dr. Pereira Lira, ministro do Tribunal de Contas, estudou e aprovou contas do professor Pereira Lira, Chefe da Casa Civil do govêrno do general Dutra... José Pereira Lira é paraibano, político de experiência velha, já foi deputado federal e secretário geral da Câmara e professor da Faculdade de Direito, onde tem fama de expositor brilhante e fluente. Homem de arrancos, é dono de inteligência ágil, de coragem pessoal e poder de sedução. A lealdade absoluta com que se conduziu quando da campanha eleitoral do general Dutra, não abandonando um minuto sequer um candidato que todos consideravam sem «chance», garantiu-lhe o afeto perene do general e, por conseguinte, a posição mais influente do govêrno passado. Como Chefe de Polícia, o professor Lira mostrou-se violento (lembrai-vos do «quebra-quebra» de 1946) e moralizador; e como Secretário da Casa Civil, provou ser trabalhador ativo e político sagaz. Foi um dos construtores do chamado «acôrdo inter-partidário»; e chegou a ser lembrado como possível candidato à sucessão do general Dutra, projeto prejudicado pela fragorosa derrota eleitoral que sofreu na Paraíba, em renhida disputa por uma senatória e na qual o sr. José Américo levou a melhor.

O professor Lira talvez seja o nome mais em evidência e de maior prestígio no Tribunal de Contas; mas os seus suspirosos sonhos de retôrno à política se condicionam todos à própria posição do general Dutra: se o general volta, o professor volta também; mas se o general não volta, o professor Pereira Lira terá de conformar-se com a lembrança do faustoso passado e a entreter-se, no presente, em pôr a limpo as contas dos outros...

SILVESTRE PÉRICLES:

Não pagou as suas, mas julga as contas dos outros

Irmão preferido do general Góis, o sr. Silvestre Péricles de Góis Monteiro já foi comandatário de vários postos e cargos importantes, inclusive o de agora, vitalício no Tribunal de Contas. Mas de tôdas as funções que desempenhou, a que mais êle levou a sério, com muito ímpeto e ardência, foi a governança de Alagoas, onde deixou fama de arbitrário, impulsivo, autocrata, impiedoso para com os seus inimigos e exigente para com os amigos. Durante 5 anos, o atual ministro do Tribunal de Contas impôs à terra natal o calor de uma gestão essencialmente polêmica, com tiradas extra-legais e rompantes "au dessus" de qualquer preceito constitucional. Derrotado fragorosamente pelo ameno sr. Arnon de Melo, Silvestre Péricles voltou ao Rio, onde o esperava, acolhedora e morna, a atual sinecura para tôda a vida no Tribunal do Ministério da Fazenda.



Sangue quente, inspiração fácil (entre um rompante e outro, o sr. Silvestre costuma dedilhar uma lira arrebatada e sensual), o ex-capitão do mato de Alagoas é homem de palavra sôlta e gestos largos. Seu "curriculum" de burocrata vai de uma delegacia policial em Maceió, isto há vinte anos, passada por auditoria de guerra, no Rio Grande do Sul, chega à direção do Departamento Nacional do Trabalho, se demora cinco anos no govêrno alagoano e termina agora no Tribunal de Contas da União. Termina é a maneira de dizer — pois a verdade é que o sr. Silvestre Péricles ainda acalenta sonhos de uma reassunção política no seu Estado, onde, segundo suas próprias palavras, deixou "milhares e milhares de amigos".

Como ministro do Tribunal de Contas, o sr. Silvestre Péricles não é dos mais atentos nem dos mais minuciosos. Prefere a palavra larga à pesquisa segura. E não deixa passar uma cifra federal qualquer sem um comentário aceso ou uma crítica ferina. Mas aprova quase sempre os gastos do govêrno — num gesto que é uma paródia do lavar as mãos de Pilatos.



ROGÉRIO DE FREITAS:

Faz contas de mangas arregaçadas

O ministro Rogério de Freitas (no Tribunal há sete anos) é o único dos titulares que, dia de calor, enfrenta as contas federais em mangas de camisa, à maneira do «populismo» do sr. Ademar de Barros. Abastado fazendeiro em S. Paulo, Rogério de Freitas já foi promotor, é amigo do sr. Washington Luís, do qual adotou o «slogan»: «Governar é abrir estradas». Donde se conclui que contas que lhe chegam à mesa, feitas na construção de rodovias, merecem a sua aprovação entusiasta e fulminante.

ANTÔNIO CESÁRIO ALVIM FILHO:

Foi contemporâneo do vintém e do cruzado

Homem agreste e arredio, o ministro Cesário Alvim é pessoa de pouca conversa e nenhuma simpatia pessoal. Mas leva muito a sério o seu trabalho, e se debruça sôbre os dinheiros federais com a mesma diligência e cuidado com que um aluno se entrega à solução dos problemas de uma prova parcial. Quando lhe pedimos uma pose, fechou a cara, subtraiu-se:

— Retrato para quê? Eu não sou ninguém.

Cesário Alvim nasceu em Ubá, em Minas, foi promotor em Cataguazes e desembargador no Território do Acre. Pertence ao Tribunal de Contas há dez anos, e é o mais idoso dos ministros.

Conta-se dêle que, convidado a estudar os gastos do govêrno, chega à minúcia de contar os tostões e até vinténs, emperrando sempre que descobre uma diferença mínima entre receita e despesa. Seus relatórios são longos e espessos «in-fólios», numa linguagem de onzenário ranheta. Tem a honestidade de um mineiro de botas e cigarro de palha.



MÁRIO BITENCOURT SAMPAIO:

Larga experiência de comando

O ministro Mário Bitencourt Sampaio, homem rico, de família rica, notabilizou-se como diretor geral do Plano Salte. Mas, antes, foi diretor geral do «Dasp». E' homem educado, conhecedor do mundo, e já foi também um bom engenheiro da Central, onde ocupou cargos de direção. A sua larga experiência de mando parece ter influído na determinação dos seus colegas em fazê-lo presidente do Tribunal de Contas.



OLIVEIRA LIMA:

Os números envelhecem depressa

O ministro Alfredo Guimarães de Oliveira Lima é de Carangola, em Minas Gerais. Está no Tribunal de Contas há 15 anos, tendo ali já servido como auditor, em 1918. E' professor de Direito, na Faculdade do Estado do Rio, e tem fama, no Tribunal, de homem minucioso e competente. Raramente falta a uma sessão, é organizado e manso. Na ocasião em que realizamos esta reportagem, o dr. Oliveira Lima encontrava-se em gôzo de férias, daí a foto acima, velha de dez anos. Hoje, o dr. Oliveira está mais envelhecido e grisalho — à semelhança daquelas contas de há um decênio atrás, cujos milhares de cruzeiros a inflação galopante transformou em milhões. No Tribunal de Contas do Brasil, país inflacionário, os números envelhecem muito mais depressa do que os homens — e ninguém melhor do que o dr. Alfredo Guimarães de Oliveira Lima para atestar isto.



VERGNIAUD VANDERLEY:

Trocou o incerto pelo certo

O ministro Vergniaud Vanderley é ministro há apenas dois anos — pois foi há dois anos e pouco que êle trocou a sua cadeira de senador, circunstancial e efêmera, pela vitaliciedade do Tribunal de Contas. Arranjo político que visava levar o sr. Assis Chateaubriand ao Senado, o que foi conseguido. Homem de muita saúde e muito bom humor, o ministro Vergniaud não se afoba com coisa alguma e encara o delírio dos milhões que passam pela sua mesa com a indiferença de quem estivesse contando tostões de um mealheiro. O mais recente ministro no Tribunal de Contas é formado em Direito pela Faculdade de Recife, tem pouco mais de quarenta anos de idade, já foi prefeito de Campina Grande, Chefe de Polícia e Secretário da Agricultura do seu Estado natal. Acomoda, agora, a sua pachorra na curul vitalícia, e parece que não cogita mais de qualquer veleidade política.



RUBEM ROSA:

Conhece de cor a tabuada federal

O ministro Rubem Rosa é o mais antigo dos componentes do Tribunal de Contas, com vinte anos seguidos de tarimba cotidiana. Teórico das finanças, é autor de vários livros sôbre dinheiro e assuntos correlatos, foi um dos criadores do «cruzeiro» que substituiu o «mil réis», é advogado formado em Pôrto Alegre, onde nasceu e onde foi, durante muito tempo, professor de Direito Comercial. Jeito tímido e caladão, o ministro Rubem Rosa não liga muito para as exterioridades nem enfeites do mundo, alinhando-se no rol dêsses típicos estudiosos de gabinete. No Tribunal de Contas, Rubem Rosa goza de fama de competente e imparcial.



JOAQUIM HENRIQUE COUTINHO:

Nada de números fora de forma

Coronel honorário, o atual ministro Joaquim Henrique Coutinho já foi oficial de gabinete dos generais Góis Monteiro, Eurico Gaspar Dutra, Nestor dos Passos e Canrobert Pereira da Costa, bem como sub-chefe da Casa Militar do govêrno passado. Foi o general Dutra, de resto, quem o fêz ministro do Tribunal de Contas, em 1949. Além de militar, o carioca Joaquim Henrique Coutinho é formado em Direito. Assíduo às sessões, é dos primeiros que chegam ao Tribunal e dos últimos que saem. Documento entregue à sua consideração, é lido do princípio ao fim, nas linhas e entrelinhas, com atenção e zêlo.

A SEMANA EM REVISTA

Cartazes

ATRAÇÕES há muitas. Cinemas, Teatros, "Boites", Festas (simples ou da Primavera), "Ballets" e Óperas. Mas o carioca, acima de tudo, gosta é de futebol; de ver a bola correndo pelos gramados verdes, impulsionada pelos pés famosos do seu ídolo, do seu craque preferido.

E, quando assim não fôr, que êle mesmo chute a bola, que êle mesmo faça o goal. Na praia, ou na praça, no seu quintal particular ou num campo qualquer de subúrbio o negócio da bolinha é uma praga ou uma diversão, conforme o ponto de vista.

Não adianta passar da idade, também. Aquêle que já não é mais bastante jovem para disputar uma bola de meia, ou que tenha anos demais para correr atrás de uma esfera de couro, fica sentado — é verdade — mas recordando. Os que não jogam ou assistem, vingam-se lembrando velhos chutes, antigas cabeçadas, aplausos quase perdidos no tempo mas que ainda soam fortes na memória.

E o Brasil inteiro vai chutando. Enquanto não vem o próximo campeonato mundial, todo mundo vai chutando o que aparecer na frente, digno de ser chutado, seja laranja ou bola mesmo, seja limão ou pedrinha, lata vasia ou canela do adversário. Por tudo isso é que achamos que o Brasil, mais do que nenhum outro país, merece a Copa do Mundo. Afinal somos, nada mais nada menos, do que um vasto campo, repleto de craques em potencial e alguns poucos consumados.

* * *

Mas, apesar dos pesares, o futebol não é o único cartaz desta terra. Entre muitos aborrecimentos existem outras diversões, também. E é preciso recordar a semana, para comentar o que divertiu (ou irritou) o carioca. — M.M.



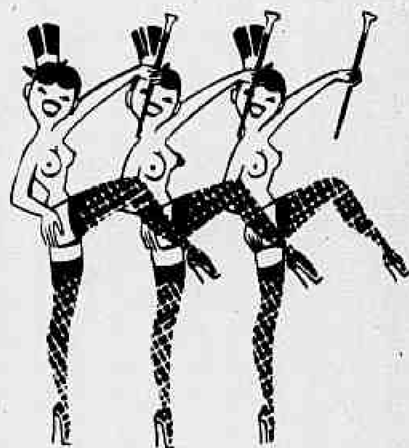
BEIJA PÉ — Com a recente reforma agrária do Irã, 1.600 camponeses foram contemplados com pedaços de terra resultantes da subdivisão da grande propriedade do próprio Xá, mediante pagamento em prestações suaves, que servirão para Bancos de fomento agrícola. Na foto, um dos camponeses contemplados beija os pés do Pá Mohamed Reza Pahlevi, que procura erguê-lo, antes de dar-lhe a escritura, ainda em sua mão.

Ângela Maria

Teatro

● Há o Teatro despido, velho truque para atrair o público, mas sempre eficiente e, agora mais do que nunca, em uso nos palcos do Rio. Até mesmo uma revista chamada «Tudo de fora» andou por aí, mostrando as pernas das coristas; algumas belas, algumas assim assim e outras bastante dispensáveis. Em Copacabana, onde vingou definitivamente o teatrinho de revista, estão merecendo grandes platéias as revistas «O. K. Baby», no **Follies**, e «Botando azeite é melhor». A primeira, sob as ordens do empresário Zilco Ribeiro, tem em Virgínia Lane a «estrêla», ajudada por umas quantas garôtas, entre as quais Consuelo Leandro, forte candidata ao prêmio de maior revelação artística do ano. Quanto a «Botando azeite é melhor», trás de volta ao Teatro **Jardel** o empresário Geisa Bôscoli, que já obteve grandes êxitos no mesmo palco. Dessa vez êle lança uma nova «vedette» — Glória May. A revista, ainda em suas primeiras apresentações, pouco a pouco se firma e, provàvelmente, virá fazer sombra ao espetáculo do **Follies**.

Mas isso, como dizíamos, é o teatro despido. No outro, no teatro sério, ou quando não, pelo menos vestido, há o grande sucesso de Silveira Sampaio, que pela primeira vez deixa o público de Copacabana e vem tentar a Cinelândia. Depois de algumas reapresentações, entre as quais o engraçado «Deu Freud contra», Sampaio estréia uma nova peça de sua autoria — «O Diabo em Quatro Corpos» — inspirada no caso do comerciário que se queixou a polícia de ter sido atacado por quatro mulheres taradas.



Aproveitando o mote, o autor escreveu o atual espetáculo do Teatro Serrador, onde aparece como principal figura masculina, contracenando com o excelente Magalhães Graça e mais quatro mulheres: a eficiente Wanda Oiticica, a simpática Sônia Correia, Nancy Wanderley (indiscutìvelmente a melhor atriz surgida ùltimamente nos palcos do Rio) e a exuberante Mara Rúbia, que, aos poucos, vai fazendo o público esquecer suas antigas atuações no palco do Recreio, quando era uma corista sem grandes predicados, nas espalhafatosas e pouco agradáveis revistas de Walter Pinto. Façamos uma rápida menção à temporada oficial do Teatro Municipal, que há pouco se iniciou com «As bruxas já foram meninas», de José César Borba. Apesar de muito anunciado, o trabalho do experiente teatrólogo não foi lá muito bem recebido pela crítica, nem tampouco pelo público.

E, para que o espetáculo de abertura sofresse ainda outras restrições, houve, no intervalo, a apresentação do monólogo de O'Neil — «Depois do café» — interpretado pela atriz paulista Madalena Nicoll, precedida de grande fama, mas que não chegou a impressionar à crítica.

Cinema



● O cinema nacional já tinha caído na descrença geral, quando surgiu uma esperança, no momento em que alguns industriais paulistas resolveram financiar fitas, montando grandes e bem aparelhados estúdios.

Quando, no Rio de Janeiro, ninguém mais podia esperar nada da Atlântida, única companhia organizada (ou seria melhor dizer desorganizada?) e com produção regular.

Os estúdios da Vera Cruz, da agora extinta Maristela, da Multifilmes, começaram a lançar suas primeiras produções, sem dúvida decepcionantes, mas nunca desesperantes, já que eram os primeiros filmes, ainda cheios de erros técnicos e artísticos, é verdade, porém tateando no terreno da experiência.

Mas eis, que, mal saídos do nada, os produtores cinematográficos de S. Paulo atarracham uma máscara do tamanho de um bonde e mostram o quanto estavam enganados aquêles que esperavam dêles algo de realmente valioso para o cinema nacional.

As fitas brasileiras são ruins em quase tudo: material humano, material técnico, som, dublagem, fotografia, laboratório, o diabo. Nada é realmente bom nesse infeliz e cada vez mais difícil cinema brasileiro. Pois muito bem, os «mascarados» da Multifilmes, em vez de procurarem aprender o elementar da coisa, se escondem por trás das respectivas máscaras e resolvem produzir um autêntico borrão colorido, a guisá de tecnicolor, como é êsse tal de «Destino em Apuros».

É lamentável, profundamente lamentável que aconteça assim. Ainda mais porque, recentemente, um diretor da Vera Cruz — o luso Fernando de Barros — que até hoje não conseguiu sair da mediocridade completa, já andou dando entrevistas a uma revista especializada em cinema, afirmando que não teme o cinerama, pelo contrário, que venha o cinema em três dimensões, porque o Brasil produzirá filmes na nova modalidade. Coitados, êles ainda mal soletram o B-A-Bá e já querem traduzir latim!

Boites



● Não há, no momento, um «show» de «boite» digno de ser visto e, muito menos, do preço que os senhores donos da noite costumam cobrar aos que freqüentam os « night-clubs » elegantes do Rio.

No « Casablanca », apesar da presença de Dorival Caymi e Angela Maria, dois grandes cartazes da nossa música popular, a revista «Acontece que eu sou baiano» redundou num autêntico fracasso, para desespêro do sr. Carlos Machado, empresário acostumado ao elogio fácil. Produtor de outros «shows» realmente interessantes, o sr. Machado zangou-se quando o cronista Fernando Lôbo disse a verdade sôbre o atual espetáculo do «Casablanca», negando-se a servir o crítico, quando êste apareceu na «boite». Com tal procedimento, Carlos Machado criou um caso para si mesmo, está sofrendo críticas severas e, ainda por cima, tem ameaçado o seu contrato com a Prefeitura, pois o prédio do Casablanca pertence à Municipalidade, coisa que o empresário ia esquecendo, ao querer bancar o «ditadorzinho» dos espetáculos noturnos.

No «Monte Carlo», onde trabalham as «girls» mais bonitas do Rio, ainda o sr. Machado teve o mau gôsto de meter o «esquisito» Ivana num «show» chamado «Cherchez la Femme». E, o que é pior, o transformista saiu, seguindo para S. Paulo com a Cia. de Walter Pinto, e o «Monte Carlo» insiste no êrro, colocando em seu lugar um «esquisito» nacional, chamado Bruno.

Ainda apresentando revistas, há o «Night & Day» e a «3 BBB». O primeiro, estrelado por Virgínia Lane e Spina, exibe o «show» «Alvorada», que, por sinal é bastante ruim, o que acontece também com o outro, da «Boite 3 BBB», onde o cômico Blake, divide com algumas «girls» as responsabilidades de divertir os freqüentadores com a revista «Feitiço à meia-noite», coisa que, até agora, ainda não conseguiu. Restam, pois, os espetáculos menos pretenciosos do «Meia Noite», do Hotel Copacabana, e do «Beguin», do Hotel Glória. Na primeira das citadas «boites», a graciosa Vanja Orico obtém sucesso cantando seu repertório internacional. Na segunda, depois de apresentar Anne Chapelle, outra francesa é anunciada, sem que isso diminua o êxito do conjunto de Mário Cesari, o simpático pianista argentino que, auxiliado por sua despretenciosa orquestra, constituiu-se na grande surprêsa, na agradável surprêsa da temporada.



Virgínia Lane



TOURADA ÀS AVESSAS Aspecto da nova arena de touradas de Aurora, na capital da Guatemala, depois que grande multidão de assistentes se revoltou contra a ordem de cancelamento da tourada inaugural pela diretoria daquela praça de touros, sob a alegação de que havia mais de 18 mil «caronas», ocupando os lugares dos que haviam pago nos guichês. Irrompeu, então, um furacão e a polícia foi impotente para evitar a luta por isso originada, resultando dêsse modo 20 feridos.



O GENERAL CIRO NO CHILE — O Ministro da Guerra do Brasil, general Ciro Espírito Santo Cardoso (à esquerda), em companhia do Presidente da República do Chile, general Carlos Ibanez, momentos depois de entregar-lhe o Grande Colar da Ordem do Cruzeiro do Sul, com que foi agraciado pelo Govêrno Brasileiro. Na foto o general Ibanez ostenta a condecoração brasileira, vendo-se à direita, a senhora Graciela Letelier de Ibanez, espôsa do Presidente da República do país amigo.

ALVES PINHEIRO PERDE A FOME QUANDO É "FURADO"

Entrevista a MIGUEL DA SILVA

Fotos de GERDI

Armado de lápis, charuto e tesoura, o general do "O Globo" dá início, tôda madrugada, à batalha das notícias. — O mais famoso chefe de reportagem do Rio já entrevistou o Papa, descobriu a aviadora Jean Bateu perdida numa cabana de pescadores e acha que o repórter é como o poeta. — 26 anos de "furos" (muitos) e "barrigas" (algumas).

F. S. Alves Pinheiro, um charuto fumegante, lápis e gilete na mão e uma tesoura de reserva. Eis as armas com que o conhecido chefe de reportagem do «O Globo» inicia, alta madrugada, a batalha das notícias. Isso, cada dia e há longos anos. Por trás de sua mesa, no fundo da redação, Alves Pinheiro movimenta, através de cordéis invisíveis, um exército de repórteres. Desde cedo já coleciona recortes e notas de jornais, noticiário que seus auxiliares tratam de apurar. Mantém-se em permanente contato com todos os trinta e dois distritos policiais da cidade, e procura a todo instante estar ciente do que vai por dentro e por fora do Rio de Janeiro. E' um homem de quem se pode dizer que vive da notícia, para a notícia e pela notícia. Durante quase doze horas do dia permanece na redação desenvolvendo uma atividade de um dinamismo quase diabólica. Naquele espaço de tempo, consome nada menos do que dez gordos charutos e recebe e promove cêrca de 200 telefonemas. Mas a obrigação de Pinheiro permanecer horas e horas sentado em sua cadeira, tornou o antigo e ágil repórter um senhor um tanto obeso, qualificativo que êle está disposto a eliminar através de um regime de verduras.

Mas vejamos o que nos conta o mestre da reportagem, respondendo a algumas rápidas perguntas que fizemos sôbre sua longa e emocionante experiência jornalística. Nossa primeira pergunta foi:

REPORTAGEM E POESIA

Quando entrou para a imprensa? Onde? Em que jornal?

— Já são tantos os anos... Só mesmo recorrendo à memória profissional: mil novecentos e vinte e sete, em Salvador, Bahia. O jornal? O «Diário de Notícias», então dirigido por Altamirando Requião. Havia deixado, pouco antes, o Seminário onde também fizera jornalismo amador e ia realizar o sonho maior de minha vida: ser repórter. Ser repórter? Pergunto eu. Por acaso o repórter não é como um poeta? **Jam nascitur...** Perdoem-me o latim.

Há quantos anos labuta em jornal? E na imprensa carioca?

— Façamos as contas: de 1927 a 1953. Sempre fui péssimo matemático. Creio, porém, que já se vão 26 longos, custosos, bem vividos anos. No Rio, cheguei em 1929, já no fim do ano, por sinal, uma data histórica, sete de setembro, precisamente no dia em que se inaugurava o edifício de «A Noite».

O PAPA E A AVIADORA

Qual a sua maior emoção como jornalista?

— E' sempre difícil falar em maior emoção na vida jornalística. As emoções se renovam cada dia nesse gênero de atividade. Sucedem-se umas sempre mais fortes que as outras. A nossa vida é tôda ela emocional. Jornal é emoção, vibração, trepidação, e, se quiserem, dourada, mágica auto-destruição. Deixe-me porém fixar uma das maiores: foi quando entrevistei o Cardeal Pascelli, uma das mais admiráveis e fortes personalidades dêste século. Diante do atual Papa Pio XII, experimentei a sensação de que lidava com um ser sobrenatural, uma criatura de alma doce e transparente e profundo e alto espírito. Outra grande emoção? Foi ao descobrir numa cabana de pescadores, Jan Bateu, a famosa aviadora solitária, desaparecida no seu salto espetacular sôbre o Atlântico e precisamente quando o mundo inteiro a procurava. Foi na extensa, branca e tranqüila praia de Araruama...



ALVES PINHEIRO: 26 anos de tarimba, 12 horas de trabalho diário, 200 telefonemas por dia e, pelo menos, um «furo» em cada edição d' «O Globo».

O «FOCA» E O CADAVER «MORTO»

Qual a sua maior «gaffe» na vida jornalística?

— Sim, esta não esqueço nunca. Era «foca», na Bahia. Depois que o médico legista me descreveu detalhes de uma autópsia, perguntei-lhe intrigado e aflito: «Mas, doutor, o cadáver estava mesmo morto?» E' excusado dizer que o velho mestre do Nina Rodrigues me pôs para fora da morgue imediatamente, quase a pontapés...

Qual a sua reação quando o seu jornal é «furado»?

— E' como se o Pão de Açúcar desabasse sôbre mim... Perco a fome, o que é muito útil aliás para o regime que estou me impondo, o «plano mensal» de emagrecimento... Se um «furo» empolga, quando é do nosso jornal, esmaga se vem de um concorrente...

Quantas horas trabalha por dia? A que horas chega na redação?

— Costumo chegar à redação às quatro horas da madrugada e sair às dezesseis horas, quando nada ocorre de extraordinário. Não é, porém, receita que recomende aos amigos...

A MÁQUINA IRÁ ATÉ O FIM

Sendo agora também radialista, qual o preferido, jornal ou rádio?

— Entendo que o rádio completa o jornal. A imprensa falada e a escrita, entrosadas e integradas, realizam o milagre do jornalismo moderno, no tempo e no espaço. Se estou na «Rádio Globo», sinto-me como na minha banca, na redação de «O Globo».

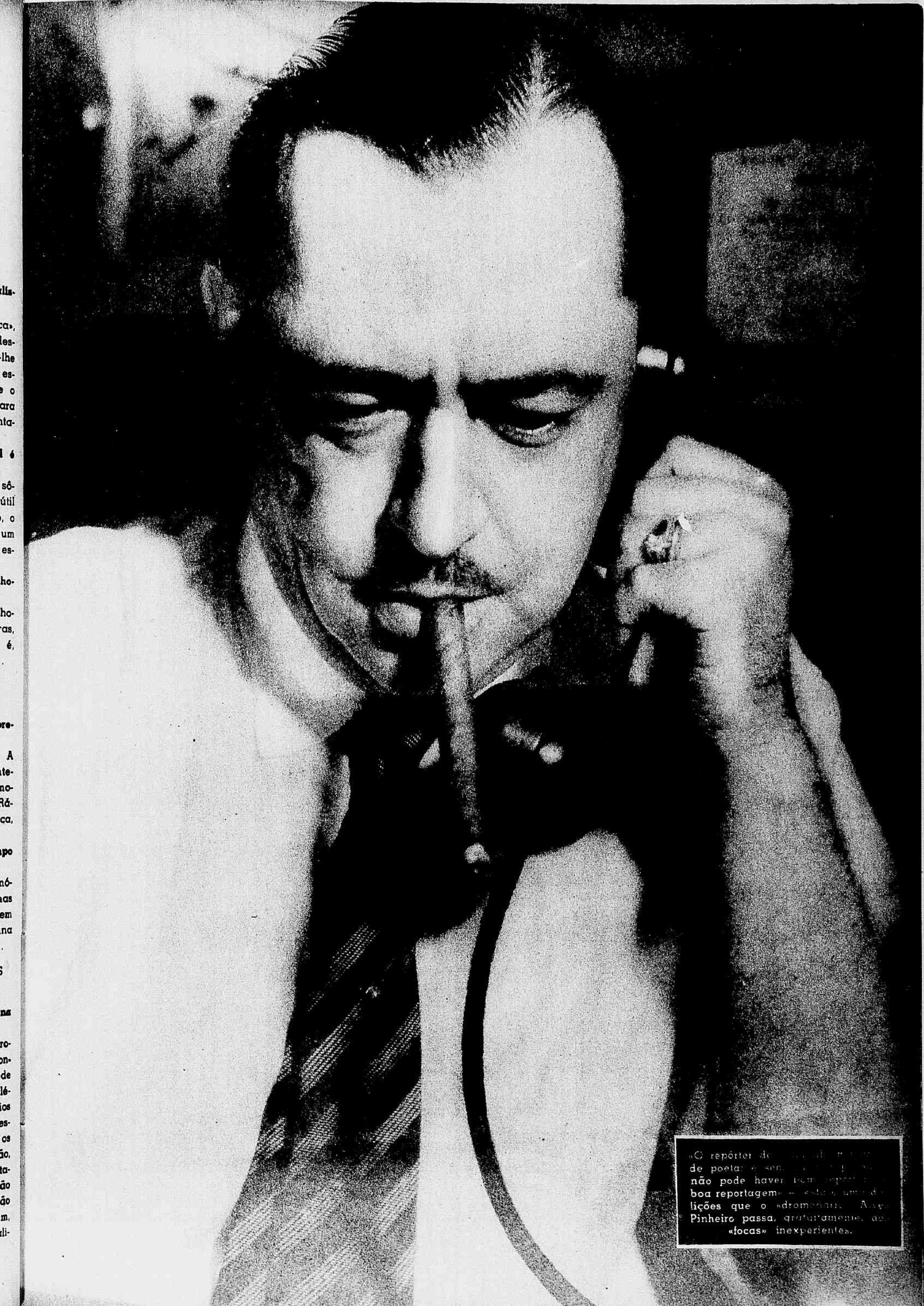
Pretende ainda continuar por muito tempo na chefia da reportagem?

— Até que fique imprestável como certos móveis, certos objetos que se põem de lado, mas não se joga fora... Ou melhor, até o dia em que o diretor do jornal entender que a máquina ainda funciona em condições satisfatórias...

OS MELHORES REPÓRTERES BRASILEIROS SÃO... MUITOS

Quais os melhores repórteres brasileiros na sua opinião?

— Prefiro não responder. A discriminação provocaria suscetibilidades. Felizmente ainda contamos com excelentes repórteres nos setores de sua especialização ou preferência; outros, ecléticos, capazes de brilhar em todos os domínios da reportagem. Devo, aliás, confessar que estão rareando os nossos repórteres, isto é, os profissionais com aquêle gôsto da investigação, aquela fascinação do «furo», aquela inquietação, aquela febre de novidade, aquela sedução pela notícia de primeira mão, aquela tentação de superar o difícil, o quase impossível. Enfim, meu caro, se tirarmos ao profissional as qualidades de repórter, que resta?...



«O repórter d[illegible] de poeta; e sem [illegible] não pode haver bom repórter [illegible] boa reportagem» — esta é uma d[illegible] lições que o «dromed[illegible]» [illegible] Pinheiro passa, gratuitamente, aos «focas» inexperientes.

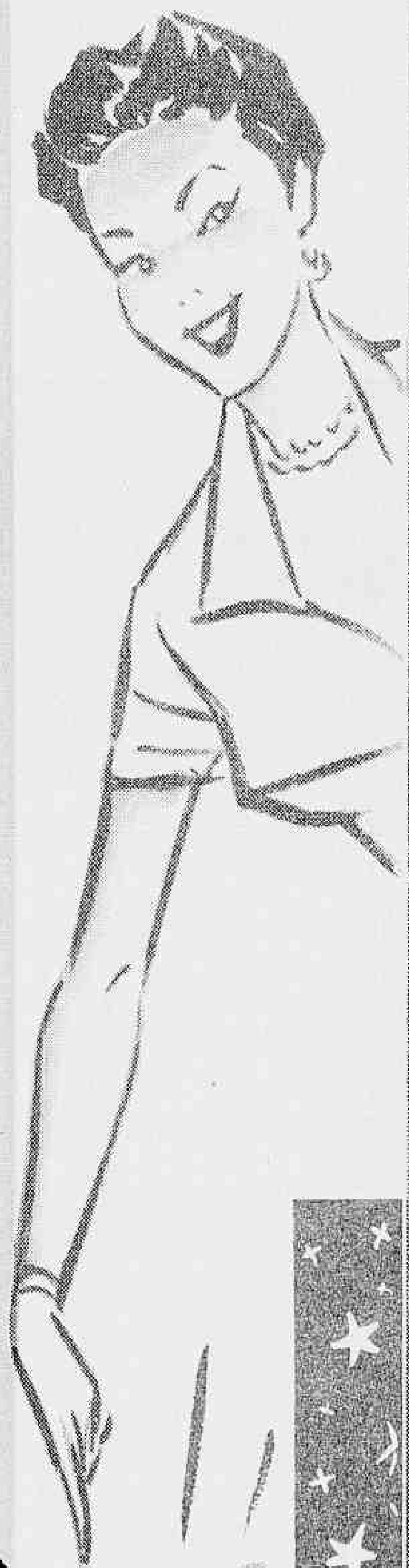


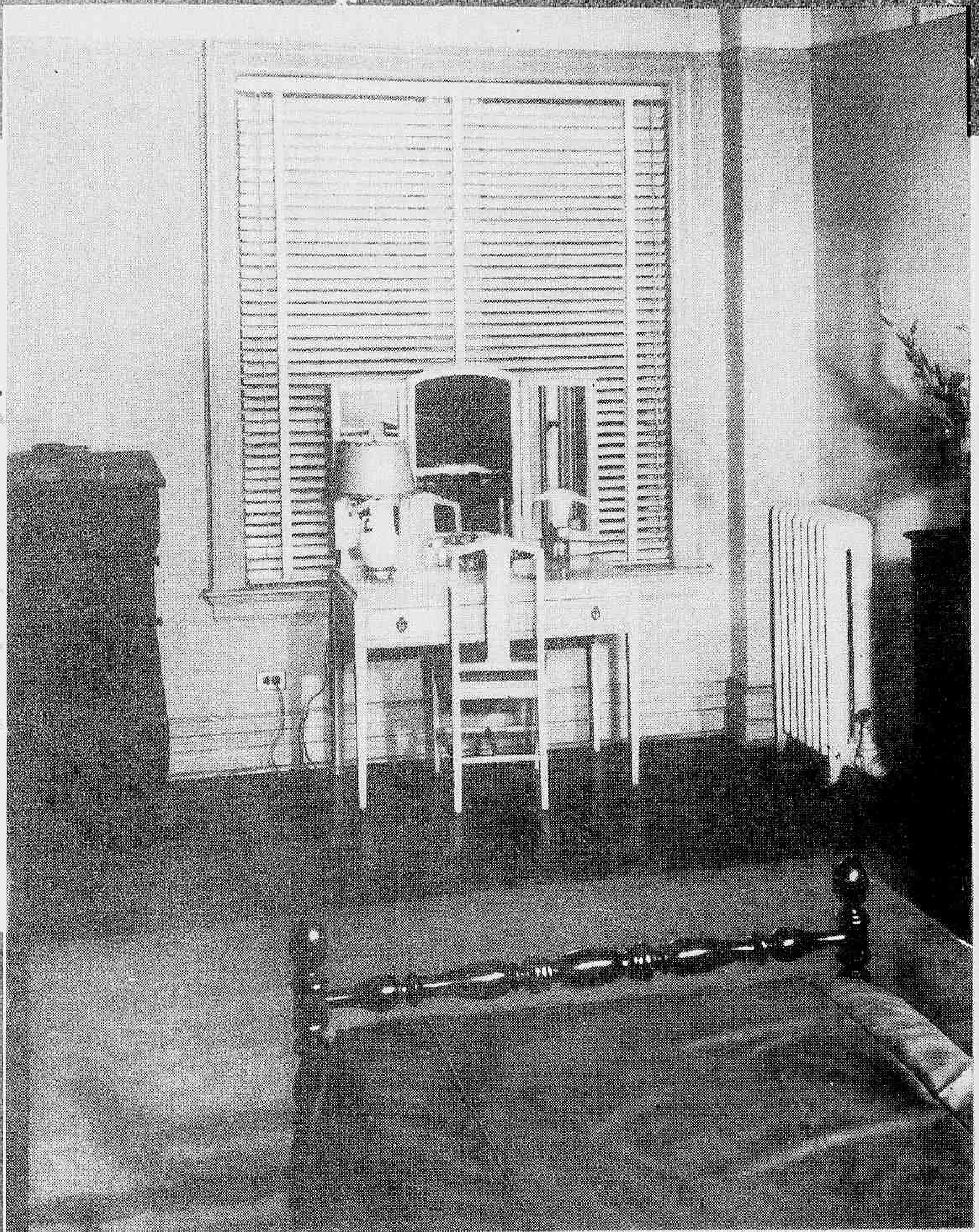
ÚLTIMO FLASH

LUZ DEL FUEGO, CANDIDATA — Aconteceu na semana passada. Uma barata côr de abóbora parou, sùbitamente, numa das áleas da Praça Paris. Metida num incrível e apertadíssimo macacão de "nylon" amarelo, dela saltou a inefável sra. Luz del Fuego, espaventada e ruidosa. Populares logo acorreram, aos quais a famosa campeã do nudismo explicou, em palavrório aceso e gestos largos, que a sua barata enguiçara. Providenciou-se um mecânico, e enquanto o mesmo punha em forma o motor da espalhafatosa conversível, a dona do carro — já agora trazendo nos braços três cachorrinhos pintados de azul — fazia um pequeno comício:

— Sou candidata a deputado Federal! Iniciarei a minha campanha dentro em breve! Meu programa é de fechar o comércio ! Liberdade e Fartura !

E assim continuou, eleitoralista e eloqüente, a encompridar promessas e a catar votos — até que o mecânico deu por finda a sua tarefa. Esperançosa e suada, lá se foi, chispante, a mulher das cobras, "pisando" valente na barata esfogueada. — (Foto ALBERTO FERREIRA).







Óleo de peroba, dá longa vida aos móveis novos e vida nova aos moveis velhos.







CIGARROS

hollywood

UMA TRADIÇÃO DE BOM GÔSTO

UM PRODUTO SOUZA CR